

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

Simone Munir Dahleh

**FEMINISMO(S) MUDIÁTICO(S): APROPRIAÇÕES DE MULHERES A
PARTIR DO PROGRAMA TELEVISIVO AMOR & SEXO**

Santa Maria, RS, Brasil

2020

Simone Munir Dahleh

**FEMINISMO(S) MUDIÁTICO(S): APROPRIAÇÕES DE MULHERES A PARTIR DO
PROGRAMA TELEVISIVO AMOR & SEXO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, Linha de Pesquisa de Mídia e Identidade Contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Comunicação.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Carolina D. Escosteguy

Santa Maria, RS.
2020

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Dahleh , Simone Munir
FEMINISMO(S) MIDIÁTICO(S): APROPRIAÇÕES DE MULHERES A
PARTIR DO PROGRAMA TELEVISIVO AMOR & SEXO / Simone Munir
Dahleh .- 2020.
143 p.; 30 cm

Orientadora: Ana Carolina Escosteguy
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2020

1. Mulheres 2. Apropriação Midiática 3.
Interseccionalidade 4. Feminismo 5. Pós-feminismo I.
Escosteguy , Ana Carolina II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, SIMONE MUNIR DAHLEH , para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

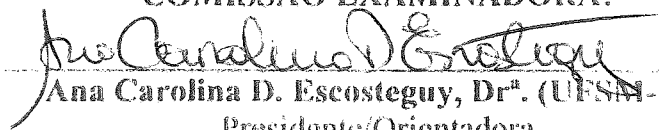
**FEMINISMO(S) MIDIÁTICO(S): APROPRIAÇÕES DE
MULHERES A PARTIR DO PROGRAMA TELEVISIVO AMOR &
SEXO**

elaborada por
SIMONE MUNIR DAHLEH

Aprova em 18 de FEVEREIRO de 2020.

Como requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Comunicação

COMISSÃO EXAMINADORA:


Ana Carolina D. Escosteguy, Dr.^a. (UFSM-RS)
Presidente/Orientadora


Veneza Mayora Ronsini, Dr.^a. (UFSM-RS)


Tatiane Leal, Dr.^a. (Fiocruz-RJ)
VÍDEOCONFERÊNCIA

Santa Maria, 18 de FEVEREIRO de 2020

À minha mãe, que sempre acreditou no poder transformador da educação.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que é a primeira mulher forte e inspiradora que conheci. Agradeço por todo apoio e incentivo que me proporciona para que eu possa continuar trilhando o caminho dos estudos.

À minha orientadora Ana Carolina Escosteguy, pelas incansáveis dicas, correções, leituras cuidadosas ao trabalho. Agradeço também pelas aulas no mestrado, que fui privilegiada em ser aluna. Com certeza, foram os componentes curriculares mais marcantes que já tive. Tu és um exemplo de professora e pesquisadora.

À professora Veneza Mayora Ronsini pelas aulas do mestrado, que me fizeram construir uma nova perspectiva sobre a vida social. Tua vontade de expandir conhecimento e amor pelo que faz me motivam a ser uma futura professora. Obrigado por aceitar fazer parte da banca examinadora, ter lido o trabalho com preocupação e por ter contribuído na qualificação com sugestões para o desenvolvimento da pesquisa.

À Tatiane Leal, que me inspira pelos textos que escreve. Agradeço por ter lido com tanto cuidado o trabalho, ter aceitado participar da banca examinadora e ter auxiliado para o avanço da pesquisa com dicas no momento da qualificação. Tuas sugestões fizeram eu mudar meu posicionamento como pesquisadora.

Às minhas irmãs e irmão por serem minha inspiração tanto de vida quanto de dedicação aos estudos.

Às minhas onze entrevistadas, sem elas esse estudo não seria possível. Vocês ficarão marcadas para sempre em minha história. Foi enriquecedor a troca com variados olhares e trajetórias.

Aos meus amigos e amigas Bruna, Natieli, Vinicius, Letícia, Yuri, Felipe, Gilberto, Cleberson, Guilherme, Rebeca e Pamela pelas escutas, incentivos e apoio.

Ao Cássio e sua família, que são minha segunda casa aqui em Santa Maria, sou grata por todo o incentivo, por me acolherem e sempre vibraram comigo.

Por fim, agradeço à CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

Não se pode escrever nada com indiferença.

Simone de Beauvoir

RESUMO

FEMINISMO(S) MIDIÁTICO(S): APROPRIAÇÕES DE MULHERES A PARTIR DO PROGRAMA TELEVISIVO AMOR & SEXO

AUTORA: SIMONE MUNIR DAHLEH

ORIENTADORA: ANA CAROLINA D. ESCOSTEGUY

Em um contexto em que a mídia constitui a sociedade contemporânea, dedicar-se a ouvir o relato das pessoas sobre ela, é procurar entender de que modo os indivíduos se apropriam e constroem suas subjetividades/identidades a partir e com ela. Dessa forma, esta pesquisa busca compreender a apropriação de mulheres sobre temáticas veiculadas pelo programa Amor & Sexo da Rede Globo. O programa tem prestígio na televisão brasileira por estar presente desde 2009 na maior emissora de televisão do Brasil. Amor & Sexo foi selecionado como forma de instigar a fala das entrevistadas sobre temas que abordam feminismo e pós-feminismo. Esse último, fenômeno mais recente, tem se manifestado principalmente na cultura midiática como uma nova roupagem ao movimento feminista. O pós-feminismo dedica-se, principalmente, ao enfoque no indivíduo, na autovigilância, no sucesso e no esforço individual confluindo para o empoderamento. O objetivo principal da pesquisa é analisar como as relações com feminismo - e pós-feminismo - no programa Amor & Sexo são apropriadas pelas entrevistadas. Como objetivos secundários pretende-se: a) conhecer o interesse das entrevistadas pelas temáticas do programa; b) identificar diferenças/similaridades nas apropriações de temas do programa por um conjunto diverso de mulheres entrevistadas; c) analisar as apropriações de mulheres sobre temas debatidos no programa Amor & Sexo. A estratégia metodológica implica quatro técnicas: entrevista semiestruturada, observação participante (assistência conjunta do programa), formulário de identificação e anotações em diário de campo. Para tal, percorremos a discussão teórica sobre os estudos culturais; epistemologia feminista; interseccionalidade; feminismo; pós-feminismo; relações dentre mídia/identidades e apropriação midiática. Ao final, foi possível perceber que as apropriações das interlocutoras sobre as temáticas em destaque variam conforme seus marcadores sociais, sobretudo, nas intersecções entre gênero, raça e classe, quando o foco concentra-se em questões representacionais. Os ideais do fenômeno pós-feminista parecem coexistir com alguns do(s) movimento(s) feminista(s). Ambos fazem parte da construção das identidades das mulheres entrevistadas. Ao mesmo tempo que há uma preocupação com questões individuais, também, reivindicam igualdade de gênero.

Palavras-chave: Mulheres. Apropriação midiática. Interseccionalidade. Feminismo. Pós-feminismo.

ABSTRACT

MEDIA FEMINISM (S): APROPRIATIONS OF WOMEN FROM THE TV PROGRAM AMOR & SEXO

AUTHOR: SIMONE MUNIR DAHLEH
ADVISER: ANA CAROLINA D. ESCOSTEGUY

In a context in which the media constitutes contemporary society, dedicating oneself to listening to people's reports about it, is trying to understand how individuals appropriate and construct their subjectivities / identities from and with it. In this way, this research seeks to understand the appropriation of women on themes broadcast by Rede Globo's Amor & Sexo. The program has prestige on Brazilian television because it has been present since 2009 on the largest television station in Brazil. Amor & Sexo was selected as a way to instigate the interviewees' speeches on topics that address feminism and post-feminism. The latter, a more recent phenomenon, has manifested itself mainly in media culture as a new guise for the feminist movement. Post-feminism is mainly dedicated to the focus on the individual, on self-surveillance, on success and on individual effort converging towards empowerment. The main objective of the research is to point out how the relations with feminism - and post-feminism - in the program Amor & Sexo are appropriated by the interviewees. The secondary objectives are to: a) know the interviewees' interest in the program's themes; b) to identify differences / similarities in the appropriation of program themes by a diverse group of women interviewed; c) to analyze the appropriations of women on topics discussed in the program Amor & Sexo. The methodological strategy involves four techniques: semi-structured interview, participant observation (joint assistance of the program), identification form and notes in a field diary. For this, we went through the theoretical discussion about cultural studies; feminist epistemology; intersectionality; feminism; post-feminism; relations between media / identities and media appropriation. In the end, it was possible to notice that the interlocutors' appropriations on the highlighted topics vary according to their social markers, above all, at the intersections between gender, race and class, when the focus is on representational issues. The ideals of the post-feminist phenomenon seem to coexist with some of the feminist movement (s). Both are part of the construction of the identities of the women interviewed. At the same time that there is a concern with individual issues, they also demand gender equity.

Keywords: Women. Media appropriation. Intersectionality. Feminism. Post-feminism.

SUMÁRIO

1 REGISTROS INTRODUTÓRIOS	11
1.1 EMPIRIA: MÉTODOS E TÉCNICAS PARA UMA PESQUISA QUALITATIVA	19
1.2 A SELEÇÃO DOS EPISÓDIOS DE AMOR & SEXO	24
1.2.1 A aproximação com nossas interlocutoras.....	29
2 ESTUDOS CULTURAIS E A RUPTURA FEMINISTA	31
2.1 É POSSÍVEL FALAR EM UM DESENVOLVIMENTO FEMINISTA?	36
2.1.2 Feminismo (s).....	42
3 INTERSECÇÕES: GÊNERO, RAÇA E CLASSE	45
3.1 QUESTÕES RACIAIS	48
3.2 QUESTÕES DE CLASSE.....	50
3.3 QUEM SÃO NOSSAS INTERLOCUTORAS.....	54
4 A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES E A MÍDIA	64
4.1 APROPRIAÇÃO MIDIÁTICA	68
4.2 AMOR & SEXO COMO RECURSO PARA AUTORREFLEXÃO	72
5 O FENÔMENO PÓS-FEMINISTA E O PROGRAMA AMOR & SEXO	79
5.1 O FENÔMENO PÓS-FEMINISTA.....	79
5.1.1 Feminismo e pós-feminismo na pesquisa em Comunicação.....	86
5.2 O PROGRAMA AMOR & SEXO.....	92
5.2.1 Temporadas de Amor & Sexo.....	93
5.2.2 Fernanda Lima.....	96
5.2.3 Amor & Sexo pelas entrevistadas	98
5.2.4 O casal Fernanda e Rodrigo.....	100
6 APROPRIAÇÕES DEMARCADAS PELAS VOZES FEMININAS	102
6.1 INTERSECIONALIDADES: QUESTÕES RACIAIS, DE CLASSE E OUTROS MARCADORES.....	102
6.2 A CENTRALIDADE DO CONTEXTO: AMBIENTE UNIVERSITÁRIO E ONLINE	108
6.3 FEMINISMO(S) EM PAUTA	112
6.3.1 Questões individuais e ênfase no corpo	114
6.3.2 Ações e contradições	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	127
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	139
APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO	141
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO	143

1 REGISTROS INTRODUTÓRIOS

Durante a graduação em Publicidade e Propaganda, um grupo de quatro ou cinco (não recordo bem) colegas se juntaram para fazer a mesma tatuagem no braço: GRL PWR, abreviação de *Girl Power*¹. Fato que chamou atenção, mas não gerou questionamento de imediato. Em 2019, uma das meninas postou um *Stories*² e então resolvi indagar o que havia instigado o grupo a tal ação. A resposta da primeira menina foi que simbolizava a união desse grupo, que juntas eram mais fortes, segundo suas palavras “o glw power é força feminina”. Continuando seu raciocínio, elas perceberam que estavam adotando uma postura feminista ao longo da graduação e juntas foram entendendo mais sobre isso. Concluiu sua fala afirmando que nunca havia pensado sobre o significado dessa tatuagem antes de eu indaga-la. Também questionei outra menina do grupo - pelo mesmo meio, em sua resposta ela afirma ter encontrado a tatuagem no *Pinterest*³ e, por já estarem querendo fazer algo juntas, essa tatuagem englobava o que haviam aprendido e o que haviam se tornado. Segundo suas palavras, “o quanto aprendemos sobre ser mulher, sobre sororidade e o quanto aquilo afetou para gente ter um novo olhar para as coisas ao nosso redor e sobre nós mesmas”.

Com certa desconfiança, o tema escolhido para ingresso no mestrado foram as representações femininas na mídia na qual traziam a figura da mulher em ascensão, “empoderadas”. A proposta tinha um tom otimista, acreditando, de fato, que a mídia estivesse reparando o “estrago” feito ao longo do tempo. Essa percepção tem origem tanto nessas representações, quanto na quantidade de meios de comunicação que têm buscado trazer, cada vez mais, figuras femininas, até mesmo com um discurso de “nós mudamos”. Referindo-se à subordinação descarada na qual a figura da mulher foi – e, em muitos casos, ainda é – representada. A visão que nutria, naquele início, é que parte da mídia poderia estar tomando consciência de suas representações e esforçando-se para um possível “reparo” das desigualdades e opressões, reproduzidas por ela e, até então, certamente, também promovidas por ela.

Algumas respostas para essas inquietações não demoraram a surgir. No primeiro semestre do mestrado, o curso Estudos Culturais Feministas, ministrado pela professora Ana Carolina Escosteguy, pareceu iluminar o que estava difícil de perceber. As desconfianças,

¹ Traduzido para o português: poder feminino. Termo que representa independência e a autossuficiência feminina.

² Uma ferramenta do aplicativo *Instagram* que permite postar fotos/vídeos que desaparecem após 24 horas.

³ Rede social de compartilhamento de fotos.

originalmente intuitivas, poderiam ter uma base teórica. Após conhecer as pesquisadoras feministas associadas ao Center for Contemporary Cultural Studies – CCCS, percebemos que esse fenômeno, aparentemente recente de exaltação da mulher que alcançou êxito em vários âmbitos de sua vida, estava sendo analisado por autoras como Angela McRobbie e Rosalind Gill e era conhecido como pós-feminismo⁴. Etiqueta, também, assumida pela mídia.

Podendo nomeá-lo, interessou-nos pesquisar questões associadas ao que se compreende como pós-feminismo e como esse fenômeno incorporado pela mídia se relaciona com a vida das mulheres. Iniciamos uma pesquisa sobre produtos midiáticos que pudessem nos ajudar a pensar como o feminismo/pós-feminismo revelam-se nesses produtos. Com a ideia de estudar a apropriação feminina de um produto midiático desse caráter, o programa *Amor & Sexo*, da Rede Globo, foi selecionado. O programa é reconhecido como feminino e feminista por sua própria apresentadora⁵.

Antes de discorrer sobre a escolha de *Amor & Sexo*, é relevante apresentar um breve histórico de programas⁶ da TV brasileira que abordaram temas relacionados às mulheres e, em linhas gerais, o que representaram para a conjuntura da época. Destacaremos dois deles. O primeiro programa de televisão brasileiro dedicado às mulheres inaugura em 1958 com *Revista Feminina*, na extinta TV Tupi. O diretor e produtor do programa, Abelardo Figueiredo, percebeu a necessidade de um programa dedicado ao universo feminino. Apresentado por Maria Thereza Grégori, o programa tinha o objetivo de entreter, informar e aconselhar as mulheres sobre assuntos relacionados à medicina, como também ao artesanato. A apresentadora do *Revista Feminina*, relata que as mulheres tinham grande interação com o programa. Enviavam cartas para ela relatando como suas vidas haviam mudado após as informações e dicas do programa⁷. Segundo Alves (2008)⁸, o programa ficou no ar por 23 anos, passando pelas emissoras TV Tupi, TV Bandeirantes e TV Gazeta. Depois de um certo tempo, Maria Thereza Grégori que havia sido convidada a apresentar o programa, tornou-se

⁴O fenômeno pós-feminista é detalhado no capítulo 5.

⁵Em uma entrevista para o site Observatório da Televisão (2017), a apresentadora Fernanda Lima declara que *Amor & Sexo* “é um programa feminino, feminista, apresentado por uma mulher que defende causas feministas e de igualdade, e que não vai aceitar nenhuma brincadeira machista ou grosseira”. Disponível em: <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/entrevista/2017/01/sou-apegada-e-apaixonada-pelo-programa-admite-fernanda-lima-sobre-amor-sexo>. Acesso em: 31/10/2018.

⁶Não é nossa intenção organizar um levantamento sistemático e completo a respeito do tema indicado, muito menos adentrar na discussão sobre os gêneros e formatos televisivos. Contudo, entendemos por programas (linguagem mais usual), *formatos*. Os formatos, em específico, que identificamos são: “formatos fundados no diálogo”, segundo FECHINE (2001).

⁷ Disponível em: <http://cartaodevisita.r7.com/conteudo/1182/era-uma-vez-na-tv-em-1958-as-mulheres-ganhavam-voz-na-tv-com-a-revista-feminina>. Acesso em 16/07/2019.

⁸ Disponível em: <http://aplauso.imprensaoficial.com.br/dicoes/12.0.813.418/12.0.813.418.pdf>. Acesso em 16/07/2019.

também produtora dele, uma revolução para a época, ter uma mulher produzindo e apresentando um programa de televisão.

O segundo programa que pode ser destacado no contexto brasileiro é o *TV Mulher*. Segundo o Memória Globo (2019)⁹, é o primeiro programa de televisão voltado para a mulher moderna, os anteriores a ele tinham como público-alvo as mulheres donas de casa¹⁰. O programa teve início em 1980. Abriu a temporada com Marília Gabriela discutindo “o que é feminino e feminismo”. A vinheta do programa apresentava uma emissora operada por mulheres. O *TV Mulher* se apresentava como um programa de variedades voltado para o público feminino. Abordava assuntos que incluíam comportamento sexual, beleza, alimentação, exercícios físicos e os direitos das mulheres. O sucesso do programa foi expressivo e a redação recebia milhares de cartas de telespectadoras com dicas, sugestões e dúvidas. Os assuntos mais solicitados pelas mulheres diziam respeito à violência contra mulher, pensão alimentar, partilha de bens no casamento, vida das mulheres na cidade e problemas no cuidado com a casa¹¹. Essa interação com as espectadoras fez a produção do programa criar novos quadros para atender à demanda. Em 1983, com o objetivo de garantir uma maior prestação de serviços, o programa passa a permitir a participação de emissoras afiliadas. Com essa alteração, cada afiliada poderia exibir um tema local no tempo destinado a essa inserção dentro do *TV Mulher*. O quadro do programa, *Comportamento sexual*, apresentado por Marta Suplicy, comentava a evolução das mulheres brasileiras. No início, Marta recebia cartas tímidas, cheias de rodeios e outras agressivas, com xingamentos e censuras aos temas. Com o tempo, as cartas se tornaram corajosas, com menos rodeios e sem protestos. O programa ficou no ar até 1986.

O *Revista Feminina* e o *TV Mulher* foram programas marcantes nas conjunturas da época. Com temas relacionados à vida das mulheres, levavam conhecimento e informação que mudaram a vida de muitas, como é descrito pelas apresentadoras dos programas que recebiam cartas com agradecimentos, indagações e até mesmo protestos, como no caso do *TV Mulher*, ao abordar assuntos relacionados a sexo.

Desde o fim do *TV Mulher*, até a estreia do *Amor & Sexo* se passam vinte e três anos. O conhecimento e as informações aumentam, porém, algumas coisas permanecem parecidas.

⁹ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher.htm>. Acesso em 16/07/2019.

¹⁰ Observa-se que há uma distinção problemática de separar as mulheres como modernas versus donas de casa, como se uma não pudesse ser moderna e dona de casa e vice-versa.

¹¹ Visivelmente as reivindicações e os problemas enfrentados pelas mulheres que mandavam cartas ao programa e os temas mais debatidos no programa destoam.

Segundo o site Memória Globo¹², o programa Amor & Sexo está no ar desde agosto de 2009. Estreou com a proposta de abordar de maneira divertida e informal dois assuntos polêmicos e “misteriosos” que seriam o amor e o sexo.

Amor & Sexo é um programa de auditório apresentado em temporadas que tem como apresentadora Fernanda Lima. Com reportagens, debates, jogos interativos com os participantes, brincadeiras e performances musicais e artísticas. O programa se dedica a abordar assuntos relacionados ao corpo – principalmente, feminino -, relacionamentos, beleza, sexualidade, empoderamento da mulher, independência, liberdade, machismo, preconceito, aborto, direito da mulher, etc.

Há uma reconfiguração do programa ao longo dos anos. No início, o Amor & Sexo possuía um tom mais descontraído, em que praticamente todo o programa tinham “brincadeiras”¹³. Com o passar dos anos, as brincadeiras e jogos são mesclados com debates mais “sérios”. O programa já buscou debater temas como violência, aborto, desigualdade, diversidade na composição familiar. Obviamente, esse produto midiático visa alcançar índices significativos de audiência.

Como veremos em nosso estado da arte, temas como o(s) feminismo(s), passam a ser pauta recorrente nos estudos da área da Comunicação no Brasil a partir de 2015 (o que denota que o assunto está fazendo parte do contexto). Acompanhando essa tendência, discussões acerca do(s) feminismo(s) vêm ganhando terreno nos espaços sociais. Tal conjuntura reflete-se na evolução do programa, definindo novas abordagens. Se nos últimos anos o Amor & Sexo tratar de assuntos mais sérios e políticos, nos anos anteriores não era assim.

O programa do dia 07/11/2013¹⁴, por exemplo, um dos episódios selecionados para assistência conjunta com as entrevistadas, fala de “amor à moda antiga”. Em uma determinada parte do programa, 6 minutos 20 segundos, especificamente, Fernanda Lima convida três mulheres (que assumem uma posição subordinada) para tratar Alexandre Nero como “rei”, fazendo massagem e dando uva na boca do ator, já que ele deixaria a bancada do programa. Nesse momento, como a pauta do programa era amor, Alexandre Nero faz uma fala dos

¹² Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditório-e-variedades/amor-sexo.htm> . Acesso em: 16/07/2019.

¹³ No programa do dia 21/07/2011, por exemplo, todo o programa acontece numa dinâmica chamada de *Strip Quiz*, em que dois casais famosos debatem assuntos de suas práticas sexuais e comportamentais, e no decorrer na dinâmica Fernanda Lima tira peças de roupas dos bonecos que representam os convidados. Há também no meio do programa uma reportagem em que Rodrigo Hilbert, marido de Fernanda, fala sobre as mulheres serem mais resistentes a dor, a exemplificação disso é ele e outros homens sofrendo ao se depilarem com cera. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/1572438/>>. Acesso em 10/20/2020.

¹⁴ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2941840/>> Acesso em: 20/10/2020.

homens que matam por amor e Fernanda Lima fala: “ah, começou” e o interrompe, cortando o assunto e banalizando o feminicídio. Aos 13 minutos do programa, o próprio ator, Alexandre Nero, se irrita com as mulheres, e diz que isso “tá enchendo o saco” dele: “a massagem cênica, porque estamos fazendo cena, né!” e Fernanda Lima responde: “ninguém tá fazendo cena”. A apresentadora então fala para as mulheres irem fazer isso em outro homem, o Chico Sá. Claramente as mulheres estão desconfortáveis de estarem naquela posição. Nesse episódio ainda, Otaviano Costa, outro ator, participante do programa, diz aos 32 minutos 23 segundos : “usem os próprios dedos quando vocês estiverem sozinhas”. Novamente, Fernanda Lima fala: “ai já começou essa palhaçada” Já em um programa de 2018 - também um de nossos programas selecionados para assistência conjunta, Fernanda Lima vai debater a importância da masturbação feminina. Com esses exemplos, conseguimos perceber a diferença existente entre as pautas e as posições do programa ao longo dos anos. Enfim, o programa e a apresentadora serão apresentados detalhadamente no capítulo 5.

Na última edição – até então, 2018, o programa e a apresentadora Fernanda Lima¹⁵ sofreram uma série de ataques virtuais, pedindo pelo fim do programa¹⁶. O cantor Eduardo Costa (apoiador do atual governo) e seus “seguidores” insultam a apresentadora. As ofensas tinham como intenção censurar o discurso de Fernanda Lima sobre as mulheres¹⁷ e sabotar o programa¹⁸. Fernanda Lima foi acusada de discursar contra o atual governo. Contudo, em nenhum momento ela critica o governo e, sim, à sociedade machista e opressora. A fala final do episódio do Amor & Sexo do dia 06/11/2018¹⁹ foi o que gerou os ataques. Esse é um dos episódios selecionados para assistência conjunta com nossas entrevistadas.

Essa mesma edição de 2018 teve algumas novidades: Djamila Ribeiro, mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), feminista e negra, começou a integrar a bancada do programa. Djamila ficou conhecida como ativista na internet e é autora dos livros “O que é lugar de fala?” (2017) e “Quem tem medo do feminismo

¹⁵ Eduardo Costa ofende Fernanda Lima e Hilbert sai em defesa da esposa. Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/11/09/interna_diversao_arte,718504/eduardo-costa-ofende-fernanda-lima-e-hilbert-sai-em-defesa-da-esposa.shtml. Acesso em: 18/07/2019.

¹⁶ Boicotado por fãs de Bolsonaro, Amor & Sexo perde até para Band no Ibope. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/boicotado-por-fas-de-bolsonaro-amor-sexo-perde-ate-para-band-no-ibope--22978>. Acesso em: 18/07/2019.

¹⁷ A fala de Fernanda Lima ocorre logo após familiares e amigos de Marielle Franco se apresentarem no palco falando do assassinato de Marielle - socióloga, política e feminista que foi brutalmente assassinada em emboscada no Rio de Janeiro no dia 14 de março de 2018. O caso ainda está sendo investigado.

¹⁸ O cenário político brasileiro – desde as eleições de 2019, foi tomado por uma onda conservadora de ataque a direitos, inclusive, alguns já conquistados. Em especial, àqueles que dizem respeito às sexualidades, gênero e populações vulneráveis – indígenas e negra.

¹⁹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7143317/programa/?s=27s>>. Acesso em: 10/01/2020.

negro? ” (2018). Segundo o site O Globo (2018)²⁰, a autora/militante feminista já havia participado dos bastidores do programa como consultora de conteúdo e, então, recebeu o convite para fazer parte da bancada fixa. Sua presença no programa nos instigou ainda mais, pois já a conhecíamos como autora e nos interessou perceber de que forma suas contribuições iriam se relacionar com as questões debatidas no programa.

Após selecionarmos o programa, inquieta-nos saber como as mulheres se relacionam com produtos midiáticos que buscam abordar tais temáticas. Daí a perspectiva teórica privilegiada no estudo. Nossa problemática de pesquisa se desenha da seguinte forma: como mulheres se apropriam do programa Amor & Sexo e de que forma negociam/assimilam/contestam as ideias do programa?

A partir desse questionamento, identificamos o objetivo principal: analisar como as relações com o feminismo - e pós-feminismo - no programa são apropriadas pelas entrevistadas. E como objetivos secundários: a) conhecer o interesse das entrevistadas pelas temáticas do programa; b) identificar as diferenças/similaridades nas apropriações de temas do programa por um conjunto diverso de mulheres; c) analisar as apropriações de mulheres sobre temas debatidos no programa Amor & Sexo. Como passos metodológicos para alcançar nossos objetivos, lançamos mão de quatro técnicas: entrevista semiestruturada; observação participante durante a entrevista e a assistência conjunta de alguma edição do programa em foco; diário de campo e formulário de identificação. As quatro técnicas são detalhadas na seção 1.2 deste capítulo.

O interesse em estudar a apropriação feminina do programa Amor & Sexo parte da problematização das questões sobre o feminismo e as mulheres. É indiscutível que nossa sociedade/mídia vem cada vez mais buscando debater essas temáticas. Obviamente, a “efervescência” do movimento feminista na atualidade, traz consigo, também alguns problemas. Na mídia, essa perspectiva – a maioria das vezes carregadas de interesses comerciais, desloca algumas questões importantes do movimento feminista enquanto enfatiza outras. Essa problematização será melhor desenvolvida no capítulo **5 O PROGRAMA AMOR & SEXO**.

Trabalhar com gênero feminino é uma forma de abordar um tema de relevância para toda uma sociedade que ainda trata e mantém as mulheres como submissas em relação aos homens. As desigualdades e a violência contra o gênero feminino ainda são presentes em nosso contexto de forma enfática.

²⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/djamila-ribeiro-estrela-na-bancada-de-amor-sexo-diz-que-preciso-ser-didatica-na-tv-23153005>. Acesso em: 25/07/2019.

Segundo o site G1 (2019)²¹, um estudo divulgado pela UNODC (Escritório das Nações Unidas para Crime e Drogas) mostra que a taxa de homicídios femininos no Brasil em 2018 é de 4 mulheres mortas para cada grupo de 100 mil mulheres, em comparação à média mundial que é de 2,3 mulheres mortas para 100 mil habitantes, significa que essa taxa é 74% superior à média mundial.

Apenas em março de 2015, foi decretada a lei nº 13.104²², para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. Essa lei refere-se à violência cometida contra a mulher por razões da condição do sexo feminino. Percebemos com essa lei o quanto a preocupação com a segurança da mulher é recente, enquanto que a violência contra ela, não. A matéria do G1 ainda relata que há uma tendência de aumento dos registros de feminicídio em decorrência da lei ser nova e da migração do que antes estava invisibilizado pela falta de classificação desse grupo de mulheres mortas²³.

Entender a relação das mulheres com a mídia pode ser uma forma de visibilizar as vozes femininas e encorajar as mulheres a refletirem sobre suas próprias posições nessa sociedade, já que, como afirma Escosteguy (2008, p. 30), os estudos de recepção que convidam as mulheres para falar de sua relação com a mídia têm se mostrado como espaços de autorreflexão dessas mulheres sobre suas próprias vidas e, conseqüentemente, sobre seu lugar de mulher na sociedade. Daí a ideia de escolher o programa Amor & Sexo da Rede Globo, presença destacada na TV desde 2009, e buscar compreender sua apropriação por telespectadoras.

O interesse por trabalhar com esse programa parte dele ser reconhecidamente feminista pela própria apresentadora e pela mídia. Uma matéria publicada pelo site UOL na Folha de S. Paulo (2018)²⁴ analisa as posições do programa, principalmente, da nova temporada de 2018, e relata que a apresentadora Fernanda Lima convoca o programa para “o foco do respeito às diferenças, do âmbito econômico ao sexual, da esfera racial à política, sem perder de vista minúcias de toda ordem”.

Estudar tal temática está imbricado, também, com minha trajetória pessoal. Acredito que só por ser mulher já seria uma justificativa pertinente para a realização de um trabalho sobre gênero e o desenvolvimento do feminismo. Somos dominadas por olhares e padrões

²¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/03/08/dados-de-violencia-contr-a-mulher-sao-a-evidencia-da-desigualdade-de-genero-no-brasil.ghtml> Acesso em 28/03/2019.

²² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm Acesso em 28/03/2019.

²³ É importante ressaltar que essa classificação não explicita a cor da pele, etnia e nem a classe das mulheres mais atingidas pelo feminicídio. O que dificulta a solução para a problemática como um todo.

²⁴ Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/globo-mostra-ousadia-ao-tomar-posicao-em-programas-como-amor-sexo/>. Acesso: 10/08/2018.

masculinos que dificilmente se interessariam por um estudo que buscasse compreender as práticas das mulheres na sociedade. Tal observação torna-se evidente quando se nota a carência de trabalhos de autoria masculina sobre tais temas, como veremos em nosso estado da arte.

Com relação à pertinência do estudo no âmbito científico, articulamos algumas informações sobre a temática do feminismo e do pós-feminismo na academia, para percebermos de que forma nossa contribuição pode ser válida nesse âmbito. O estado da arte está apresentado no capítulo 5. Adiantamos que a temática do pós-feminismo começa a ganhar fôlego nas pesquisas brasileiras a partir de 2011. Ainda que incipiente, há um crescimento das pesquisas na área da comunicação que buscam tencionar alguma questão entorno ao pós-feminismo. De qualquer forma, a única pesquisa, encontrada até então, interessada nas questões do pós-feminismo e em recepção é a de Messa (2006). À vista disso, nossa contribuição pode ser válida para o campo da comunicação, posto que, articulamos a recepção feminina ao feminismo/pós-feminismo, contribuindo para o crescimento do repositório desse tipo de estudo.

Antes de apresentar cada capítulo que compõe esta pesquisa, consideramos importante ressaltar que, em certos momentos desta narrativa, a autora utilizará a primeira pessoa do singular, já que o relato de algumas observações, decorrente da descrição das entrevistas, requer assumir esse tom.

Dessa forma, para a construção da pesquisa, no **primeiro capítulo**, nos dedicamos a explicar os passos para a realização da pesquisa, isso requer explicar as técnicas e os métodos empregados. Além disso, apresentamos os programas de Amor & Sexo selecionados para assistência conjunta e de que maneira chegamos às onze mulheres entrevistadas que fazem parte desta pesquisa.

No **segundo capítulo**, apresentamos a base onde nos ancoramos, isto é, nos Estudos Culturais, na trajetória de pesquisadoras feministas do Center for Contemporary Cultural Studies – CCCS e nas especificidades da epistemologia feminista, como uma forma alternativa de produção de conhecimento. Ainda nesse capítulo, questionamos se é possível falar de *um* desenvolvimento feminista, já que o feminismo não é caracterizado por uma unidade, indicando o risco de assumir uma narrativa organizada em “ondas”. Finalizamos o capítulo apresentando o reconhecimento do movimento feminista sobre a problemática em torno da categoria mulher no singular e a problematização em torno das diferenças entre as mulheres.

À continuação, no **terceiro capítulo** discutimos o termo interseccionalidade como uma ferramenta teórico-metodológica. Apresentamos o conceito e mostramos a aplicabilidade prática dela na pesquisa. Além disso, apresentamos por quais vias iremos nos mover na pesquisa sobre questões raciais e de classe. É também nesse capítulo que apresentamos nossas interlocutoras.

No **quatro capítulo** apresentamos a discussão teórica sobre apropriação midiática e sobre as construções das identidades nesse novo contexto globalizado. Nesse capítulo, aproveitamos para expor alguns trechos dos relatos das nossas entrevistadas mostrando como elas se relacionam com o programa Amor & Sexo e o que essa relação gera em termos de construções identitárias.

No **quinto capítulo** do trabalho apresentamos uma discussão teórica do fenômeno pós-feminista. Trata-se de uma base teórica que nos ajuda a compreender diversas questões da pesquisa. Após caracterizar o pós-feminismo, nos dedicamos a um mapeamento das pesquisas brasileiras em Comunicação que se dedicam a problematizar feminismo/pós-feminismo. Tal mapeamento tem o propósito de, além de compreender sobre como essas discussões estão se apresentando na nossa área, mostrar onde nossa pesquisa se insere, e como ela pode ser relevante, em termos acadêmicos. Nesse capítulo ainda, apresentamos detalhadamente o programa Amor & Sexo e sua apresentadora, Fernanda Lima. Também, destacamos alguns trechos da fala das interlocutoras, relatando de que forma identificam o programa.

No **sexto capítulo**, dedicamo-nos a ouvir as entrevistadas. A partir de suas enunciações criamos os agrupamentos temáticos problematizados na pesquisa. Nesse capítulo, articulamos os argumentos das interlocutoras com as principais questões discutidas no trabalho. A partir da assistência do programa Amor & Sexo, as entrevistadas debatem sobre diversas questões associadas às suas demarcações sociais, ao ambiente em que elas estão situadas no tempo/espaço e sobre as questões relacionadas a(os) feminismo(s).

Assim, nossa pesquisa busca trilhar um caminho para uma compreensão sobre as complexidades das apropriações femininas a partir de temáticas debatidas em Amor & Sexo.

1.1 EMPIRIA: MÉTODOS E TÉCNICAS PARA UMA PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa de apropriação de conteúdos midiáticos abriga uma complexidade em si, demanda um esforço do investigador em adaptar suas técnicas conforme o andamento do

trabalho²⁵. Para responder aos objetivos desta pesquisa, consideramos necessárias à aplicação de quatro técnicas: entrevista semiaberta/semiestruturada²⁶, observação participante (assistência conjunta), anotações em um diário de campo e formulário de identificação²⁷. Isso envolve naturalmente uma relação de proximidade com nossas interlocutoras, visto que além de convidá-las a responder um formulário e realizar uma entrevista, assistimos aos episódios de Amor & Sexo com elas, em suas respectivas moradias.

Concordando com Lopes (2016), compreendemos que a metodologia de uma pesquisa não pode ser redutível a uma sequência de operações rígidas e imutáveis. A aplicação metodológica não pode colocar uma “camisa-de-força” na pesquisa e impedir que o pesquisador avance e se adapte às transformações do processo.

A pesquisa qualitativa é uma característica evidente das ciências sociais por lidar com interpretações das realidades sociais. A mensuração dos fatos sociais, depende da categorização do mundo social. Para perceber as distintas noções entre as categorias sociais precisamos também, analisá-las qualitativamente (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002, p. 23).

Segundo Figaro (2017), a problemática da pesquisa revela nossos pressupostos teóricos e também repercute nos instrumentos metodológicos que utilizaremos, assim como na seleção das técnicas. Portanto, a pesquisa qualitativa ajuda a buscar respostas a pergunta-problema organizando o modo de trabalhar.

Nas ciências sociais empíricas, a entrevista qualitativa é para Robert Farr (1982, apud GASKELL, 2002, p. 65), “essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista”. Empregar a entrevista qualitativa para compreender o mundo das pessoas que entrevistamos é o ponto inicial para apreender a narrativa dos sujeitos em termos mais abstratos, “o objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (GASKELL, 2002, p. 65). Procuraremos entender por fim, como as mulheres se apropriam do programa Amor & Sexo e ressignificam em suas vidas, ou seja, a partir da fala das

²⁵ Como veremos no decorrer da pesquisa algumas adaptações precisaram ser feitas. A técnica de entrevista semiaberta, por exemplo, possui a especificidade de adequação das questões, por isso, determinadas interlocutoras respondem a algumas questões e outras não, assim como certas questões são feitas porque a própria fala das entrevistadas instiga questões não previstas originalmente.

²⁶ APÊNCIE A.

²⁷ APÊNDICE B.

entrevistadas buscamos identificar que tipo de “apoderamento”, para usar uma expressão de Thompson (1998, p. 45), as mulheres fazem com relação ao programa.

A combinação entre nossas quatro técnicas impactou de antemão no trabalho: tínhamos a pretensão de trabalhar com mulheres de diferentes idades e classes sociais. Por considerar nosso tempo de pesquisa curto e a dificuldade de acesso/comunicação com mulheres na faixa dos 50/60 anos de idade, resolvemos mudar nossos recortes. Recuamos com relação ao fator geracional e incluímos a questão racial, mantendo a de classe.

A opção de reconsiderar as questões de geração se confirmou após a leitura do texto de Gill (2016), em que a autora diz estar ciente de que as idades moldam as experiências de diferentes formas, mas se incomoda de usar o filtro geração como uma lente, já que enquadramentos geracionais sempre buscam posições polarizadas, caracterizadas por desconfianças e suspeitas dos dois lados. Além disso, a autora salienta que sempre são apenas duas gerações, e não três ou quatro. Gill conclui seu pensamento ressaltando que as diferenças políticas e ideológicas dentro do feminismo são mais empiricamente relevantes do que as diferenças de gerações.

Aliado a essa consideração, a questão racial passa a compor nossa pesquisa. Ribeiro (2017) salienta que é preciso reconhecer que, como partimos de lugares diferentes, experienciaremos ser mulher de modos diferentes. Enfatizamos ser importante destacar essa inclusão no trabalho, já que “é preciso focar nessa realidade, ou como as feministas negras afirmam há muito: nomear. Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível” (RIBEIRO, 2017, p. 41). Daí também nosso destaque à inclusão da própria Djamila Ribeiro na bancada do programa Amor & Sexo a partir de 2018. É claro que integrar a questão racial em nossa pesquisa inclui apenas uma questão a mais, de tantas outras existentes entre mulheres de diferentes contextos e posições.

O tópico de classe está presente na pesquisa como forma de perceber as possíveis diferenças/similaridades existentes nos diferentes modos que essas mulheres vivem, ou seja, como a classe social é capaz (ou não) de interferir no modo como as mulheres vivenciam questões de gênero.

Para entender essas questões, propomos as quatro técnicas de pesquisa, recém citadas. Optamos pela entrevista de tipo semiestruturada por acreditar que é a mais adequada ao tema que pretendemos pesquisar. Esse tipo de entrevista possui um roteiro de questões que irão nos guiar na hora da coleta de dados, porém esse modelo não nos limita a suas indagações. Conforme nossas entrevistadas falam sobre os assuntos questionados, há a possibilidade de discorrer sobre outros temas que consideramos pertinentes, sem estar preocupados em

responder as questões tal qual, ou seja, seguir um roteiro rigidamente. Daí aproveitar o que oferece esse tipo de pesquisa que é a flexibilidade tanto do entrevistador quanto do entrevistado, visto que as questões da entrevista vão se particularizando conforme as respostas das interlocutoras.

O formulário de identificação é um instrumento para coletarmos informações mais objetivas de nossas entrevistadas. Essa técnica nos oferece informações a respeito da posição social, renda, educação, religião, estado civil, raça e de questões culturais, ou seja, aspectos mais objetivos que a entrevistada responde em seu espaço particular para não haver constrangimentos diante da pesquisadora.

A observação participante é utilizada para compreender o que “escapa” à entrevista. É uma técnica de complementariedade. Fazer a combinação da técnica de entrevista e observação, é necessário para não deixar muito espaço para mal-entendidos que podem ser adquiridos optando apenas por observar ou entrevistar: “aconselhamos a testar suas observações através de entrevistas, quando pedirá a seus entrevistados do que se lembram de um fato que assistiram juntos” (BEAUD; WEBER, 2007, p. 95).

Há percepções que só conseguimos ter, caso estejamos disponíveis a *observar* de fato, claro, que de acordo com nossos critérios: “na observação participante, o pesquisador está aberto a uma maior amplitude e profundidade de informação, é capaz de triangular diferentes impressões e observações” (GASKELL, 2002, p. 72). De acordo com Beaud e Weber (2007, p. 98), para elevarmos a mera *atenção* à *observação*, precisamos: explicitar as percepções e impressões mentalmente e depois por escrito; tomar consciência de que as percepções não dependem apenas de um enquadre teórico, mas sobretudo de um ponto de vista empírico; fazer variar os pontos de vista que assumimos, empiricamente, para observar.

É importante sinalizar que a observação é registrada em um diário de campo, uma vez que “não há observação sem anotação” (BEAUD; WEBER, 2007, p. 97). As anotações não são feitas na frente das entrevistadas, com o intuito justamente de não constrangê-las no momento de assistência dos programas e das entrevistas. O registro é feito logo após a finalização da atividade ou no máximo no dia seguinte, para que as informações e percepções estejam “frescas” na mente. Beaud e Weber (2007, p. 105) salientam que a memorização dos detalhes de tudo que foi observado tem um curto espaço de tempo (entre um e dois dias), após esse tempo os detalhes tendem a se esvaír.

A primeira tentativa de aproximação do uso da técnica de entrevista se deu em outubro de 2018. Aproveitamos a oportunidade para fazer um “teste” de como se desenvolveria essa técnica. Foi um exercício extremamente válido. Conseguimos refletir sobre como a condução

da pesquisadora interfere na expressão da interlocutora, algo óbvio, porém difícil de ser pensado antes de “sujar as mãos na cozinha empírica” (BOURDIEU e WACQUANT, 1992, p. 192-193).

A conclusão dessa primeira experiência, foi a percepção de como cada detalhe importa. Refletimos sobre a necessidade de a pesquisadora ser a mais espontânea possível e tentar não enquadrar a conversa em um formato. A entrevistada ficou muito mais à vontade para expor-se, quando a entrevista foi encerrada e abrimos espaço para ela comentar algo que considerasse importante. Tentar tirar a “máscara” da pesquisadora no momento da entrevista pode ser o mais difícil, porém é um esforço que vale a pena, já que a condução flui de forma mais agradável e rica para ambos as posições, de entrevistadas e pesquisadora.

Assim, na aplicação da entrevista semiaberta, buscamos seguir o roteiro de perguntas propostas, porém, conforme especificidades começavam a aparecer nas respostas das entrevistadas²⁸, mais perguntas foram surgindo e outras foram sendo suprimidas²⁹.

A descrição das falas de nossas entrevistadas abrange os capítulos 4, 5 e 6. Optamos por incluir trechos das interlocutoras nos capítulos 4 e 5, pois determinados questionamentos levaram a complementação teórica destes capítulos. No capítulo 6, as próprias falas das interlocutoras levaram aos agrupamentos temáticos. Para as descrições, é considerado a exposição dos trechos mais relevantes das entrevistas, não obrigatoriamente conservando a exposição integral das falas. Da mesma forma, alguns temas dos relatos foram suprimidos, porém, consideramos que essas supressões não afetam o entendimento de como essas mulheres se apropriam de temáticas debatidas no Amor & Sexo.

Em alguns momentos, usamos o modo de transcrição inspirado em Joke Hermes (1995). Nesses casos, a indagação é descrita – para observar que pergunta gerou determinada resposta, afinal, cada questão desperta variados argumentos. Também, uma mesma questão pode gerar respostas para diferentes agrupamentos temáticos. Guiadas por Hermes (1995), também utilizaremos as técnicas por ela empregada de destacar trechos principais das falas com o recurso de negrito. Quando necessário, a partir do relato das interlocutoras, interpretamos suas citações.

Após transcrição e leitura atenta das entrevistas, decidimos pela criação de três agrupamentos temáticos principais. Vale ressaltar que são agrupamentos construídos após as

²⁸ Em alguns momentos considerávamos que algumas questões não precisavam serem feitas, outras instigava as interlocutoras a falarem mais sobre algumas temáticas.

²⁹ Destacamos aqui que não consideramos necessário expor os possíveis erros na fala das entrevistadas, ou seja, quando acharmos adequado, corrigiremos algumas flexões gramaticais e erros de português.

entrevistas e não previamente. Essa constatação é importante pois não pretendemos enquadrar as entrevistadas em categorias, mas sim, procurar pontos de semelhanças/diferenças entre as suas falas. Por essa razão, os mesmos eixos temáticos foram organizados nas seguintes seções: 6.1 INTERSECCIONALIDADES: QUESTÕES RACIAIS, DE CLASSE E OUTROS MARCADORES; 6.2 A CENTRALIDADE DO CONTEXTO: AMBIENTE UNIVERSITÁRIO E ONLINE; 6.3 FEMINISMO(S) EM PAUTA.

As apropriações são práticas que implicam em quem as interlocutoras são e na construção de suas identidades. É igualmente importante ressaltar que analisamos o que essas mulheres falam sobre seus modos de vida e não seus modos de vida em si³⁰. Outra ressalva é de que não pretendemos analisar o programa Amor & Sexo em si, mas como, a partir dele, mulheres se apropriam das temáticas que ele traz. A seguir, apresentamos de que forma foram selecionados os episódios dos programas assistidos com as entrevistadas e como chegamos às nossas interlocutoras.

1.2 A SELEÇÃO DOS EPISÓDIOS DE AMOR & SEXO

O programa Amor & Sexo está no ar desde 2009. Até o ano de 2018 estava na sua 11ª temporada. Com a finalidade de sistematizar e identificar os programas assistidos conjuntamente entre pesquisadora/entrevistada, apresentamos um quadro com o número de episódios de cada temporada, o ano de exibição e período de circulação na TV.

A seleção levou em conta a temática central do programa e sua vinculação com nosso problema de pesquisa. Além disso, no caso de 2018, todos os episódios foram assistidos pela pesquisadora, com o intuito de selecionar os temas mais recentes que o programa tem abordado. Dos outros anos, foram assistidos apenas alguns que se mostravam mais relevantes para o estudo.

Todos os episódios descritos estão disponíveis na plataforma de *streaming* Globoplay³¹. Os episódios destacados no quadro, compõem uma das etapas de seleção para a escolha de quais seriam definidos para assistência com as entrevistadas. Posteriormente, explicamos o procedimento adotado para assistência conjunta.

Temporada	Ano de exibição	Quantidade de episódios	Estreia da temporada	Fim da temporada	Episódios destacados

³⁰ Não trabalhamos com uma abordagem etnográfica.

³¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/amor-sexo/p/4715/> Acesso dia 09/06/2019.

1°	2009	10	28 de agosto de 2009	06 de novembro de 2009	Nenhum
2°	2011	8	01 de fevereiro de 2011	22 de março de 2011	Nenhum
3°	2011	9	07 de julho de 2011	01 de setembro de 2011	Programa do dia 14/07 Tema: sexualidade.
4°	2011	8	03 de novembro de 2011	22 de dezembro de 2011	Nenhum
5°	2012	6	31 de janeiro de 2012	06 de março de 2012	Nenhum
6°	2012	8	06 de setembro de 2012	25 de outubro de 2012	Programa do dia 13/09 Tema: peitos (silicone) Surge a pauta da dependência e/ou independência financeira da mulher
7°	2013	12	03 de outubro de 2013	19 de dezembro de 2013	Programa do dia 10/10 Tema: genitália feminina, depilação feminina.
7°	2013	12	03 de outubro de 2013	19 de dezembro de 2013	Programa do dia 07/11 Tema: “Amor à moda antiga”, relacionamentos amorosos, dependência no amor e amor romântico
8°	2014	11	09 de outubro de	18 de dezembro	Programa do dia 11/12 Tema: autoestima

			2014	de 2014	
9º	2016	10	23 de janeiro de 2016	02 de abril de 2016	Programa do dia 27/02 Tema: intolerância, retrocesso e tabus Assuntos como empoderamento da mulher, violência contra mulher e aborto vem à tona.
10º	2017	11	26 de janeiro de 2017	13 de abril de 2017	Programa do dia 09/02 Tema: masculinidade
10º	2017	11	26 de janeiro de 2017	13 de abril de 2017	Programa do dia 09/03 Tema: autoestima, racismo, beleza, padrões
11º	2018	10	09 de outubro de 2018	11 de dezembro de 2018	Programas dos dias: 09/10 – Tema: mudanças, liberdade, jovens, juventude, preconceitos 16/10 – Tema: “amor x cérebro” 23/10 – Tema: posição da mulher na relação familiar, constituição da composição familiar 30/10 – Tema: masculinidade, “masculinidade tóxica” 06/11- Tema: a mulher é o tema central. Se discute o fato dela ser taxada de louca, empoderamento

				<p>feminino, masturbação feminina, feminismo negro, assédio sexual, o caso Mariele Franco, a lei Maria da Penha e outros temas que interessam a nossa pesquisa. É o programa que gerou polêmica na internet³²</p> <p>13/11 – Tema: nudez e corpos. O corpo feminino é uma pauta enaltecida</p> <p>20/11 – Tema: sexo. Pauta do corpo vem à tona</p> <p>27/11 – Tema: movimento LGBT</p> <p>04/12 – Tema: felicidade</p> <p>11/12 – Tema: retrospectiva dos momentos marcantes de Amor & Sexo</p>
--	--	--	--	---

O quadro acima resulta da implementação de três passos. O primeiro é a seleção dos programas a serem assistidos pela pesquisadora para a escolha dos episódios que tratam de temáticas que tenham mais afinidades com a pesquisa. Essa atividade ocorreu de maio a junho de 2019 e gerou anotações simultâneas a assistência. O segundo passo é a organização do

³² O programa exibido dia 6 de novembro de 2018 falou sobre mulher e como nós podemos de certa forma nos defender dessa sociedade machista que nos oprime. No final do programa, Fernanda Lima dizia: “vamos sabotar o sistema dessa engrenagem de opressão, vamos sabotar os sistemas dessa engrenagem homofóbica, racista, patriarcal, machista e misógina”. Isso foi entendido por muitos internautas como uma afronta direta ao governo eleito e por isso deveriam sabotar e terminar com o programa. A apresentadora foi atacada diretamente e usou seu Instagram pessoal para se defender. A apresentadora afirma que o programa foi gravado em julho de 2018 e não teria nenhuma relação direta com o governo.

quadro acima. Após a assistência, anotações e sistematização, conclui-se pelos dezoito episódios mais relevantes, destacados no quadro³³. Destes, selecionamos sete episódios para a assistência conjunta com as entrevistadas.

Todos os episódios estavam disponíveis na página do Globoplay, à exceção da primeira temporada (2009), motivo pelo qual não conseguimos assistir a nenhum episódio daquele ano. Dos onze programas indicados no quadro acima, selecionamos os sete que se mostravam mais relevantes para assistência conjunta. São eles: o programa do dia 13/09/2012 da 6ª temporada sobre o tema do corpo (peitos/silicone)³⁴; o programa do dia 07/11/2013 sobre o tema “amor à moda antiga”, relacionamentos amorosos, dependência no amor e amor romântico³⁵; o programa do dia 27/02/2016 da 9ª temporada, sobre intolerância, retrocesso e tabus, empoderamento feminino, aborto e violência contra mulher³⁶; o programa do dia 09/03/2017 da 10ª temporada com o tema sobre autoestima, racismo, beleza, padrões³⁷; e os programas da 11ª temporada, dos dias 09/10/2018 com o tema liberdade e jovialidade³⁸; do dia 06/11/2018 com o tema mulher, empoderamento feminino, caso Mariele Franco, Lei Maria da Penha³⁹ e do dia 13/11/2018 com o tema da nudez e o corpo⁴⁰. Outros episódios do programa possuem temas pertinentes ao nosso estudo, como autoestima/genitália feminina, depilação, porém ao assisti-los não consideramos que gerariam debates que nos interessariam, pois, os temas foram tratados de forma superficial.

O terceiro passo diz respeito ao planejamento de como ocorreria a assistência conjunta. Definimos por apresentar verbalmente a temática dos sete episódios selecionados no dia do encontro com a entrevistada e solicitar que cada uma escolha qual deseja assistir. Assistimos aos sete episódios com as entrevistadas, dividindo-os conforme escolhas das mesmas ou pela nossa escolha, para garantir que todos fossem assistidos e que as diferentes temáticas fossem debatidas ou ao menos apresentadas às diferentes entrevistadas. Isto posto, apresentamos como chegamos às nossas entrevistadas.

³³ Para a seleção do episódio a serem assistidos conjuntamente, a pesquisadora assistiu aos que se mostravam mais relevantes em suas descrições no site do Globoplay (muitos tinham temáticas parecidas e logo eram deixados de lado). Do ano de 2011 a 2017, foram assistidos um episódio por ano, excluindo o ano de 2013 e de 2017 no qual foram assistidos dois por ano, por mostrarem temáticas que seriam relevantes para esta pesquisa. Da última temporada, de 2018, foram assistidos todos os dez episódios. Porém, para a assistência conjunta, destacamos apenas três deste ano.

³⁴ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/2138728/?s=03m21s>>. Acesso em: 10/01/2020.

³⁵ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/2941840/programa/>>. Acesso em: 10/01/2020.

³⁶ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/4846510/>>. Acesso em: 10/01/2020.

³⁷ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/5713203/>>. Acesso em: 10/01/2020.

³⁸ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/7077241/programa/>>. Acesso em: 10/01/2020.

³⁹ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/7143317/programa/?s=27s>>. Acesso em: 10/01/2020.

⁴⁰ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/7159828/programa/>>. Acesso em: 10/01/2020.

1.2.1 A aproximação com nossas interlocutoras

Tendo em vista os aspectos enfatizados na pesquisa, a partir de um leque de opções, foram feitos os primeiros contatos – pensando em mulheres que contemplassem as questões objetivadas pela pesquisa, com mulheres de classes diferentes, brancas e negras. Os primeiros contatos são feitos em junho de 2019. Para os demais contatos, utilizei a estratégia da “bola de neve”, em que uma entrevistada indica outras mulheres que poderiam se interessar em participar da pesquisa.

Iniciei os primeiros contatos com mulheres que já conhecia, convidando-as via as redes sociais. Após o aceite das convidadas, a ordem seguida foi: explicar como se desenvolveria a atividade, caso aceitasse, enviávamos o formulário de identificação, combinando que após o seu preenchimento se daria o retorno do contato para que pudessemos marcar as entrevistas.

Nossos contatos foram sendo direcionados de forma espontânea. Como adotamos a estratégia “bola de neve”, e as mulheres que tenho mais contato aqui em Santa Maria são mulheres universitárias, conseqüentemente, predominam na pesquisa mulheres que estão ou já passaram pelo ambiente universitário. As entrevistas ocorreram entre junho e setembro/2019. A pesquisa conta com a participação de 11 mulheres. Com idades entre 19 e 35 anos. Ou seja, mulheres jovens/adultas, estudantes universitárias e graduadas. As classes sociais e a cor de pele das interlocutoras também variam como veremos na descrição do perfil das entrevistadas, especificamente no capítulo 3. Atendem às questões incluídas no trabalho, pois é um dos objetivos da pesquisa, observar se há ou não modos diferentes de se apropriar das questões propostas pelas diferentes mulheres entrevistadas.

Uma das limitações da pesquisa - adequadas ao longo do trajeto, como já exposto, foi a inclusão ou não do fator geracional. Entretanto, além de não ter muito contato com mulheres de mais idade, por morar há pouco tempo em Santa Maria e meu entorno social ser de mulheres mais jovens, esse grupo se mostrava menos acessível à atividade proposta. Numa das experiências contamos com a ajuda de uma pessoa próxima que trabalha em um shopping da cidade de Santa Maria, para conseguir o contato com uma mulher de aproximadamente 50 anos de um determinado setor do shopping. Porém, a mulher recusou de início por se considerar tímida e não pareceu dar muito espaço para que eu pudesse dar maiores explicações.

Dessa forma, com nomes fictícios⁴¹, escolhidos pelas próprias entrevistadas, fazem parte da pesquisa: Alice, Luna, Íris, Laura, Paula, Pamela, Joane, Isadora, Amanda, Juliane e Joana. Todas são apresentadas no capítulo 3. Antes, gostaria de fazer um agradecimento especial às onze mulheres entrevistadas que aceitaram o convite de fazer parte da pesquisa. Vocês foram fundamentais para o trabalho. Muito obrigada por confiarem na pesquisa e por compartilharem suas experiências, expectativas, receios e reivindicações. Me senti muito acolhida ao ser recebida na casa de cada uma. Infelizmente, a pesquisa nos coloca algumas limitações de tempo que dificulta um contato mais aprofundado, por isso, peço desculpa, caso alguma fala tenha sido mal compreendida. Faço um esforço para transmitir tudo o que vocês procuraram demonstrar em seus relatos. E, claro, assumo plena responsabilidade pelas interpretações realizadas à luz do referencial teórico adotado.

⁴¹ Para manter o anonimato das interlocutoras.

2 ESTUDOS CULTURAIS E A RUPTURA FEMINISTA

O *Center for Contemporary Cultural Studies* – CCCS é formado em 1964. A característica marcante dos estudos culturais está relacionada a constituição de balizas teóricas associadas à época vivida. O projeto intelectual muda conforme a conjuntura do momento, indo em direção oposta às ciências mais fixas e imutáveis, “mudanças de uma problemática transformam a natureza das questões propostas” (HALL, 2003, p. 131). Outra especificidade dos estudos culturais é o seu caráter aberto e interdisciplinar. Entretanto, as intelectuais mulheres do CCCS, ao começar a problematização de questões de gênero dentro do centro, perceberam resistências e dificuldades (DÍAZ, 2009).

Em especial a partir da “virada cultural”, a ênfase das pesquisas passa a estar centrada nas questões sobre a(s) linguagem(s) e, de modo mais amplo, sobre a produção de sentido. Assim, os estudos culturais ultrapassam a análise do conteúdo da produção cultural e buscam compreender os processos discursivos por meio dos quais objetos e identidades são formadas e constituem sentido(s) (DÍAZ, 2009, p. 420).

Hall (2003, p. 208-209) aponta que o trabalho dos estudos culturais foi interrompido diversas vezes por fatores externos, uma dessas interrupções foi a causada pelo feminismo. As feministas chegaram como que de surpresa, “sem serem convidadas”, arrombando as janelas dos estudos culturais: “chegou como um ladrão à noite, invadiu; interrompeu; cagou na mesa dos estudos culturais” (HALL, 2003, p. 209). Antes de seguir nosso pensamento, é importante sinalizar aqui que, apesar de Hall se referir ao feminismo como algo externo, as feministas já realizavam estudos dentro do CCCS. Isso pode ser constatado por meio do relato de Brunson (1996, p. 280):

Na primeira vez em que li essa avaliação, eu queria esquecê-la imediatamente. Negá-la, ignorá-la, desconhecê-la – não reconhecer a agressão ali contida. Não tanto para negar que as feministas do CCCS, durante os anos 70, haviam feito um poderoso desafio aos estudos culturais, na forma como estavam constituídos naquele momento e naquele lugar, mas para negar que tivesse acontecido da forma ali descrita.

É verdade que poucas mulheres trabalhavam no centro. Entretanto, afirmar que o feminismo chegou como uma surpresa inconveniente, foi recebido com espanto pelas estudiosas que participavam ativamente do centro de investigação.

Desde a instauração do CCCS (1964) até a data da formação do *Women’s Studies Group* (1974), apenas duas ou três mulheres faziam parte do centro, diante de cerca de vinte homens. Elas trabalhavam em vários subgrupos de estudos que se formavam na instituição,

mas em nenhum deles observavam o interesse em estudar as mulheres como sujeito de pesquisa. As estudiosas se encontravam em uma situação de isolamento, enquanto os homens do centro discutiam os textos teóricos e acadêmicos e, sobretudo, demarcavam as problemáticas a serem investigadas. As pesquisadoras começaram a perceber que havia uma ausência estrutural importante sobre questões referentes às mulheres naqueles estudos (DÍAZ, 2009).

Com o apoio do *Women Liberation Movement* e a chegada em 1974 de mais mulheres interessadas em pesquisar sobre mulheres, organizaram-se para criar o *Women's Studies Group*. O grupo inicialmente estava aberto à participação de homens e mulheres. O primeiro homem que se juntou ao grupo, fez isso no segundo semestre do ano de 1975 (DÍAZ, 2009).

Nesse período inaugural, as pesquisadoras relatam uma preocupação e um caráter ambíguo do grupo: possuía a função de apoio mútuo entre seus membros, o que gerava problemas tanto em termos de trabalho quanto na maneira como elas o realizavam. O dilema era: como mulheres poderiam ser o sujeito e o objeto de seu próprio estudo. Isso gerava uma tensão, mas também lhes dava o impulso político para realizar seu trabalho (DÍAZ, 2009). Nesse sentido, as pesquisadoras feministas desafiam as lógicas da “ciência neutra” e validam os aspectos subjetivos dos sujeitos como parte do desenvolvimento do conhecimento científico.

Em junho de 1976, as mulheres do grupo decidem criar um fórum fechado exclusivamente de mulheres para mulheres, essa exclusão dos homens foi uma estratégia para ampliar a expressão das mulheres, para que as vozes femininas oprimidas - pelo poder patriarcal, pudessem falar por si mesmas e constituir confiança (R. Larne apud BRUNSDON, 2007). Essa definição – teórica e política, separatista, foi importante para que as mulheres compreendessem suas situações e pudessem criar suas próprias análises (Mitchell apud BRUNSDON, 2007). Grupos minoritários geralmente necessitam de um espaço próprio para produzir conhecimento. A ciência é um campo constituído de relações de poder e, por isso mesmo, os outros – não abarcados em uma determinada forma de fazer ciência, reivindicam um lugar diferente, sem as vozes dominantes.

Em 1978, o *Women's Studies Group* organizou a primeira antologia de estudos culturais focada exclusivamente em estudos femininos, intitulado: *Women Take Issue: Aspects of Women's Subordination* (1978). O livro não apresenta nenhum dos membros de seu grupo editorial como editor principal, limitando-se a oferecer uma lista de autores na primeira página. O primeiro ensaio explica como o volume foi produzido, isto é, por um grupo de pesquisadoras e pesquisadores do *Women's Studies Group* (nove mulheres e dois homens).

Na capa do livro, há uma ilustração que resume os espaços em que as mulheres da classe trabalhadora se moviam - contexto monótono e submisso aos homens. O objetivo do livro é político e contextualizado no ambiente acadêmico (DÍAZ, 2009).

As autoras afirmam que o objetivo desse trabalho é problematizar as noções existentes na sociedade sobre o papel e a construção do sexo e de gênero, assim como questionar como essas noções são adquiridas e transmitidas. Fazem isso através das noções formuladas pelo feminismo, da análise da ausência de estudos femininos e das análises de pesquisas formuladas por mulheres como um ato político.

As dificuldades assumidas nessa primeira analogia diziam respeito as seguintes pautas: a quem interessava o que se estava produzindo? E para quem se estava falando? Isso, de certa forma, demonstrava a insegurança dessas mulheres em um campo dominado por vozes masculinas e de pouco espaço para a presença feminina.

A segunda antologia *Off-Centre: Feminism and Cultural Studies* (1991), buscava continuar o trabalho coletivo desenvolvido nos subgrupos do centro. As pesquisadoras esclarecem que a relação entre feminismo e estudos culturais nem sempre é uma relação conciliadora. Tanto no que diz respeito às práticas de trabalho, quanto aos pontos de vista intelectuais e políticos. Mas, ao mesmo tempo, afirmam que essa segunda antologia foi produzida com um forte compromisso de aperfeiçoar essa relação. Nesse texto, as estudiosas não se concentraram apenas em documentar a opressão das mulheres, mas também, começaram a desenvolver teorias mais gerais para explicar como e porque se formava a subordinação das mulheres (DÍAZ, 2009).

Os estudos feministas desse primeiro período (década de 1970) no CCCS, segundo Escosteguy (2016, p. 66), privilegiavam uma posição de equivalência entre mulheres e feministas, mostrando como estamos inseridas numa mesma categoria, no qual sofremos as consequências de uma sociedade patriarcal. Essas análises tinham o foco de mostrar como os discursos dominantes da mídia reforçavam os papéis desiguais e opressores de gênero. E, embora tivessem a motivação de demonstrar essas desigualdades entre os homens e mulheres, estabeleciam uma unidade unificadora e universalizante.

Isso muda na década de 80, quando se questiona sobre tal universalização. O foco das questões de desigualdades de gênero se desloca para a valorização das diferenças em torno da categoria mulher. Passam a ser destacadas, principalmente, questões de raça, geração e

orientação sexual. Obviamente, a questão da classe estava desde o início no horizonte dessas análises⁴².

Nessa fase, além da incorporação de novos temas, as experiências das mulheres diante dos textos midiáticos passam a serem relevantes para as pesquisas. Ou seja, o sentido de um texto não está necessariamente em si mesmo, e, sim, na articulação entre sujeitos, textos e seus contextos (ESCOSTEGUY, 2016, p. 68).

O feminismo reorganizou a agenda de estudos do CCCS, introduzindo a expansão da noção de poder, questões políticas associadas ao pessoal, estudos da subjetividade e da psicanálise. Houve uma consolidação pelo interesse em estudar a vida cotidiana das pessoas – de onde emanaria as desigualdades, o modo de ser do sujeito e a experiência vivida.

A subordinação de grupos oprimidos, geralmente é legitimada por referência à “natureza”, característica associada a algo que não pode ser mudado, o que é originário (BRUNSDON, 2007, p. 485). Para Brunson (2007), o que dá força a esse argumento em relação às mulheres é a diferença biológica e anatômica em relação aos homens. É inegável que possuímos diferenças físicas com os homens, a questão é usar essas diferenças como justificativa de superioridade com relação às mulheres. Brunson (2007) sugere então, que o argumento utilizado para contrapor esse discurso está centrado em uma questão ideológica.

A capacidade procriadora da mulher faz com que sejamos mais aproximadas à natureza do que os homens e, por sua vez, a feminilidade – construção social, é entendida como expressão natural dessas diferenças, encontrando amparo no âmbito familiar. Somos definidas pelo “destino”, para sermos esposas e mães, ou seja, sermos parte da vida privada de outras pessoas. Tudo isso, resulta no argumento de que as mulheres são posicionadas politicamente, ideologicamente e economicamente na esfera do pessoal/privado e familiar (BRUNSDON, 2007, p. 490).

As mulheres encontravam-se (e ainda se encontram) em uma subordinação estrutural que ainda está oculta, já que essas práticas são relativas às experiências “naturais” das mulheres (BRUNSDON, 2007, p. 495), tornando mais difícil a desestruturação dessa barreira. É dessa forma que as questões dentro de casa (privado/pessoal) passam a ser questões políticas (público) que merecem ser problematizadas. Consequentemente, o pessoal tornou-se político (HANISCH, 1969). A vida cotidiana foi revelada como uma estrutura de opressão e subordinação mesmo estando nos níveis mais íntimos, “banais” e ordinários.

⁴² Como na obra clássica dos Estudos Culturais, *The Uses of Literacy*, de Richard Hoggart (1958), e mais tarde o trabalho *Resistance through rituals: youth subcultures in postwar Britain*, de Stuart Hall e Tony Jefferson (1976).

Fazer as mulheres falarem de suas experiências pessoais fizeram com que elas reconhecessem aquilo como construções sociais – e políticas, e não como natural ou pessoal. Nos esquivar de questionar o pessoal é ignorar a especificidade de opressão que é imposto no modo como vivemos. Estar atenta às experiências femininas é a chave para entender o que determina que nossas experiências sejam opressivas e subordinadas, de modo a modificá-las em um nível que ultrapasse o individual (BRUNSDON, 2007, p. 496).

Nesse sentido, o modo de fazer pesquisa feminista, contradiz a tradição filosófica. Opondo razão x emoção, público x privado, as feministas desafiam essa lógica, legitimando o conhecimento subjetivo, criando uma ruptura no modo de produzir conhecimento. As mulheres transformam os saberes ao incorporar os espaços públicos e a produção científica.

Falar em ruptura feminista implica pensar em uma (ou várias) epistemologia/projeto feminista de ciência (RAGO, 2019). Não podemos negar que existem especificidades no modo de fazer *ciência feminista*.

Desmascarando o mito da “ciência neutra” e imparcial, as feministas trabalham na via da produção de um contradiscurso, convertendo o conhecimento até então estável e inquestionável. “O feminismo não apenas tem produzido uma crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operação e articulação nesta esfera” (RAGO, 2019, p. 373). As feministas rompem com a forma antiga de pensar e propõem um modo alternativo de produzir conhecimento. Além dessa busca por uma maneira singular de pensar, as mulheres trazem consigo uma experiência diferente da masculina e isso produz efeitos transformadores e reais que vertem em suas pesquisas.

Desestabilizando as noções fixas, as pesquisadoras transformam o saber “universal”, operando e modificando as categorias excludentes, suas críticas “incidem na denúncia de seu caráter particularista, ideológico, racista e sexista” (RAGO, 2019, p. 374). Além disso, elas trazem para o campo científico novos temas de estudos, anteriormente invisibilizados por essa mesma lógica inquestionável - da objetividade e da neutralidade, que garantia a veracidade do conhecimento. Com o questionamento feminista, essas noções já não são mais aceitáveis.

A crítica feminista traz à tona as diferentes relações de poder. O âmbito privado passa a ser *visto*, e a categoria “mulher”, no singular passa a ser questionada. O sujeito deixa de ser ponto de partida e passa a ser considerado dinamicamente em toda a sua complexa inserção nas relações sexuais, sociais, étnicas, religiosas, etc. A teoria feminista propõe que as identidades devam ser pensadas sempre em relação as construções sociais, culturais, étnicas e sexuais (RAGO, 2019).

Sandra Harding (2019), assim como outras feministas questionam se o feminismo não estaria também propondo um tipo de poder-saber que tanto criticamos. Como Rago (2009) comenta, todos os grupos minoritários – relativamente organizados, estão lutando também por um lugar de reconhecimento no campo científico. Não podemos negar que mesmo grupos minoritários – como no caso das mulheres, possuem diferentes relações de poder dentro dele. Ser mulher branca, ser mulher negra, ser de classe média/alta/baixa, ser lésbica, ser indígena... são dimensões que produzem níveis diferentes de desigualdades.

Ao produzir um tipo de conhecimento, obviamente, estamos relacionados com uma certa forma de poder. Daí a importância também em pensar e pôr em prática estudos interseccionais, para que não cair no abismo de criar o que nós mesmas criticamos.

Para Sandra Harding (2019), as análises feministas devem compreender os processos sociais como ativos, em constante transformação. Uma estratégia para isso é voltar nossas atenções para a instabilidade das categorias analíticas e aceitar isso como uma característica própria a nosso favor: “usar as próprias instabilidades como recurso de pensamento e prática” (HARDING, 2019, p. 99). Nosso objeto de estudo – a vida social, não é estática, pelo contrário, está em transformação continuada, seria contraditório então (e inadequado) quereremos categorias analíticas fixas e imutáveis. O que geraria novamente exclusões.

De uma dificuldade para se inserir no campo da ciência até a constituição de um modo de produzir conhecimento próprio, as feministas rompem com diversas lógicas dominantes. A ruptura feminista apontada por Hall (2003) se deve a esse diferente modo de produção de conhecimento. Na seção seguinte iremos abordar de que forma a trajetória – dominante do feminismo é contada, os limites de se apresentar uma narrativa descrita em ondas, a pluralidade do movimento e as diferentes demandas entre as mulheres.

2.1 É POSSÍVEL FALAR EM UM DESENVOLVIMENTO FEMINISTA?

O título da seção questiona se é possível falar em um desenvolvimento do movimento feminista, como um modo linear de conhecimento. O movimento não é caracterizado por constituir uma unidade. É perigoso falarmos em *uma* trajetória feminista ou, especificamente, em ondas do feminismo. Isso porque, o modo de contar essas narrativas geralmente é associado a uma perspectiva branca, de classe média e ocidental. Para não correremos o risco de reforçar um feminismo branco, perpetuando exclusões, buscamos apresentar um delineamento do movimento feminista a fim de situar a manifestação pós-feminista, de suma

importância para este estudo. Porém, sem esquecer das vozes, geralmente, silenciadas das feministas negras e descoloniais/decolniais⁴³.

Com a consciência de que reiterar a narrativa da perspectiva das ondas feministas marca exclusões, identificaremos algumas características que definiram esses momentos, já que não podemos negar que a teoria das ondas feministas marca o movimento - por mais que gere exclusões e silenciamentos. Para não cair no abismo de reproduzir apenas uma narrativa, também incluímos a perspectiva descolonial/decolonial e das feministas negras.

Um desafio aos estudos descoloniais é demarcar o sujeito que faz pesquisa - geograficamente e politicamente, para desmistificar o mito da ciência neutra. O pesquisador descolonial demarca o seu espaço, seus “lócus de enunciação” (NASCIMENTO, 2018). Acostumados a ocultarmos o sujeito político que produz pesquisa, acabamos perpetuando essas vozes como universais, o que legitima uma única forma de narrar a história, como é o caso das “ondas do feminismo”. Essa narrativa é uma trajetória contada por mulheres brancas, heterossexuais, de classes elevadas que dificilmente descreveram a história das *outras*, das mulheres negras, não ocidentais e de classe baixa, que também - há muito tempo, já estavam lutando e reivindicando seus direitos. O problema dessas narrativas “universais” é que, geralmente, invisibilizam diferenças raciais, sexuais, étnicas e de classe. Descolonizar o feminismo é pensar que dentro do próprio movimento existem relações de poder.

Com certa prudência, é importante explicitar alguns marcos do movimento feminista. Suas primeiras reivindicações diziam respeito à luta pelo direito ao voto feminino, o acesso à educação e ao trabalho fora do lar. Apesar do movimento ter conquistado êxito nestes aspectos, conseguiram ganhos para *algumas* mulheres, “não conseguiram, no entanto, diminuir as desigualdades raciais que obstaculizam maiores avanços para as mulheres negras nessa esfera [do trabalho]” (CARNEIRO, 2019, p. 276).

Além disso, estas reivindicações “vestidas” de vozes universais dificultam a visibilidade de distintos aspectos para as mulheres negras. É sabido que a maioria das mulheres negras que estão inseridas no mercado de trabalho ocupam lugares de menos prestígio e mal remunerados. Ribeiro (2017) explicita o seguinte argumento que nos ajuda a entender essa questão: quando ouvimos que mulheres ganham 30% a menos que homens em seus salários, esquecemos de apontar que mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos, homens negros ganham menos do que mulheres brancas, e mulheres negras

⁴³ Não entraremos na discussão sobre o termo descolonial/decolonial. Apenas fazemos menção a algumas premissas associadas à problemática.

ganham menos que todos. Para demonstrar seu argumento a autora traz dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2016): “39% das mulheres negras estão inseridas em relações precárias de trabalho, seguidas pelos homens negros (31,6%), mulheres brancas (26,9%) e homens brancos (20,6%)” (RIBEIRO, 2017, p. 40). Quando as mulheres negras conseguem ter acesso e investir em educação “elas se dirigem a empregos com menos rendimentos e menos reconhecimento” (CARNEIRO, 2019, p. 277).

Um segundo momento do movimento feminista está associado aos objetivos políticos, principalmente, do Movimento de Libertação das Mulheres. Nesse, o modo como as mulheres eram representadas na mídia foi foco privilegiado de debate, sobretudo, na Europa. O objetivo dessas mulheres, nessa fase, era mostrar que a maneira como a mulher é apresentada nos meios de comunicação influenciava na forma como os outros as percebiam em termos de capacidades e papéis sociais.

As representações femininas midiáticas, particularmente, giravam em torno de reforçar posições femininas de dona de casa e cuidadoras ou, ainda, estabelecer padrões de comportamentos, mostrando jovens atraentes e magras como sendo as únicas passíveis de atratividade física. “Afinal, pensamos, sem a boa forma, não teremos oportunidades alguma de ser *vencedores*” (COSTA, 2004, p. 200, grifo do autor). O propósito das feministas era mostrar que essas representações não eram naturais do imperativo biológico, mas sim reforçadas pela mídia como predisposições⁴⁴ para manter o *status quo* (WHELEHAN, 2014). A outra parte que geralmente não é contada desta história é o apagamento das mulheres negras dos meios de comunicação ou ainda a representação que inferioriza e não “representa” as mulheres negras. Quando não são excluídas da mídia, as mulheres negras – geralmente, são retratadas como coadjuvantes, domésticas, megeras e agressivas (hooks⁴⁵, 2019). Para reverter esse quadro, “as mulheres negras vêm atuando para não apenas mudar a lógica de representação dos meios de comunicação de massa, como também capacitar suas lideranças

⁴⁴ Com a reportagem do dia 27.mar.2019 percebemos que esses discursos continuam em voga: “Sob bênção de Damares, deputada prega sobre 'armadilhas do feminismo' no Ministério da Mulher”. A ministra atual da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, convida a deputada catarinense Ana Carolina Campagnolo (PSL) para palestrar no ministério com o tema “As armadilhas do feminismo” na qual afirma que “meninas têm certas preferências e tendências” ao concordar com a polêmica de Damares: “Meninas vestem rosa e meninos vestem azul” e outras frases que afirmam ser natural da mulher a predisposição a ocupar certos lugares. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/sob-bencao-de-damares-deputada-prega-sobre-armadilhas-do-feminismo-no-ministerio-da-mulher.shtml>. Acesso em 09/07/2019.

⁴⁵ Gloria Jean Watkins, conhecida como bell hooks, utiliza o pseudônimo inspirado no nome de sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A autora utiliza todas as letras minúsculas em seu nome como uma forma de desafiar as convenções linguísticas. Com isso pretende enfatizar o conteúdo da sua escrita e não de sua pessoa.

para o trato com as novas tecnologias de informação” (CARNEIRO, 2019, p. 283), para efetivamente transformar as representações das mulheres negras nos produtos midiáticos.

A fim de atentar a essas representações dominantes – e brancas, naturalizadas pela parcela privilegiada, bell hooks (2019) fala em “olhar opositor”. Aquele olhar construído a partir de contradições e questionamentos. A autora (2019) enfatiza que, embora mulheres negras construam esse modo opositor de ver, não podemos entender essa diferença como uma postura essencialista, como se todas as mulheres negras, intrinsecamente, tomassem essa consciência. Muitas vezes, essa oposição pode não acontecer, já que, algumas mulheres negras não vão enxergar essas contradições porque suas visões foram colonizadas. Ou seja, a consciência de suas representações não leva automaticamente à politização, pois esse é um caminho longo, que ocorre gradativamente, em um processo de descolonização.

Ainda nesse segundo momento, as feministas, principalmente, europeias, com o propósito de desafiar os padrões de beleza/estéticos, começaram a interromper concursos de beleza, jogar tinta em anúncios de pornografia e arrancar propagandas ofensivas – principalmente de metros, ações que fizeram com que as feministas fossem vistas como incapazes de competir com aquelas mulheres que haviam conquistado êxito por meio de sua aparência. Atitudes que contribuíram para que as feministas fossem conhecidas como radicais, *status* que se mantem até os dias atuais (WHELEHAN, 2014).

Para Whelehan (2014), esse foco nas representações das mulheres influenciou várias áreas de estudo, nas artes e nas humanidades. Na década de 70 e início de 1990, houve protestos contra a publicidade e produções culturais ofensivas, de tal modo que os produtores começaram a tomar cuidado com as representações que vinculavam à figura da mulher. No entanto, os pesquisadores de mercado logo incorporaram essa “nova roupagem” feminista a favor da produção e geração de lucros.

Angela McRobbie, pesquisadora associada ao CCCS, é uma das críticas feministas que contribuiu para os estudos de representação ao pesquisar revistas femininas e a cultura da juventude feminina. Sua pesquisa busca revelar como as mensagens ideológicas transmitidas na mídia muitas vezes estão disfarçadas como formas de conduta comportamental de gênero (WHELEHAN, 2014).

Na conjuntura da América Latina, a “segunda onda” se desenvolve em meio ao regime militar, ao contrário de outros países do norte global que apresentavam um clima favorável ao movimento de luta das mulheres. Uma especificidade do movimento feminista no Brasil, na virada para a década de 1970, é o estabelecimento de uma ligação com a luta contra a ditadura militar. Na redemocratização (1980), a participação política das feministas, aliadas aos

partidos políticos progressistas, fez com que suas prioridades fossem metas coletivas, em detrimento dos direitos individuais femininos. Nesse contexto, importa debater a sexualidade, o direito reprodutivo, o aborto e a marcação da diferença. Assim, nessas circunstâncias, temas referentes à cultura – e mídia –, não eram objetos de debate privilegiados da época (ESCOSTEGUY, 2016, p. 65).

Carneiro (2019) reconhece as conquistas do movimento de mulheres do Brasil. Para além de avanços na constituição de 1988, que destituiu o pátrio poder, o movimento contribuiu para a luta contra a violência doméstica e sexual, enfraqueceu as relações de público e privado, visibilizando a violência doméstica. No campo da sexualidade, as conquistas abarcam as noções de autonomia do corpo e dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher. Embora reconheça essas conquistas como de suma importância para o feminismo, Carneiro (2019) ressalta que, além dessas reivindicações, as mulheres negras e indígenas possuem demandas específicas que não foram abarcadas pelo feminismo do período mencionado. A esterilização, por exemplo, foi pauta privilegiada durante muito tempo pelas feministas negras. Essa prática era comumente adotada por mulheres de classes baixas por não obterem acesso a métodos contraceptivos reversíveis.

Nesse período, também, como já vimos, com o lema “o pessoal é político”, a vida no espaço privado das mulheres começa a ser problematizada. Expande-se a noção de justiça já que, por muito tempo, o âmbito privado havia sido negligenciado (FRASER, 2009). Começou a importar a vida cotidiana das mulheres, o modo de ser e a experiência vivida. As questões de dentro de casa (pessoal) passam a ser questões políticas que merecem ser problematizadas.

Há, portanto, nesse momento do feminismo, significativo deslocamento do lugar de onde fala o sujeito. Se, na primeira onda do feminismo, se evidenciam, em diversos lugares do mundo, movimentos de mulheres que reivindicam a participação no espaço público e a garantia de condições igualitárias no mundo do trabalho, a segunda onda relocaliza o sujeito e o situa no espaço privado, de onde estariam a emanar todas as desigualdades (MARTINS, 2015, p. 234).

Como já explicitado, os estudos feministas da década de 70, no CCCS, segundo Escosteguy (2016, p. 66), privilegiavam uma posição de igual entre mulheres, mostrando como estamos inseridas numa mesma posição, na qual sofremos opressões parecidas. Na década de 80, a categoria “mulher” no singular passa a ser problematizada pelo caráter universalizado. Na década de 90, novas temáticas de estudo tornam-se relevantes. As experiências das mulheres diante dos textos midiáticos também ganham foco nas pesquisas de caráter cultural (ESCOSTEGUY, 2016, p. 68).

Essa terceira fase do movimento, caracteriza-se, principalmente, pela crítica ao uso monolítico da categoria “mulher”. A partir desse momento, o movimento feminista (dominante) começa a pensar nas especificidades das *outras* mulheres que até então não eram abarcadas nas análises. O discurso que tratava as mulheres como categoria única, desloca-se para um debate que reflete sobre as variáveis que afetam a identidade de gênero, como etnia, raça, nacionalidade e orientação sexual (MARTINS, 2015, p. 236).

Para Sarmiento (2014), a terceira onda tem como característica um certo repúdio às ideias da segunda onda, em uma tentativa de “matar” o feminismo, por abandonar os propósitos originais ou contestar suas ideias, entre o que seria aceito ou não. Nessa discussão, para a autora, encontra-se o fenômeno do pós-feminismo “e o impacto perverso da relação entre feminismo e capitalismo” (SARMENTO, p. 75).

Porém, Whelehan (2014) afirma que o feminismo da terceira onda é diferenciado do pós-feminismo. Na terceira onda se reconhece a contribuição da segunda onda. As feministas da terceira onda celebram uma identidade que carrega os valores feministas em novos “disfarces”, marcados pela cultura popular e tendências focadas no estilo, moda, maquiagem e em uma cultura corporal. A feminista da terceira onda interroga, interage e se apropria dos significados do feminismo para seu próprio fim, enquanto o sujeito do pós-feminismo seria mais passivo. Para a autora, o pós-feminismo pode ser definido como um desprezo/negação ao feminismo ou ainda como uma reivindicação de atualização do movimento.

Enfim, como observamos, o movimento feminista não compõe um todo unificado. A definição de “ondas”, apesar de ser um marco nos estudos feministas, vem sendo repensada e contestada, já que há um apagamento nessa trajetória de outras narrativas feministas, que não brancas, ocidentais, de classe alta e heterossexuais. Essa cronologia é contestada porque as outras mulheres sempre estiveram reivindicando e lutando por seus direitos, mas não eram reconhecidas. É só a partir da década de 80 que o movimento começa a repensar suas categorias universalizantes.

Se por um lado, para algumas autoras, a terceira onda abrange o pós-feminismo, para outras, o pós-feminismo é um fenômeno diferente, de repulsa ou atualização das ideias do feminismo, principalmente, da segunda onda. Detalharemos o pós-feminismo com mais ênfase no capítulo 5, particularmente em sua relação com a mídia. Pretendemos dessa forma mostrar como as características que compõem esse fenômeno podem ser identificadas no programa Amor & Sexo.

A seguir, buscaremos mostrar como o feminismo começa a ser problematizado como universalizante, já que o movimento demora a reconhecer a heterogeneidade existente entre as mulheres.

2.1.2 Feminismo (s)

Na década de 90, argumenta-se que os estudos feministas devem ser apresentados como parciais, já que não existe uma categoria única de mulher. Embora possam haver similaridades entre as opressões sofridas pelas mulheres, não podem ser vistas como universais (ESCOSTEGUY, 2016, p. 70). Como afirma Ribeiro (2017, p. 51), “o não reconhecimento de que partimos de lugares diferentes, posto que experienciamos gênero de modo diferente, leva a legitimação de um discurso excludente, pois não visibiliza outras formas de ser mulher”. O movimento se desloca da defesa da igualdade para o reconhecimento das diferenças entre as mulheres. No âmbito da crítica feminista de mídia, principalmente, essa ideia torna-se ainda mais contundente (ESCOSTEGUY, 2016, p. 70). Assim se inicia um processo de dissolução da categoria homogeneizante de mulher.

Inspirado pelas reflexões de pensadores pós-modernistas e pós-estruturalistas que colocaram em cena a ideia de desconstrução de valores e verdades universais, o feminismo se deparou com a fragmentação e a proliferação do sujeito que até então orientava sua ação. De uma pretensa unicidade em torno do conceito de mulher, tem-se hoje uma pluralidade de sujeitos já descritos até mesmo como hifenizados: mulher-negra, mulher-homossexual, mulher-camponesa-pobre (PINHEIRO, 2016, p. 7).

O sujeito deixa de ser ponto de partida e passa a ser considerado dinamicamente em toda a sua complexa inserção nas relações sexuais, sociais, étnicas, religiosas... da mesma forma, as identidades passam a serem pensadas como construídas social e culturalmente.

Entretanto, algumas pesquisadoras feministas têm sugerido o retorno do sujeito mulher, proposto na década de 70, isso porque o conceito de gênero teria ficado em segundo plano e questões de raça, etnia, sexualidade e particularidades históricas individuais seriam priorizadas, o que levaria ao enfraquecimento da luta política de emancipação das mulheres (PINHEIRO, 2016). Porém, não é apenas o gênero que produz opressão, raça, etnia, sexualidade, classe, são variáveis que não andam descoladas do sujeito.

Reconhecer apenas as opressões de gênero é manter as disparidades. Se a luta é pelo coletivo, as variáveis identitárias não podem ser hierarquizadas. O propósito é politizar as desigualdades de gênero, isto é, observar em cada grupo específico as demandas que emanam

desse lugar, pois, tendo marcas sociais diferentes irão produzir necessidades diferentes para se mover e estar em sociedade (CARNEIRO, 2019).

Reconhecendo que o sujeito produzido pelo conceito de gênero, leva a uma categoria universal e essencializada do que seria mulher, um grupo de pesquisadoras feministas da pós-modernidade não trabalha na desconstrução do sujeito mulher, mas sim, utiliza-o no plural para além de conferir sentido político, incluir a diferença existente entre elas (PINHEIRO, 2016). Não podemos excluir o sujeito da pesquisa; igualmente é problemático utilizá-lo no singular, já que o gênero não é o único marcador social responsável pelas opressões que as diferentes mulheres enfrentam.

É a partir desse momento que as pesquisadoras críticas ao fenômeno do pós-feminismo começam a questionar não só as desigualdades entre homens e mulheres, mas também entre as próprias mulheres. A noção de sujeito não se define no ponto de partida, como defendido pelo feminismo na década de 1970/1980, mas se constrói nas subjetividades históricas e culturais, marcado por relações de poder (PINHEIRO, 2016, p. 17). Nesse sentido, cada caso deve ser visto como tendo suas particularidades. Ou ainda, como afirma Escosteguy (2019, p. 10), “há o reconhecimento de que qualquer ponto de vista feminista obrigatoriamente deve ser apresentado como parcial porque, embora as mulheres possam compartilhar interesses comuns, esses não são universais”.

A teoria feminista deve então demarcar o posicionamento do sujeito que faz pesquisa, analisar para quem se está falando e com quais propósitos. Falar em sororidade, por exemplo, é voltar no princípio de que existe uma categoria uma de mulher e de que não existem diferenças entre as mulheres. Leal (2019) percebe que a sororidade - termo analisado por ela, possui limitações. Apesar de unir e empoderar algumas mulheres, perpetua a exclusão de outros marcadores identitários. A sororidade reconheceria uma irmandade entre mulheres, confinando-as apenas a variável de gênero, o que acometeria ao apagamento de outras marcas sociais, por isso, o conceito tem sido repensado, ora propondo o seu abandono, ora pensando em reformulações.

Por fim, há dois pontos a serem considerados. De um lado, estudiosas que pedem o retorno da categoria mulher, pois outras questões, como raça, classe e sexualidades, estariam sobrepondo-se às questões de gênero. De outro, pesquisadoras que defendem a valorização das diferenças entre as mulheres, já que considerar apenas gênero significa oprimir outras mulheres. De qualquer forma, não podemos perder de vista as intersecções relacionadas às questões de gênero. A formação de uma categoria demarca força e reforça seu aspecto político, mas é preciso estar atenta as diferenças existentes e as relações de poder dentro de

uma determinada categoria, por isso, incorporar aspectos raciais e de classe, por exemplo, torna-se essencial para entender a luta de gênero em sua complexidade. É o que buscamos mostrar no capítulo a seguir.

3 INTERSECÇÕES: GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Faz parte da proposta desta pesquisa incorporar o termo interseccionalidade, articulando sua potência política como forma de abranger a complexidade existente em todo e qualquer processo social. Especificamente, aqui, busca-se acionar o termo como uma ferramenta teórico-metodológica. Portanto, de um lado, incorporamos a discussão teórica sobre interseccionalidade e, de outro, integramos mulheres de diferentes classes e cor de pele, assim articulamos diferentes marcadores sociais. Por essa razão, o grupo investigado abarca mulheres brancas e negras de diferentes classes sociais a fim de compreender suas apropriações sobre temáticas tratadas no programa Amor & Sexo.

A problemática da interseccionalidade se apresenta como um desafio à pesquisa. Eu, como pesquisadora branca, estudante universitária e conseqüentemente inserida em um grupo socialmente privilegiado, adotei até um certo momento do trabalho, uma perspectiva dominante – e branca, a mesma perpetuada em grande parte dos estudos nas ciências sociais. Na tentativa de corrigir esse rumo, faço um esforço na direção de incorporar e de me apropriar da problemática recém mencionada.

Historicamente, o acesso às universidades foi um privilégio para pessoas brancas e de classes mais elevadas, sendo uma das conseqüências o caráter de ciência “neutra” das pesquisas que, na realidade, é dominado pela branquitude e pelas classes abastadas, resultando em um apagamento histórico de outros grupos sociais minoritários. Sandra Harding (2019) enfatiza que a categoria “mulher universal” começa a ser questionada quando nos deparamos com experiências de qualquer outra mulher que não essa branca, de classe elevada e do Ocidente. É de se pensar quando Harding nos diz que as feministas teóricas procedem dessas camadas que isto não é decorrente de conspiração e, sim, de um padrão histórico que faz com que esses indivíduos sejam mais privilegiados em relação a outros. Essa mulher privilegiada dispõe de tempo e recursos para fazer teoria.

Em contraposição, por exemplo, o estudo de Eclea Bosi (2007) sobre as leituras das operárias, mostra que aquelas mulheres – não privilegiadas, liam o que tinham acesso e quando dispunham de tempo e disposição, já que essa não era uma atividade prioritária no seu cotidiano de mulher da classe trabalhadora. Como salienta Harding (2019), devemos então perceber e refletir sobre o que a ciência não faz, o que fica de fora e as razões dessas exclusões - e também, das inclusões. Por esse motivo, a presente pesquisa tem o desafio de atentar às diferenças das mulheres. Buscar debater e articular os significados de negritude e branquitude constitui um dos desafios dos estudos feministas na atualidade (SANTOS, 2016).

Apesar do feminismo ser uma ciência que busca confrontar a neutralidade científica, também sofre desafios relativos à sua possível neutralidade, já que surge em um contexto europeu e dominante. Obviamente, existem autoras e autores que vem atentando para esse fato e apesar de apontarem a importância de considerar os articuladores de gênero, classe e raça nas pesquisas, como salienta Santos (2016) e Libardi (2019), dificilmente desenvolvem essa articulação em seus trabalhos. O que resulta novamente em um negligenciamento dos marcadores sociais.

Recente levantamento mostra que apesar de ser possível identificar estudos de caráter interseccional na área da Comunicação e, portanto, de investigações que articulam gênero a outros marcadores identitários, o termo interseccionalidade é ainda pouco explorado no nosso campo. Essa é a conclusão da análise de Libardi (2019) que, apesar de localizar 26 pesquisas que abordam o termo interseccionalidade com algum aspecto comunicacional no período de 2008 a 2018, identifica apenas quatro que lançam mão do conceito para analisar um objeto comunicacional – todas dissertações. Das quatro dissertações, somente uma é considerada um estudo interseccional, já que a autora da pesquisa utiliza o conceito como uma ferramenta teórico-metodológica, analisando seu objeto de estudo pelo olhar interseccional. As outras três pesquisas parecem apenas utilizar o conceito para ressaltar sua importância de articular os diferentes marcadores sociais, mas não o utilizam na análise dos dados em si mesmos.

Pensar em estudos de interseccionalidade é pensar além da exploração/dominação de questões associados à gênero. É também buscar problematizar outros marcadores que produzem igualmente opressões e explorações, para não continuar reproduzindo e naturalizando outros marcadores de diferenças. Para que uma opressão não apague ou sobressaia a outra, é preciso enxergar o todo complexo que envolve as relações sociais que optamos por estudar, e mais que enxergar, precisamos ainda não hierarquizar as opressões (HIRATA, 2014). É necessário um esforço para articular os marcadores sociais analiticamente e não apenas teoricamente, para ultrapassarmos a mera descrição e compreender que as desigualdades não ocorrem de forma isolada.

O termo interseccionalidade foi usado pela primeira vez no texto da jurista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw em 1989 para designar a interdependência nas relações de poder entre raça, sexo e classe. Apesar desse termo ser utilizado apenas no final da década de 1980, sua problemática vem do *Black Feminism* do final dos anos 1970. (HIRATA, 2014). O termo só começa a ficar conhecido a partir dos anos 2000, isso mostra como o feminismo negro já estava se articulando politicamente antes do movimento feminista começar a reconhecer as diferenças entre as mulheres. O feminismo negro definiu a interseccionalidade

como um referencial fundamental para o movimento, já que as mulheres negras são afetadas por diversos sistemas de opressão (SANTOS, 2016, p. 17).

Hirata (2014) busca demonstrar a não hierarquização nos estudos de Crenshaw (1994) e Kergoat (1978). Embora cada autora foque na articulação de diferentes marcadores sociais, é importante o destaque de não hierarquização das formas de opressão nos estudos de intersecção em ambas autoras: “a interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos” (AKOTIRENE, 2019, p. 43). A questão não é somar ou combater apenas uma forma de opressão, já que os marcadores identitários não estão separados entre si, mas sim analisar em cada caso específico qual marcador não pode ser ignorado, que condições atravessam e moldam as experiências dos sujeitos. Por mais que alguns marcadores não sejam enfatizados - pelas limitações da pesquisa, caso sejam sublinhados, não podem ser ignorados, ainda que possam aparecer periféricamente no desenho da pesquisa.

Nesta perspectiva, a crítica à categoria interseccionalidade se acentua. O argumento de Kergoat (2010) é de que pensar a categoria de interseccionalidade geometricamente, em termos de cartografias, nos leva a naturalizar as categorias e pode colocar as análises das relações sociais em posições fixas, o que é inadequado para questões sociais que são fluidas e dinâmicas. Nesse sentido, Brah (2006) comenta que o problema nos estudos de intersecção é o essencialismo que transcenderia os limites históricos e culturais. As posições não são fixas pois as relações sociais também não são. É necessário um esforço para não generalizar grupos sociais, o que levaria novamente a naturalizações inadequadas.

Mais do que opressões de gênero, as desigualdades sofridas pelas diferentes mulheres – de classes, raças, etnias e sexualidades diferentes – ultrapassam as questões de gênero. Seguindo esse raciocínio, “‘apenas gênero’ geralmente significa ‘apenas mulheres brancas’” (HACKWORTH apud, GIL; TOMS, 2019) e, justamente por isso, distintos aspectos devem ser pensados em toda sua complexidade. É um trabalho de responsabilidade e correção do movimento feminista que manteve por muito tempo a invisibilidade das diferenças entre as mulheres, como se a categoria dominante abarcasse as diferenças, o que, obviamente é um engano e legitima desigualdades.

Em nossa pesquisa, achamos relevante enfatizar além das questões de gênero, a questão racial e a identidade de classe. Nos envolvemos com mulheres de diferentes cores de peles e pertencentes a diferentes classes sociais. Apesar de a maioria das mulheres entrevistadas ter tido contado ou estar cursando o ensino superior, elas ocupam posições sociais e experiências diferentes, ou seja, estar nesse lugar de privilégio não reduz ou

essencializa as opressões por elas sofridas. Ao contrário, mesmo ocupando esse espaço de institucionalização, interpretam e se inserem no meio social de forma diferente. Portanto, além das questões de gênero, raciais e de classe, não devemos perder de vista a inserção dessas mulheres no ambiente do ensino superior.

3.1 QUESTÕES RACIAIS

Usamos o título desta seção como questões raciais pois temos a ciência de que só existe a raça humana. O termo raça, sob a óptica biológica, é inapropriado. Os seres humanos variam apenas conforme suas aparências físicas. Apesar disso, o termo raça adquire validade no senso comum, especialmente onde a cor da pele exerce poder sobre os processos sociais: “a impropriedade biológica do uso da categoria [...] não impede que o fenótipo dos indivíduos seja socialmente tratado como atributo racial, o que exige que as políticas de diversidade, para fins de promover a igualdade, levem em conta a ideia de raça (BENTO, SILVA e SILVA JR, 2010, p. 49). Desse modo, apesar de contraditório, é necessário a utilização do termo raça para tratar de diferenças sociais.

Falar em gênero implica, ao menos, considerar as questões de raça e classe. O gênero não se constitui separado de, pelo menos, esses dois marcadores. Não problematizar essas questões ou aceitar que já estão postas é demarcar ainda mais as exclusões que permeiam o social. Como diz Djamila Ribeiro (2017, p. 41), é preciso nomear essa realidade para que sejam reconhecidas as diferentes posições. Por isso mesmo, esses aspectos devem ser considerados e investigados. Falamos de intersecções porque estruturas de classe, raça e gênero não podem ser consideradas como independentes, pois estão articuladas, se constituem e são constitutivas uma das outras (BRAH, 2006). Entretanto, essa articulação não ocorre sem desafios. Obviamente, a relevância de estudar diferentes marcadores – mesmo aqueles que não marcam nossa própria identidade, traz tensões para a pesquisa. O trabalho deve ser ponderado e bem posicionado, já que há diferentes níveis de poder em ambas posições, de pesquisadora e entrevistadas, ou mesmo entre as próprias entrevistadas.

Avtar Brah (2006) busca compreender como outros marcadores de identidade como gênero e classe se ligam a diferença racial. A autora propõe, ao revisar o movimento feminista, que os feminismos negro e branco não devam ser vistos como opostos ou categorias fixas, “mas antes como campos historicamente contingentes de contestação dentro de práticas discursivas e materiais” (BRAH, 2006, p. 331). A autora propõe analisar a subjetividade e a construção da identidade para compreender as dinâmicas de poder da diferenciação social.

A classe foi um elemento importante na constituição do conceito de “negro” como cor política, isso porque transformou a política de classe ao questionar os discursos que afirmavam a predominância da mesma (BRAH, 2006). A autora parte de uma análise macro a fim de analisar como o gênero é construído e representado de diferentes maneiras em diferentes localizações, nos processos políticos, econômicos e ideológicos. Nessas estruturas de poder não existimos apenas como mulher, mas sim, em suas especificidades: mulheres da classe trabalhadora, mulheres imigrantes, mulheres camponesas, mulheres estudantes, mulheres lésbicas... Nesse sentido, “a diferença é uma diferença de condições sociais” (BRAH, 2006, p. 341).

Analisar gênero sem ter o pano de fundo da raça é feminismo branco, como salienta Brah (2006, p. 345): “a racialização da subjetividade branca não é muitas vezes manifestamente clara para os grupos brancos, porque ‘branco’ é um significante de dominância, mas isso não torna o processo de racialização menos significativo”. Por isso, é necessário analisar o que nos constrói como “mulher branca” ou “mulher negra”. Tais associações não são apenas meras descrições, mas sim categorias hierarquicamente organizadas em torno de questões econômicas, políticas e culturais, que diferenciam as opressões sofridas por diferentes mulheres.

A autoclassificação por cor de pele nos cadastros públicos é uma reivindicação histórica do movimento negro no Brasil. Dado que, por muito tempo, houve uma invisibilidade das desigualdades sofridas por pessoas negras, o que gerou um ocultamento histórico dos indicadores sobre esse grupo social (BENTO, SILVA e SILVA JR, 2010). Exemplo disso é o nível elevado de violência que acomete mulheres negras em relação a mulheres brancas. Portanto, “desconsiderar o marcador racial nas pesquisas [...] representa a limitação da compreensão de como se manifesta a opressão de gênero, implicando, conseqüentemente, na construção de estratégias deficientes para o enfrentamento dessas problemáticas” (SANTOS, 2016, p. 27). Torna-se essencial e necessário demarcar os grupos sociais para diminuir as desigualdades, já que a universalização das categorias cria exclusões e salienta as disparidades. Reconhecer as diferenças irregulares é uma forma de romper com a invisibilidade dos grupos minoritários.

Há uma tendência em tratar discussões sobre o feminismo e o racismo com o foco nas opressões das mulheres negras sem abrir discussões sobre como o gênero das mulheres negras e brancas é construído por meio da classe e do racismo, o que fortalece os processos pelos quais as dominações permaneçam invisíveis (BRAH, 2006). Isso não significa que a autora

entenda mulheres brancas e negras como categorias essencialmente fixas em oposição, mas sim que existem contestações que devem ser levadas em conta, pois existem diferenças em distintas posições, ou seja, é necessário perceber se as diferenças são diferenças laterais ou construídas hierarquicamente (BRAH, 2006, p. 358).

Desse modo, a autora busca evidenciar como um mesmo contexto pode ter variados significados. O cotidiano de cada sujeito é construído socialmente em suas diferentes inter-relações: “como uma pessoa percebe ou concebe um evento varia segundo como ‘ela’ é culturalmente construída” (BRAH, 2006, 362). O mesmo evento pode produzir diferentes discursos, mas mesmo assim construir marcas históricas coletivas com significados variados.

É por isso que consideramos relevante trazer este aspecto em nossa pesquisa. Embora tenhamos consciência que é um tema extremamente amplo e difícil de tratar, é importante considerá-lo, como defende Djamila Ribeiro, de modo a demarcar sua existência. No caso em tela, o mesmo programa de TV pode ter diferentes modos de apropriação para diferentes mulheres. Um aspecto pode ser relevante para algumas, enquanto passa despercebido para outras. Observar a apropriação das entrevistadas, também, pelo ângulo racial é assegurar o lugar de fala de diferentes mulheres.

3.2 QUESTÕES DE CLASSE

A identidade de classe na pesquisa se apresenta como um marcador social crucial a ser abordado. Apesar de ser um tema teoricamente e socialmente complexo, não podemos ignorá-lo. A classe é agente determinante das experiências e identidades dos indivíduos. Igualmente uma variável de poder. Para Thompson (1987, p. 10) “a consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais”.

O interesse em aproximar essa questão à nossa pesquisa é perceber (ou não) como a classe infere nas relações das mulheres com a mídia e com seu modo de viver e perceber o mundo. Novamente, Thompson (1987, p. 9) é útil para nosso estudo, pois compreende classe como um fenômeno histórico capaz de unificar acontecimentos aparentemente díspares e desconectados entre si. Ou seja, por meio das classes sociais, seria possível identificar similaridades/diferenças nas relações humanas.

De todo modo, compreendemos a complexidade da discussão de classe⁴⁶. Não temos a pretensão de responder a todas as especificidades dessa questão. Contudo, como dito anteriormente, consideramos relevante problematizar questões de classe e raça, por acreditar, serem dimensões importantes no que diz respeito a uma pesquisa que busca entender o modo como as mulheres se apropriam de um produto midiático. Essa apropriação, como veremos, contribui na construção das subjetividades/identidades das mulheres. Esta breve explicação tem apenas o objetivo de esclarecer que, por um lado, não desprezamos a classe social. Contudo, reconhecemos a dificuldade de implementar na pesquisa empírica uma noção prática sobre essa problemática tão densa e vasta.

Assumimos a limitação do nosso estudo de não aprofundar teoricamente este tema e reconhecemos igualmente que há diversas vias sobre cada uma das questões que pretendemos abarcar, pois “enquanto as contradições fundamentais da sociedade não forem superadas, haverá distintas perspectivas de classe, de raça e de gênero” (SAFFIOTI, 2019, p. 207). É importante também ressaltar que - como já vimos, assim como a consciência racial não se dá automaticamente, a consciência de classe e de gênero também não. Em alguns casos, os marcadores identitários não modificam a perspectiva dos sujeitos, “como a ideologia dominante penetra largamente na ideologia dominada (ou contra-ideologia), esta apresenta contradições mais profundas que na primeira” (SAFFIOTI, 2019, p. 208). Através de resultados de sua pesquisa, Ronsini (2016) complementa: “os ideais de feminilidade propagados socialmente e que circulam pela mídia (impressa, audiovisual, digital) são adotados por mulheres de diferentes classes” (p. 46). Por isso, a posição social e a disposição de classe podem ser incoerentes. A conscientização da posição de classe não significa automaticamente uma mudança de perspectiva ou ação, é um processo complexo que passa por níveis de interpretação dependentes do contexto e experiência de cada mulher.

Como debatido por alguns autores em seus textos (BRAH, 2006; CANCLINI, 1990; MARTÍN-BARBERO, 1997; HALL, 2006), não é mais possível pensar na complexidade da vida social articulando apenas a classe como único marcador identitário. Apesar dela – a classe - continuar tendo um peso significativo para as construções das identidades, devemos pensá-la conjuntamente com outros marcadores sociais, para não nos impedir de pensar as especificidades dos conflitos articulados no meio da cultura (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.

⁴⁶ Beverley Skeggs (1997), por exemplo, envolve-se por 12 anos com sua pesquisa sobre gênero e classe. Porém, esse fator não deve ser um impedimento para que se dedique esforço no tratamento da questão.

39). Igualmente não podemos invisibilizar a classe, fazer isso é abdicar da responsabilidade (por meio do privilégio) dos efeitos que esse marcador produz (SKEGGS, 2002).

Não podemos negar a classe em nosso estudo, já que a categoria “mulher” é sempre produzida por meio de processos que incluem classe e essa classificação produz efeitos reais que são experienciados diariamente na vida das mulheres. Pelas experiências estarem sempre posicionadas e classificadas (classe média, classe baixa, heterossexual, lésbica, feminina, feminista, branca, negra etc), produzem respostas diferentes no modo como as mulheres constroem suas subjetividades (SKEGGS, 2002). Assim, o mesmo programa de televisão pode ser significado de forma diferente por distintas mulheres.

Obviamente, aqui não se trata de recuperar essa discussão, complexa e ampla demais na delimitação de nosso estudo. Reconhecemos a existência de variadas correntes na definição de classe social. Para fazer uso desse conceito em nosso estudo, optamos pela autoidentificação, conforme apresentada por Salata (2015). Nossa escolha para que as próprias interlocutoras declarem sua posição de classe, ou seja, aquela que acreditam pertencer, parte da dificuldade de tratar de assuntos financeiros com elas⁴⁷. De modo geral, percebemos que a renda marcada como renda familiar não condizia com seus estilos de vida.

Já que o reconhecimento é um momento significativo na construção da subjetividade (SKEGGS, 2002), a reflexão de Salata (2015) mostra como pode ser expressiva a autoidentificação, já que os aspectos subjetivos do sujeito podem ter uma dimensão independente da estrutura objetiva, criando limites ou oportunidades/possibilidades que, por sua vez, geram consequências reais para a formação de classe. Como Skeggs (2002, p. 5-6) afirma, as construções discursivas são reconhecidas como uma forma de posicionamento. As mulheres sempre foram posicionadas por uma construção discursiva histórica de classe e isso gera efeitos reais sobre como elas compreendem a si mesmas e aos outros. As categorias de classe operam em um princípio organizador que permite acessos e limitações.

Salata (2015) busca contra argumentar com a pesquisa “A Nova Classe Média” da Fundação Getúlio Vargas (FGV), coordenada por Marcelo Neri (2008), na qual se afirmava que, em decorrência dos avanços socioeconômicos dos anos 2003 a 2008, o Brasil teria se tornado um “país de classe média” e, nele, a maioria da população teria uma renda intermediária. Essa nova classe média ou a “classe C” repercutiu com muita significância nos

⁴⁷ No início de nossa pesquisa, as primeiras entrevistadas não compreendiam a questão da renda (questão 20 do formulário de identificação) e marcavam alternativas que correspondiam apenas à renda que elas recebiam e não à renda familiar, como estava explicitado na questão. Isso fez com que tivéssemos que retomar o contato, explicando a pergunta. Isso gerou um incômodo em ambas as partes.

meios de comunicação da época⁴⁸. O estudo de Neri (2008) foi criticado por vários autores, a maioria filiados à sociologia (como, por exemplo, Souza, 2010⁴⁹), por ter a renda como único critério para definição de classe.

Para Salata (2015), a identidade de classe é tomada como uma posição de reivindicação e pertencimento a determinados grupos sociais. Essas posições geram disputas em relação às formações de classe, já que podem ser contestadas ou reforçadas. De outro modo, Ronsini (2016, p. 47-48) afirma que a luta das mulheres comuns em se contrapor a certos valores e imaginar uma nova forma de viver é uma forma de resistência e autonomia que podem gerar diferenças reais. Obviamente, essas lutas estão, majoritariamente, em pequenas resistências do dia-a-dia dessas mulheres, mas isso já possui um potencial transformador de suas realidades sociais.

Para estudar a relação entre as identidades de classe e o nível econômico, Salata (2015) trabalha com as variáveis de rendimento⁵⁰, escolaridade, categoria ocupacional e tipologia de consumo⁵¹. A justificativa para tais critérios é que escolaridade e categoria ocupacional são estruturas confiáveis da posição social dos indivíduos que ajudam a explicar as desigualdades.

Seguindo a estratégia do autor, foram incluídas ao longo de nossas entrevistas as mesmas perguntas que o pesquisador realizou em seu estudo: “A qual classe você acha que você pertence?” E “entre a lista de opções abaixo (classe alta, classe média alta, classe média, classe média baixa, classe trabalhadora, classe baixa/pobre e nenhuma classe), a qual classe você acha que você pertence?”⁵². Enfim, o estudo de Salata (2015) buscou analisar como os próprios indivíduos identificam sua posição socioeconômica.

⁴⁸ “Nova classe média brasileira está cheia de vontade de comprar”. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1247074/>. Acesso em: 02/07/2019.

“Classe média brasileira já representa mais da metade da população do país”. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2149934/>. Acesso em: 02/07/2019

“A nova classe média quer empreender”. Disponível em: <https://tv.estadao.com.br/tv-pme,a-nova-classe-media-quer-empreender,211320/filtro/pme>. Acesso em: 02/07/2019.

⁴⁹ Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Jessé de Souza. Editora UFMG, 2010, 354 p.

⁵⁰ Questão 20 de nosso formulário de identificação. Apesar da dificuldade de aplicação dessa questão, decidimos mantê-la e complementar com uma questão no roteiro de entrevista. Na qual indagamos:

“A qual classe você acha que você pertence? E “ entre a lista de opções (classe alta, classe média alta, classe média, classe média baixa, classe trabalhadora, classe baixa/pobre e nenhuma classe), a qual classe você acha que pertence? ”

⁵¹ Em nosso formulário de identificação utilizamos também essas variáveis, mas com algumas modificações. Ao invés de categoria ocupacional, trabalhamos apenas com ocupação; no lugar da tipologia de consumo, optamos por conhecer o consumo de lazer de cada mulher.

⁵² Durante as entrevistas, essas questões foram explicadas, naqueles casos onde isso foi necessário.

Os resultados de sua pesquisa (SALATA, 2015) mostram que os indivíduos de classes mais elevadas (camadas “AB”), que possuem renda familiar elevada, nível superior de escolaridade e estão inseridos em categorias ocupacionais de prestígio, são os que mais se identificam com a classe média no Brasil. Isso seria consequência da ideia de formação da classe média europeia e norte-americana, que foge da nossa realidade. Por isso mesmo, o autor deixa claro que, embora esses indivíduos mais abastados da sociedade sejam os que se reconhecem como pertencentes a essa classe, eles não são os indivíduos da camada intermediária do país.

O autor conclui seu raciocínio afirmando que quem se reconhece com a classe média brasileira seriam os indivíduos das camadas “AB” e não as pessoas da camada intermediária “C”, como proposto por Neri (2018). A camada da população brasileira que seria a “nova classe média” não apresenta identificação muito clara com nenhuma classe em específico. Para identificar-se com essa classe, os sujeitos acreditam que devem possuir um padrão de vida estável, ter ensino superior, acesso a lazer e diversão, o que normalmente, de fato, foge do padrão de vida de um sujeito que estaria na classe C (camada intermediária).

Por fim, nosso interesse em incluir a questão de classe nos ajuda a compreender os processos culturais que permeiam esse aspecto. Abordamos a classe com o intuito de associá-la a outros processos sociais, igualmente importantes. Abandonar a classe tornaria mais difícil identificar e desafiar a base da desigualdade que as mulheres experimentam (SKEGGS, 2002). A classe como categoria operativa requer coletar muitos dados se não se deseja incorrer no esquematismo de reduzi-la à renda – um trabalho que não temos a pretensão de fazer, por ora. O que pretendemos é compreender de que classe as entrevistadas se consideram e se essa posição aparece de alguma forma no modo como elas se apropriam das questões debatidas no programa Amor & Sexo e no que elas dizem sobre suas experiências vividas. Como veremos a seguir, mesmo tendo rendas/estilos de vida e valores variados, algumas entrevistadas acreditam pertencer a mesma classe social, por isso, a importância de incluirmos outros fatores para compreender de forma mais adequada seus modos de vida e suas apropriações.

3.3 QUEM SÃO NOSSAS INTERLOCUTORAS

Nesta subseção apresentamos nossas entrevistadas e alguns marcadores sociais que permeiam suas vidas. Obviamente, limitados pelas questões do formulário de identificação e

de algumas questões da entrevista. Entrevistamos no total 11 mulheres, com diferentes cores de pele e de grupos socioeconômicos. Todas, sem exceção, estão cursando ou já concluíram o ensino superior. Por essa razão, consideramos que este é mais um marcador no nosso estudo, constituindo um contexto de importância crucial para as apropriações realizadas pelas mulheres.

Buscamos detalhar ao máximo quem são nossas interlocutoras, que lugares sociais elas ocupam, como se descrevem e qual posição social acreditam estar inseridas, como visto em Salata (2015). É importante enfatizar: em nosso estudo, optamos por utilizar o método de Salata de questionar as entrevistadas sobre o que elas pensam da questão de classe, o que obviamente, não situa objetivamente de que classe elas pertencem, já que, como veremos a seguir, diferentes interlocutoras com rendas diferentes consideram pertencer a mesma classe social.

Essas informações servem como base para compreendermos de que forma os marcadores que elas carregam consigo, incidem no modo como se apropriam das temáticas do programa e integram suas vidas. Igualmente, pretendemos perceber quais marcadores identitários potencializam suas ações, como se enxergam como mulher, como assimilam/aceitam/contestam as ideias debatidas pelo/com o programa Amor & Sexo. A seguir apresentamos um perfil de cada uma das entrevistadas.

Alice tem 21 anos, é branca, católica, solteira, estudante de Farmácia e não possui filhos. Já fez curso de Inglês e cursinho pré-vestibular o que só se revelou na entrevista: “quando eu não fazia cursinho pré-vestibular, eu assistia direto [o programa Amor & Sexo]”. Mora sozinha em Santa Maria (RS) no bairro Camobi. Antes de vir cursar Farmácia na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, morava com o pai e os avós no centro de Encantado (RS), onde retorna com frequência e passa as férias. Em Santa Maria, seu apartamento é alugado e possui um quarto. Em Encantado, a casa da família é própria e possui 3 quartos. Possui um aparelho de televisão em Santa Maria e três, em Encantado. Na casa de Santa Maria, possui um computador, igualmente, em Encantado. Em Santa Maria, não possui nenhum veículo, em Encantado, dois. Não possui nenhuma bolsa vinculada a universidade e não trabalha. A renda familiar é de 2 a 3 salários mínimos (de R\$1.908,00 até R\$2.862,00), conforme preenchido no formulário⁵³. O pai trabalha como mecânico, em oficina mecânica própria. Nos momentos de lazer, Alice gosta de sair para passear, ler e reunir-se com os

⁵³ As questões: “A qual classe você acha que você pertence?” E “entre a lista de opções abaixo (classe alta, classe média alta, classe média, classe média baixa, classe trabalhadora, classe baixa/pobre e nenhuma classe), a qual classe você acha que você pertence?” Foram incorporadas no trabalho após as duas primeiras entrevistas, por isso, Alice e Luna não respondem a essas questões.

amigos. Também, sair para jantar. Os lugares que mais frequenta, nesses momentos, são o shopping e parques. Este último, sobretudo, para tomar mate e conversar. Gosta também de ficar em casa ou na casa dos amigos. Alice se descreve como “independente, com liberdade, decidida.” Acredita que se enxerga assim graças a sua criação: “meus pais nunca disseram ‘não faz isso porque tu é menina’, eu sempre pude fazer o que eu quisesse.” Alice costuma ficar assistindo TV menos de duas horas por dia. Não acompanha nenhuma programação na TV, apesar de comentar que gosta da novela das 19h, “Verão 90”. Normalmente, assiste TV com os familiares e costuma fazer conjuntamente atividades domésticas e mexer no celular.

Luna tem 35 anos. É branca, espírita, solteira, porém, noiva [mora com o companheiro]. É professora e não tem filhos. Diz que o sonho de casar e ter filhos foi adiado, pois está desempregada. É graduada em Letras/Português pelo Centro Universitário Franciscano (Santa Maria/RS). É, também, pós-graduada em Docência no Ensino Superior por uma instituição particular EAD. Sempre estudou em instituição particular. Em nossa conversa, Luna revelou que gostaria de estar fazendo mestrado na UFSM. Contou das suas dúvidas e anseios. Ofereci minha ajuda para o que ela precisasse. Mora com o noivo em um apartamento alugado no bairro Nonoai, em Santa Maria, que possui 2 dormitórios. Tem dois aparelhos de TV e um computador. Eles não possuem carro ou moto. A renda familiar mensal é de 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 954,00 até R\$ 1.908,00). O companheiro é administrador e trabalha na área. O avô materno de Luna é aposentado da Brigada Militar e contribui com a renda familiar, mandando algum dinheiro para Luna pagar o aluguel⁵⁴. No tempo de lazer, Luna gosta de ficar em casa, assistir filmes, ir ao cinema, frequentar “barzinhos” e restaurantes para comer pizza. Luna se descreve como “emotiva e muito pensativa”. Ao ser solicitada que se autodescrevesse, Luna mostra-se muito preocupada com a constituição de uma família: “Muitas pessoas falam ‘ah, tu tem 35 anos já e não tem filhos ainda, por que?’ Eu fico muito pensativa, me planejo, quando eu fiquei desempregada eu pensei assim ‘Deus me livre, eu não posso ficar grávida agora’”. Luna costuma ficar duas horas assistindo TV. Acompanha o Jornal Nacional e o Fantástico. Geralmente, olha TV sozinha e gosta de fazer apontamentos sobre o que assiste, pois acredita que retém melhor as informações dessa forma.

⁵⁴ Pelo chat do *Facebook*, contatei Luna para perguntar de sua renda, pois como ela havia marcado no formulário que a renda familiar era de até um salário mínimo, questionei, por conta de seu estilo de vida. Houve constrangimento de ambas as partes nesse bate papo. Luna mostrava-se incomodada, como se não estivesse entendendo a questão. Ao explicar que se tratava da renda familiar, Luna fala o quanto recebe do avô: metade do valor do aluguel que divide com o companheiro e diz o salário do parceiro, logo fala: “então vivemos na renda da miséria”. Após falar os valores, argumento que a opção correta no formulário seria de 1 a 2 salários mínimos e pergunto se posso corrigir a questão em seu formulário, ela conclui afirmando que deve ter marcado a opção incorreta, pois a opção sugerida está correta.

Íris tem 24 anos. Se identifica como “preta”, é solteira e não possui religião. É estudante de Engenharia Elétrica e não possui filhos. Já fez curso de língua - Inglês (presencial) e Alemão (online). Mora no bairro Bonfim, em Santa Maria, em um apartamento alugado com a mãe. O imóvel possui 3 quartos, um aparelho de TV e um computador. Não possuem carro ou moto. Íris faz estágio em Engenharia Elétrica e recebe R\$4,79 por hora mais benefícios. Atua, também, em aulas de cursos preparatórios. A renda familiar mensal é de 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 954,00 até R\$ 1.908,00). Quando questionada sobre sua classe social, Íris responde⁵⁵: classe média baixa. Porém, quando apresento a lista de classes, indica “a classe trabalhadora”, complementando: “Trabalhador brasileiro, trabalha igual burro e não ganha dinheiro”. No tempo de lazer, Íris gosta de sair com os amigos para festas e ficar “jogando” online em casa. Íris avalia que o lugar onde se encontra posicionada a define: “o ambiente define muito, pensamentos que eu tinha na época, eu me orgulho de hoje não ter”. Além disso, Íris diz que acredita ter ajudado muitas mulheres dentro do curso que faz: “eu acredito que consegui demonstrar para outras meninas que nós temos nossa voz lá dentro”. Ao ser solicitada que se descrevesse, Íris demarca sua cor de pele, classe e sua sexualidade: “Como eu falei da Fernanda Lima, que ela é uma mulher branca, heterossexual, de classe média alta e tal, eu já me coloco no oposto dela. Eu, enquanto mulher negra, de classe trabalhadora, a minha orientação sexual também me define”. Íris costuma ficar assistindo TV diariamente uma hora. Não acompanha nenhuma programação com frequência, apesar de na entrevista parecer conhecer o que se tem abordado na novela das 18h, *Malhação*, da Rede Globo. Geralmente, olha TV com a mãe e gosta de estudar enquanto assiste algo.

Laura tem 25 anos e é negra. Não possui religião, é solteira, porém, namora [mora com o companheiro] e não tem filhos. É farmacêutica, fez sua graduação em universidade pública (UFSM). Atualmente faz residência multiprofissional integrada em Vigilância em Saúde na Universidade Federal de Santa Maria, mesma universidade onde se graduou. Laura já fez curso de língua – no caso, Inglês. Mora no centro de Santa Maria com o namorado e mais uma pessoa em um apartamento alugado. O imóvel possui dois quartos, um aparelho de televisão e um computador. Não possui automóveis. Em São Gabriel, onde residem seus familiares, a casa onde moram quatro pessoas (excluindo ela) está localizada no centro da cidade e também é alugada. Possui três quartos, três computadores e três aparelhos de televisão. Possuem carro. Laura possui bolsa de pós-graduação pela residência que faz no valor de 3.300,00 reais e atua na Residência multiprofissional- HUSM. Sua renda, acrescida

⁵⁵ Como a entrevista com Íris ocorreu em 1º de agosto/2019, já incorporamos a nova questão conforme Salata (2015).

aos rendimentos de sua família, soma mais de dez salários mínimos (mais de R\$ 9.540). Quando questionada sobre sua classe social, ela acredita que pertence “à classe baixa a média”. Quando apresento a lista de classificação, ela responde: “ah acho que a classe trabalhadora” (risos). O pai de Laura é policial. No tempo de lazer, Laura gosta de passear com a Duquesa, sua cadela de estimação e tomar mate no parque e na praça. Ao se descrever, Laura diz: “sou bem decidida, e sou muito verdadeira, em questão de mulher, de relacionamento”. Assiste em média duas horas de televisão por dia e costuma ver novela e filmes, acompanhada pelo namorado. Quando assiste TV, geralmente, estuda, toma mate e brinca com a Duquesa.

Paula tem 26 anos e se considera “parda”. É espírita, solteira e não possui filhos. É publicitária e se formou em universidade pública, na Universidade Federal do Pampa. Não possui curso de línguas. Já fez dois cursos profissionalizantes: técnico em secretariado (Instituto Federal Farroupilha – São Vicente do Sul/RS) e técnico em contabilidade (Escola de ensino médio São Vicente do Sul/RS). Atualmente, Paula mora no bairro Bom Fim, em Santa Maria, com três pessoas⁵⁶. A casa é alugada. Durante nossa conversa, Paula contou que havia se mudado há pouco tempo para essa casa e que cada um que morava lá, alugava um quarto. A casa possui cinco quartos, dois aparelhos de televisão e três computadores. Paula possui um carro e atua como Diretora de Arte. Atualmente trabalha em sua área. Sua renda mensal é de 2 a 3 salários mínimos (de R\$ 1908,00 até R\$ 2.862,00). Quando questionada sobre sua classe social, Paula diz achar pertencer à classe C: “eu tenho uma grana que eu consigo viver bem, mas eu tô sempre no corre [trabalhando]”. Quando mostro a lista de classe, Paula diz pertencer a classe média baixa. Em dias ensolarados, Paula gosta de praticar exercício físico, andar de bicicleta e frequentar a academia, praças e parques. Em dias chuvosos, gosta de ficar em casa, assistir série ou filme e ter momentos de lazer com amigos. Ao se descrever, Paula acredita ser madura e responsável, isso, graças a criação da mãe: “a mãe sempre trabalhou muito, e hoje eu agradeço pela criação, sabe?!” Paula assiste de uma a duas horas de televisão por dia. Geralmente liga música na TV enquanto faz outras atividades. Atualmente não assiste nenhum programa de TV, usa o aparelho mais para acessar plataformas como Youtube e Netflix, pois só tem acesso a TV aberta. Na época da entrevista, nenhum programa televisivo chamava sua atenção. Quando assiste televisão, geralmente, está sozinha. Gosta de comer enquanto assiste algo na TV ou apenas ficar sentada assistindo.

⁵⁶ Fui apresentada a todos os moradores da casa quando fui realizar a entrevista.

Pamela tem 22 anos e se identifica como “preta”. É católica, solteira, porém namora [não mora com o companheiro] e não possui filhos. É jornalista, formada pela Universidade Federal de Santa Maria. Já fez curso de inglês básico pelo SENAC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Mora no bairro Nossa Senhora das Dores, em Santa Maria (RS), com quatro pessoas. A casa é própria, possui três quartos, dois aparelhos de TV e dois computadores. A família possui carro. Atualmente, Pamela faz freelancer em jornalismo. A renda familiar mensal é de 3 a 4 salários mínimos (de R\$ 2.862,00 até R\$ 3.816,00). Quando questionada sobre sua classe social, Pamela responde que acredita ser da classe social baixa, “classe baixa, se eu for pensar de acordo com o salário que meus pais ganham”. Quando apresento a lista de classificações, Pamela diz acreditar pertencer entre a classe trabalhadora ou classe média baixa. A mãe de Pamela é cuidadora de idosos e o pai, taxista. Nos momentos de lazer, Pamela gosta de sair com amigos e namorado, passear na UFSM e no centro, ficar com a família, ler e assistir séries. Ao ser solicitada que se descrevesse, Pamela diz: “eu tô me descobrindo ainda, eu não teria palavras certas pra me descrever. A minha palavra pra esse ano seria autoconhecimento”. Pamela costuma assistir quatro horas de televisão por dia e acompanha telejornal e novelas. Geralmente assiste TV, acompanhada dos pais, e costuma mexer no celular enquanto assiste TV.

Joane tem 21 anos e é branca. É católica, solteira e não possui filhos. É jornalista de formação pela Universidade Federal do Pampa. Atualmente faz pós-graduação em MBA mídias sociais digitais em uma Instituição particular. Já fez curso de inglês básico em uma escola de idiomas particular. Atualmente mora no centro de Santa Maria, com três meninas de cidades diferentes. O apartamento é alugado, possui quatro quartos e uma TV. Joane possui um computador e não possui carro ou moto. Joane atua como jornalista, estagiária em Marketing em uma loja da cidade, assistente de Comunicação em uma agência e voluntária da TV OVO/SM. Recebe bolsa de 500,00 por 4h diária. A renda mensal de Joane fica em torno de 1 a 2 salários mínimos (de R\$ R\$ 954,00 até R\$ 1.908,00). Os pais de Joane contribuem com seu sustento. Ambos são professores da rede estadual. Quando questionada sobre sua classe social, Joane acredita pertencer a classe C. Na lista que apresento, Joane acredita pertencer a classe média baixa. Em seus momentos de lazer, Joane gosta de sair com os amigos, em locais públicos da cidade, e visitar sua família em Santiago/RS. Joane se descreve como persistente, mas diz não se achar ainda totalmente independente: “Se eu vou fazer alguma coisa, eu vou até terminar, não sou uma pessoa independente ainda (risos), dependendo bastante, principalmente, dos meus pais, sentimentalmente e financeiramente”. Dificilmente assiste televisão no seu dia-a-dia, prefere assistir alguma coisa na Netflix e quando vai para

Santiago na casa dos pais assiste canais fechados com eles, geralmente programas jornalísticos, de debate e filmes. Normalmente quando assiste TV mexe no celular e no computador, conversa com quem está assistindo junto e faz refeições.

Isadora tem 26 anos e é branca. É espírita, solteira, porém noiva [mora com o companheiro] e não possui filhos. É farmacêutica de formação pela Universidade Federal de Santa Maria, mestre em Ciências Farmacêuticas. Atualmente está no doutorado na mesma área – todos cursos feitos em universidade pública. Já fez curso de inglês. Mora em um apartamento alugado no bairro Bonfim, em Santa Maria. O imóvel possui dois quartos. Divide o apartamento com o noivo. Possui dois aparelhos de TV, dois computadores e não possui automóvel. Isadora recebe bolsa de doutorado como farmacêutica de R\$ 2.200,00. A renda mensal familiar é de 4 a 6 salários mínimos (de R\$ 3.816,00 até R\$ R\$ 5.724,00). O noivo contribui com o sustento. Ele é gerente de empresa de software. Quando questionada sobre sua classe social, responde: “Ah, eu acho que classe média”. Quando mostro a lista de classes para ela, responde: “É que eu não sei a diferença, mas eu acho que classe média”. Nos momentos de lazer Isadora gosta de assistir série, passear, ir ao shopping e na casa de amigos. Isadora mostra-se confiante ao se descrever e acredita que não “aceitaria” ser submissa: “eu sou bem decidida, se eu quero uma coisa, eu vou atrás até conseguir. Tipo essa questão da mulher ser diminuída e etc., eu acho que eu nunca ia aceitar. Então, eu quero meu espaço porque eu conquistei ele (risos)”. Costuma assistir de duas a três horas de TV por dia. Assiste séries e clipes de músicas. Geralmente assiste acompanhada com o noivo. Comumente assiste TV deitada, no fim do dia ou na hora do jantar.

Amanda tem 22 anos e se considera “parda”⁵⁷. Amanda é cristã, solteira e não possui filhos. É graduada em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria. Já fez curso de inglês. Mora no bairro Nossa Senhora das Dores, em Santa Maria, em casa própria da família. Divide a casa com mais quatro pessoas. O imóvel possui três quartos, dois aparelhos de TV e três notebooks. Possuem um carro. Amanda está desempregada no momento. A renda familiar mensal é de 3 a 4 salários mínimos (de R\$ 2.862,00 até R\$ 3.816,00). Quem contribui para o sustento da família é o pai que é serralheiro e o irmão que é técnico em informática. Nos momentos de lazer, Amanda gosta de ler, escrever, assistir séries/filmes/documentários, escutar música, passar um tempo com os amigos e familiares em casa, bares, boates e parques. Quando questionada sobre sua classe social, Amanda responde: ‘hum, eu acho que baixa, não sou rica, definitivamente não (quero ser um dia), mas nunca me faltou nada assim, nunca passei

⁵⁷ Na entrevista, como veremos mais detalhadamente no capítulo 6, mostra-se confusa com sua cor de pele.

fome, meus pais sempre trabalharam pra me dar do bom e do melhor, então eu acho que classe média baixa' Quando mostro a lista de classes, Amanda confirma: classe média baixa e diz que gostaria de ser classe trabalhadora, mas no momento está desempregada. Ao se descrever, Isadora diz gostar de ter autonomia e ser independente, complementa: “uma líder nata, eu gosto muito de tomar as rédeas, de mandar, coordenar as coisas”. Isadora assiste cerca de três horas de TV por dia, comumente assiste telejornais como o Jornal Hoje e Jornal Nacional, programas de entretenimento, filmes, documentários e séries. Costuma assistir TV sozinha e acompanhada de seus familiares. Geralmente quando assiste, costuma escrever, atualizar suas redes sociais, conversar (se estiver acompanhada) e tomar chimarrão.

Juliane tem 28 anos e é branca. Não possui religião, é solteira, porém namora [mora com o companheiro] e não possui filhos. É publicitária de formação pela Universidade Federal do Pampa e é pós-graduada em MBA em Marketing em instituição particular. Possui curso de inglês e técnico em eventos. Mora em Santa Maria, no bairro Nossa Senhora de Lourdes com seu namorado. O imóvel é alugado, possui um quarto, dois aparelhos de TV e dois computadores. Possui um carro. Juliane atua como assistente de marketing e trabalha na área. A renda mensal é de 2 a 3 salários mínimos (de R\$ 1908,00 até R\$ 2.862,00). O namorado é estudante, mas, contribui com o sustento da casa. Quando questionada sobre sua classe social, responde: “Eu acho que eu não me insiro como pobre, mas eu não me insiro como uma pessoa rica, eu me considero uma pessoa de classe média, porque hoje eu tenho uma casa, eu me sustento, eu não tenho grandes coisas mas eu me sinto bem, pra mim hoje eu sou classe média, porque eu considero uma pessoa rica que tem muitas coisas”. Da lista que apresento, Juliane afirma pertencer a classe média “porque eu considero pessoas da classe trabalhadora quem trabalha muito, pessoas da construção civil, porque apesar da gente ter um emprego, a gente não é da classe trabalhadora, o trabalho não nos exige aquela força física. E eu acho que classe média baixa não porque eu considero que eu moro numa casa boa. E hoje, por exemplo, uma pessoa de classe média baixa, ela não tem uma TV, e o pobre, eu considero mais sem condições”. Nos momentos de lazer, Juliane gosta de viajar para visitar sua irmã, conversar e sair com amigos. Juliane se descreve como persistente e trabalhadora: “eu acho que eu luto bastante pra ter o que eu quero, porque se eu quiser algo novo, eu tenho que me esforçar muito, eu tenho que trabalhar muito pra eu ter”. Geralmente assiste três horas de televisão por dia, acompanha novelas e séries. Quando assiste série, geralmente é acompanhada pelo namorado. Costuma mexer no celular quando assiste TV.

Joana tem 19 anos e é negra. É católica, solteira e não possui filhos. Cursa graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Santa Maria. Já fez um semestre de curso de inglês

e espanhol, ambos oferecidos pela UFSM. Atualmente, mora no centro de Santa Maria em uma casa alugada. Divide a casa com mais uma pessoa. A casa possui dois quartos, dois computadores e não possui TV. Não possui automóvel. Joana atua como estagiária em uma escola da cidade, onde recebe R\$ 700,00. A renda familiar mensal é de 1 a 2 salários mínimos (de R\$ R\$ 954,00 até R\$ 1.908,00). Quando questionada sobre sua classe social, Joana diz que se considera de classe média “porque eu tenho onde dormir, tenho o que comer, consigo, sei lá, comprar um lanche, então eu me considero classe média”. Quando apresento a lista de classificação, Joana diz que talvez pertença a classe média baixa, “porque eu não tenho carro, não tenho TV (risos) então talvez seria essa”. Quem contribui com o sustento de Joana são os pais, a mãe é dona de casa e o pai é guarda municipal. No momento de lazer, Joana gosta de ver série, tomar mate, ir ao shopping e em algum lugar lancher. Joana se descreve como alguém que mudou muito, principalmente após ingressar na universidade, reflete também sobre as condições sociais de outras pessoas: “uma pessoa que mudou bastante, eu reflito sobre tudo agora, e consigo pensar nos outros, que antes era só o que ‘eu vivo’, ‘o que eu passo’, agora eu consigo pensar em mim e nos outros também, que a minha situação é diferente dos outros, que eu não posso comparar a minha dificuldade com a dificuldade dos outros”. Não costuma assistir TV aqui em Santa Maria, mas quando vai para casa dos pais geralmente assiste 3 horas de TV por dia. Geralmente assiste programas de auditório. Costuma assistir acompanhada da família. Comumente quando assiste TV, apenas assiste, às vezes come algo.

Após apresentação das interlocutoras, alguns detalhes precisam ser enfatizados. Todas as entrevistadas pertencem ou já passaram pelo ambiente universitário. Nenhuma tem filho. Quatro das entrevistadas moram com seus companheiros. Cinco acreditam pertencer a classe média baixa. Embora seja possível perceber que entrevistadas com diferentes rendas se consideram dessa classe. Uma interlocutora se considera de classe média, uma da classe baixa e duas da classe trabalhadora. A interlocutora com maior renda no grupo se considera da classe trabalhadora apenas por trabalhar. Alice e Luna não responderam a essa questão, pois a pergunta foi incorporada após suas entrevistas.

A partir da observação em campo, percebemos que algumas vezes a renda informada não condizia com os estilos de vida das entrevistadas, por isso, utilizaremos também da observação em campo como uma forma complementar para analisar como esse marcador opera na vida de cada uma delas.

Cinco entrevistadas se declaram como brancas, quatro se declaram negras/ “pretas” e duas entrevistadas se declaram “pardas”. Apesar de duas interlocutoras se declararem

“pardas”, apenas uma faz referência a possuir parentescos negros na família – essa entrevistada questiona as questões raicias em suas falas. Com relação à outra interlocutora que se considera “parda”, não houve manifestação sobre miscigenação na família e por meio de observação extra campo, não encontramos parentescos negros – essa entrevistada não questiona questões de raça em seu discurso.

Apresentadas nossas interlocutoras, utilizaremos junto à estes dados, a observação de campo para analisar como os diferentes marcadores se manifestam na vida de cada uma das mulheres. É um desafio articular os diferentes marcadores sociais, mas fazemos isso numa tentativa de demonstrar como eles podem entrar em relação ou não e quais semelhanças e diferenças podemos apontar a partir do que nossas interlocutoras contam sobre suas experiências/expectativas e realidades.

A seguir, veremos de que forma ocorre a construção das identidades mediada pela questão midiática. A partir do programa assistido, nossas entrevistadas se apropriam dos temas debatidos no programa Amor & Sexo para refletirem sobre si, suas identidades e vivências.

4 A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES E A MÍDIA

Não pretendemos abordar a identidade como única ou definitiva, concordamos com Stuart Hall (2006), que o conceito de “‘identidade’, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova” (HALL, 2006, p. 8).

As identidades fixas e seguras do passado encontram-se em declínio e abrem espaço para novas identidades, fragmentadas (HALL, 2006). O indivíduo unificado e estável passa a ser rodeado de diferentes estímulos que complexificam o processo de construção de identidade. Com as mudanças estruturais ocorridas no final do século XX, novos panoramas culturais se instauraram (HALL, 2006, p. 9). A fragmentação de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, ou seja, tudo o que ancorava o indivíduo em lugares seguros, começa a desintegrar-se. Com a estabilidade fragilizada, as próprias identidades começam a se modificar; o que unificava os sujeitos, fragmenta-se e transforma-se em fluído, maleável. Isso tudo “constitui uma crise de identidade” (Idem). O indivíduo passa a constituir-se de múltiplas identidades, algumas delas contraditórias que partem em distintas direções (HALL, 2006, p. 12- 13).

A modernidade, ao sustentar os processos econômicos, enfraquece as instâncias que conferiam identidade ao sujeito: escola, religião, família. Liberado das pressões das instituições, o indivíduo passa a ter novos princípios para se basear, o narcisismo e o hedonismo (COSTA, 2004, p. 185). Obviamente, esses princípios não substituem as instâncias mais sólidas que apenas perdem força e passam a competir com outros referenciais. Para Renato Ortiz (2000), “o processo de globalização insere todas essas identidades numa situação nova. As diferentes identidades não vão acabar, mas irão manifestar-se dentro deste novo contexto” (p. 71). As identidades nesse novo contexto tendem a transformar-se junto com as mudanças, “em alguns momentos serão expressões complementares, em outros serão expressões conflitivas” (2000, p. 71). Com um novo modo de viver, as identidades encontram bases mais dinâmicas e fluídas para se mover em meio a essa nova conjuntura.

Assim como Hall, Ortiz (2000) sinaliza o aspecto das identidades contraditórias. Há tanta referência para se identificar, que algumas delas podem apresentar-se conflituosas entre si, já que são postas à prova com relação a outras identificações, deslocando-se da ideia de identidade fixa. Imaginar uma identidade plenamente coerente passa a ser uma fantasia (HALL, 2006, p. 13). A identidade deve ser pensada como um processo produtivo que não se completa, está sempre em construção por meio de regimes de representação (HALL, 1990, p.

222). Ao serem questionadas se nossas entrevistadas se identificam com o programa ou com a apresentadora Fernanda Lima, a intenção é perceber de que forma esses regimes de representação se apresentam para nossas entrevistadas. São representações conflituosas ou de correspondência com suas identidades? E o que essas questões dizem sobre as próprias entrevistadas?

Para Brito e Corrêa (2018), entender a identidade de um grupo social como fixa e homogênea, remete à visão colonial, que ignora a multiplicidade de experiências dos indivíduos, um aspecto extremamente problemático já que “a experiência é um lugar de formação do sujeito” (BRAH, 2006, p. 360). Os discursos com referência a universalização tendem a hierarquizar pontos de vista em torno dos sujeitos privilegiados, em relação às categorias de gênero, raça, classe e sexualidade. Por isso a importância de incorporar questões de interseccionalidade na pesquisa. Como afirma Skeggs (1997, p. 2), a teoria pode ser radicalmente transformada se outras pessoas entrarem nas conversas.

A mudança é apontada como o fator principal das sociedades modernas, com relação às sociedades “tradicionais” (HALL, 2006, p. 14). Essas mudanças não ocorrem de forma rápida e simples. As sociedades modernas vêm sendo descentradas por forças externas a si, e caracterizadas por informações distintas vindas de “fora” (provenientes dos meios de comunicação e novas tecnologias), o que irão produzir diferentes maneiras de posicionar o sujeito (HALL, 2006, p. 17). O indivíduo passa por um processo de negociação em meio a tantas possibilidades existentes de ser no centro de todas as transformações. O sentido da vida passa a ser pensado sem finalidades a longo prazo (COSTA, 2004, p. 186).

Se a classe já foi o fator principal de definição das identidades, hoje essa questão é negociada. Outras condições começam a ter peso significativo para essas novas construções: questões políticas, raciais, sociais e culturais tornam-se relevantes. “A identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada” (HALL, 2006, p. 21). A identificação torna-se um processo, em que inúmeros aspectos passam a interferir nessa encadeação.

A intervenção tecnológica, apontada por Canclini (1990, p. 288), constitui uma transformação importante no que diz respeito à organização dos grupos e sistemas simbólicos, criando hibridações que enfraquecem a determinação de que a classe social define as culturas, pois os bens passam a circular de forma mais acessível. A intenção do autor não é demonstrar que as diferenças entre as classes desaparecem, mas sim, afirmar que não é mais possível

vincular de forma determinante a classe social com estratos culturais, nem com repertórios fixos de bens simbólicos.

A partir desse novo cenário e cruzamentos, surgem novas identidades sociais. O autor atenta que, apesar dos bens circularem com maior facilidade, isso não significa que as diferenças entre as classes deixem de existir, apenas passam a não ser mais determinantes. Martín-Barbero (1997) concorda com esse pensamento. Para ele, tentar explicar as diferenças culturais pelas de classe impede de pensar a pluralidade, as matrizes e a alteridade cultural, pois impossibilita de ver as especificidades dos conflitos que estão articulados na cultura e nos modos de luta que são produzidos a partir desses distintos lugares (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 39-40).

Para Brah (1996), cultura é a construção simbólica do conjunto de experiências de um grupo social, marcado pelas condições materiais, configurações sociais e econômicas desse grupo em diferentes épocas. As culturas nesse sentido também não são fixas. Embora as tradições e os costumes sejam passados por gerações, os sujeitos atuam ativamente sobre elas, recusando ou aceitando, filtrando e transformando-as. A cultura está ligada a construção das identidades junto às experiências individuais e coletivas que vivemos. Para a autora, a identidade é ao mesmo tempo subjetiva e social, construída na cultura e por meio dela.

Canclini (1990, p. 268) atribui aos meios de comunicação a posição de novos formadores das identidades coletivas, pois cada vez mais as informações que recebemos vêm da mídia e a troca de conhecimentos e sociabilidade fica em um entorno mais centrado, dentro de nossas casas, na vizinhança e com os amigos. A mídia, nesse sentido, “se torna a constituinte dominante do sentido ‘público’ da cidade, a que simula integrar um imaginário urbano desagregado” (Idem). Nesse sentido, “a socialização contemporânea prevê a organização de nossos esquemas perceptivos pelas narrativas dos meios de comunicação” (RONSINI, 2016, p. 48). A mídia se torna um referente tão significativo quanto outras instituições, como a família, a escola e a religião.

Para Castells (1999, p. 23-24), a construção social da identidade ocorre em um contexto marcado pelas relações de poder, que se utiliza da história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, memória coletiva, fantasias pessoais e aparatos religiosos. Os indivíduos reorganizam seus significados em função de tendências sociais e projetos culturais, conforme sua estrutura social. O autor propõe a *identidade de projeto* para pensar a construção de identidade como mudança social, que ocorre “quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo material de cultura ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade, e ao fazê-lo, de buscar a

transformação de toda a estrutura social” (p. 24, grifo nosso). Nesse sentido, Escosteguy (2008) afirma que as pesquisas que se dedicam a ouvir as mulheres têm se mostrado com potencial de conscientização das mesmas sobre seu lugar na sociedade.

Para Escosteguy (2008, p. 30), os estudos de recepção que convidam as mulheres para falar do seu relacionamento com a mídia têm se revelado como espaços de autorreflexão dessas mulheres sobre suas próprias vidas e, conseqüentemente, sobre seu lugar de mulher na sociedade. A autora tenciona a importância dos estudos de recepção com a identidade de gênero. Como aponta Hall (2000, p. 109), as identidades são construídas dentro dos discursos. Portanto, é preciso compreendê-las como produzidas no interior de formações e práticas discursivas específicas.

Seguindo o raciocínio de Hall (2000, p. 109-110), os discursos se apresentam como marcadores das relações de poder, da diferença e de exclusão. A identidade, então, se forma a partir da relação do eu com o Outro. Para Martín-Barbero (2006, p. 65), a identidade é “a expressão daquilo que dá sentido e valor à vida do indivíduo [...], e, portanto, vive do reconhecimento dos outros: a identidade se constrói no diálogo”.

Esse diálogo se constrói também com relação aos meios de comunicação. A mídia constitui uma das maiores vias de circulação de ideias vigentes na sociedade (HALL, 1997, p. 17). As representações midiáticas têm o poder de atuar no processo de construção de identidades, com afirma Freire Filho (2005, p. 20), “o caráter estratégico da representação nas diversas instâncias e instituições culturais [...] afetam o modo como nós vemos e como somos vistos e tratados pelos outros”. Entender como as mulheres se apropriam das representações midiáticas nos ajuda a compreender como esses discursos atuam na relação das mulheres com seu meio social e contribuem para a conscientização de seus espaços na sociedade e para a construção de suas identidades. Como Freire Filho (2005) afirma, à análise das representações das mulheres na mídia, mostraram que essas representações influenciariam “as definições e os parâmetros de feminilidade, domesticidade e beleza por meio das quais as mulheres passavam a avaliar a si mesmas, aos seus relacionamentos, às suas necessidades e às suas aspirações” (p. 21).

Para tal, é preciso analisar a mídia de forma crítica, “aprender a ler a cultura da mídia politicamente” (KELLNER, 2001, p. 76). Perceber que relações de poder e dominação atuam em favor de um grupo e não de outro, e os significados disso. É preciso interpretar para além de seus aspectos sociopolíticos e econômicos. Ou seja,

ler politicamente a cultura da mídia significa situá-la em sua conjuntura histórica e analisar o modo como seus códigos genéricos, a posição dos observadores, suas

imagens dominantes, seus discursos e seus elementos estéticos-formais incorporam certas posições e ideologias e produzem efeitos políticos (KELLNER, 2001, p. 76).

Desde a década de 70, a mídia tem se apresentado como um campo de batalha entre diferentes grupos sociais, dos liberais aos conservadores, da propagação de conteúdos progressistas relacionados ao sexo, à preferência sexual, raça ou etnia, às expressões reacionárias de racismo ou sexismo (KELLNER, 2001, p. 77). A afirmação do autor enfatiza a cultura da mídia como um lugar de luta política, que pode legitimar ou invisibilizar discursos, principalmente com relação às minorias, já que, normalmente são manifestações da ordem dominante que sobressaem.

A seguir, buscamos compreender de que forma as representações midiáticas compõem a vida social e as identidades dos sujeitos. Empenhamo-nos em entender como se desenvolve o processo de apropriação midiática na construção das subjetividades/identidades dos indivíduos, já que este é o foco principal desta pesquisa.

4.1 APROPRIAÇÃO MIDIÁTICA

A mídia constitui a sociedade moderna. Como evidencia Escosteguy (2013, p. 144), “sua presença se alastra em todos os níveis do processo social, fazendo parte dele”. Dedicar-se a ouvir o relato das pessoas, é compreender que a mídia ultrapassa os limites do social e conecta-se com a produção de identidade (Idem, p. 145), não é mais possível pensar na construção das identidades dos sujeitos desconectada do contexto midiático. A mídia permeia vários aspectos do social a serem considerados nesse processo. Além disso, o relato dos sujeitos não apenas organiza a subjetividade ou narra a experiência, mas também produz essa subjetividade/identidade dos indivíduos (Ibid, p. 147).

Antes de seguir nosso raciocínio, é preciso ressaltar que compreendemos as especificidades dos estudos de recepção e de apropriação. O processo de recepção, para Thompson (1998), abriga uma interpretação ativa e criativa, em que o indivíduo se utiliza de uma série de conjunturas e expectativas individuais e sociais para compreender uma determinada mensagem. Ao interpretar as formas simbólicas, os indivíduos acabam incorporando nessas perspectivas uma autoconcepção de si e dos outros. Nesse processo, os sujeitos refletem sobre si mesmos e sobre o mundo a que pertencem. Thompson (1998) utiliza o termo apropriação para referir-se à interpretação que ultrapassa a assimilação da mensagem e passa a incorporar a vida das pessoas, em um processo de conhecimento e autoconhecimento. Apropriar-se de uma mensagem é adaptá-la ao contexto e circunstâncias

que vivemos. Entretanto, não aprofundaremos essa discussão, pois não é o interesse propriamente dito de nossa pesquisa. É relevante apenas sinalizar que compreendemos esses processos como coexistindo, apesar de existir especificidades entre eles. Em nossa pesquisa, entretanto, daremos foco à uma primeira tentativa de compreender a apropriação efetivada pelas entrevistadas.

Num contexto onde as transformações ocorrem de maneira acelerada, estudar a apropriação de um programa televisivo pode parecer ultrapassado, entretanto, os modos de ser do público não se esgotam com o novo (OROZCO, 2011). Os diferentes dispositivos tecnológicos não tornam obsoletos os já existentes, o que muda é sua relação e suas interações, que se complexificam e passam a coexistir.

Não há como pensar em estudo de recepção televisiva e apropriação sem considerar a conjuntura atual na qual vivemos. Lopes (2014), considerando esse aspecto, acredita que as múltiplas telas constituem uma nova ambiência, um “sensório envolvente”. Essa característica tem contribuído para novas construções de identidade, produzindo modos diferentes de ser e estar em sociedade.

As mídias conhecidas como tradicionais: televisão, rádio e cinema, têm se reinventado. As interações com a Internet têm permitido que os indivíduos se transformem e transformem seus modos de ver/participar nesses ambientes. Já se tem dados substanciais sobre o consumo de televisão em diversos países, mas pouco se tem problematizado sobre esses consumos, ou seja, o modo como são feitos e suas razões (OROZCO, 2011).

A recepção, nesse sentido, para os estudos culturais abriga algumas vantagens. A problematização das análises nessa linha implica abarcar aspectos socioculturais dos usuários (LOPES, 1993). As reflexões são deslocadas dos meios para os grupos sociais onde estes indivíduos são integrados em práticas sociais e culturais. A abordagem cultural passa a fornecer um quadro integrador para os estudos em recepção. Em países como o Brasil, onde a modernização chega tardiamente e de forma excludente, não podemos deixar de pensar as dinâmicas de participação nos estudos atuais de televisão, sem pensar em meios para qualificar esses estudos tendo em vista uma cidadania mais abrangente (LOPES, 2014).

Nesse sentido, Escosteguy (1998) identifica a contribuição dos trabalhos feministas para as pesquisas de recepção. A investigação desenvolvida por estas estudiosas no Center for Contemporary Cultural Studies – CCCS, impulsionou a exploração de temas que antes não eram muito valorizados. A representação das mulheres na mídia, bem como suas leituras, práticas e audiências femininas passam a ser temas relevantes para as produções científicas. Os gêneros midiáticos considerados ‘femininos’, como telenovela, também se tornam objetos

legítimos de pesquisa. Como veremos no estado da arte, a ser apresentado adiante, a pesquisa de Meirelles (2009) evidencia esse processo onde os produtos de consumo tradicionalmente femininos passam a ser objetos sérios de estudos.

De outro lado, a família passa a constituir “um importante espaço de apropriação de produtos culturais, abrindo caminho para investigações inovadoras sobre as conexões entre vida pública e privada” (ESCOSTEGUY, 1998, p. 7), ainda que na contemporaneidade os dispositivos móveis tenham deslocado a importância do núcleo familiar.

Silverstone, Hirsch e Morley (1996, p. 39), buscam compreender a natureza da relação existente entre as famílias (âmbito privado), o âmbito público e o papel das tecnologias de informação e comunicação nessa relação. Esses objetos, caracterizados por serem meios, adquirem um impacto na ordem econômica e social da casa, tornam-se duplamente articulados, no âmbito privado e público. Na medida em que esses meios são apropriados e incorporados⁵⁸, são redefinidos conforme os valores e interesses da família.

As tecnologias de informação e comunicação tornam-se um importante elemento na reprodução social, transformam-se em mediadores dos conhecimentos sociais e das atividades de consumo (SILVERSTONE; HIRSCH; MORLEY, 1996, p. 44). Para Thompson (1998, p. 19), o desenvolvimento da mídia transformou de forma profunda e irreversível a natureza da produção e da troca simbólica no mundo moderno, reelaborando o caráter simbólico na vida social. “Ao interpretar as formas simbólicas, os indivíduos as incorporam na própria compreensão que têm de si mesmos e dos outros. Eles as usam como veículos para reflexão e autorreflexão, como base para refletirem sobre si mesmos, os outros e o mundo a que pertencem” (THOMPSON, 1998, p. 45). É o que veremos a seguir na seção 4.2. A partir de questões sobre o programa Amor & Sexo, nossas interlocutoras discorrem sobre si, como modo de reflexão sobre suas vidas e suas experiências.

Se produz a apropriação de um objeto no momento em que ele deixa o mundo mercantil e um indivíduo ou uma família toma posse dele. Nesse processo, as mercadorias tornam-se objetos com significação. Porém, a apropriação não se aplica exclusivamente a objetos de comunicação, ocorre também em relação ao conteúdo desses meios, por exemplo, na seleção e assistência do programa que optamos por ver (SILVERSTONE; HIRSCH; MORLEY, 1996, p. 47-48). Ao optar por A ao invés de B, estamos escolhendo nos apropriar de certas programações e não de outras, e nisso também há significações diferentes.

⁵⁸ Os autores fazem uso de uma distinção entre apropriação e incorporação, no entanto, aqui, não vamos detalhar esse entendimento.

Segundo os mesmos autores, o significado de um conteúdo midiático não fica estabelecido e fixo na produção. Porém, não se pode perder de vista que há um poder simbólico na produção (THOMPSON, 1998). Na atividade de produção, os indivíduos fazem uso de todos os recursos e fontes para que suas ações, em nível de produção, possam intervir no curso dos acontecimentos. Essas “ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descrer, apoiar o estado ou subverter as massas em revolta coletiva”. (THOMPSON, 1998, p. 24).

Apropriar-se de uma mensagem, para Thompson (1998, p. 45) é apoderar-se de um conteúdo e torná-lo próprio. Entender a mensagem e incorporá-la em nossa vida, assim como adaptá-la em nossos contextos e circunstâncias, que normalmente são diferentes daquelas as quais ocorre na produção. Ao incorporar essas mensagens, os indivíduos estão construindo a compreensão de si mesmos e de onde eles se encontram situados, no tempo e espaço (THOMPSON, 1998, p. 46).

A apropriação faz parte do elo construído entre a família (ou o indivíduo) e o mundo exterior (SILVERSTONE, HIRSCH; MORLEY; 1996). Entretanto, a apropriação desse objeto/meio só terá efeitos públicos, se esses meios se manifestarem simbolicamente, afirmando e confirmando as preferências desses indivíduos. As tecnologias são ao mesmo tempo modeladoras e modeladas pelos sujeitos. Como afirma Thompson (1998, p. 42), “o sentido que os indivíduos dão aos produtos da mídia varia de acordo com a formação e as condições sociais de cada um, de tal maneira que a mesma mensagem pode ser entendida de várias maneiras em diferentes contextos”. Isto é um dos aspectos identificados em nossa pesquisa.

A recepção e a apropriação midiática são atividades incorporadas no cotidiano de muitos indivíduos, de forma que, se quisermos compreender sua natureza devemos nos aproximar com uma sensibilidade para os aspectos rotineiros e práticos incorporados nessa atividade (THOMPSON, 1998, p. 42). Esse processo pode acontecer numa variedade de circunstâncias – em casa, ao telefone, no trabalho - e pode envolver várias pessoas. Nas quais é possível que os indivíduos forneçam o relato de seus pensamentos, sentimentos e experiências, tecendo aspectos de suas vidas com a mídia. As interpretações que esses sujeitos têm destas mensagens pode variar, visto que são submetidas a diferentes olhares no momento que são externalizadas para os outros (THOMPSON, 1998, p. 45).

Mesmo com as novas tecnologias (e os dispositivos móveis), a televisão/produtos midiáticos, continuam sendo importantes veículos de comunicação e apropriação simbólica dos indivíduos. Compreender como se desenvolve esse processo e suas consequências sociais,

torna possível identificar o elo criado entre mídia e indivíduos e vice-versa. Entender que nem a mídia tem poder absoluto sobre os indivíduos e nem os indivíduos sobre ela. É um processo de troca, experimentação, questionamento e apropriação, de ideias e ações que têm o potencial de transformar realidades sociais.

A partir do relato de nossas interlocutoras, buscamos identificar como nossas entrevistadas se apropriam de temáticas apresentadas em Amor & Sexo. Procuramos observar em suas narrativas de que forma adotam essas representações em suas vidas, bem como se o programa tem o poder de afetação e de identificação ou não, reconhecendo a impossibilidade de isolar o programa de outros conteúdos midiáticos e de outras dimensões que também entram em jogo nesse processo. Igualmente, analisamos como essas apropriações são parte constitutiva de suas identidades/subjetividades.

4.2 AMOR & SEXO COMO RECURSO PARA AUTORREFLEXÃO

Como já visto, as pesquisas que convidam as mulheres a falar, têm o potencial de autorreflexão dessas sobre seu papel de mulher na sociedade. Esses trabalhos fazem as mulheres refletirem sobre si mesmas, suas histórias pessoais e suas vivências (ESCOSTEGUY, 2008). É o que objetivamos apresentar aqui. Como mulheres, a partir de um episódio do programa Amor & Sexo se apropriam das questões debatidas e refletem sobre si, suas ações, suas vidas e suas experiências. Nosso foco é tratar de modo mais geral sobre a relação dessas mulheres com o programa e o que essa relação gera em termos identitários.

O programa leva as interlocutoras a refletirem sobre suas próprias ações. A identificação com Amor & Sexo é consequência de o programa tratar de debates que elas já buscam discutir em seus cotidianos ou que gostariam de discutir. Dessa forma, o programa as interpela de modo político (HALL, 2006), constituindo-se como um recurso – junto com outros elementos e aspectos – para pensar sobre si ou sobre as condições de ser mulher.

Íris: Sim, porque é um dos poucos programas em que as coisas que a gente debate, luta e fala tá disponível na televisão num horário adequado pra entrar na casa das pessoas mais leigas. Eu acho que é um dos únicos canais que se pode falar sobre o machismo, sobre a homofobia, sobre o papel da mulher, sobre temas polêmicos. [...]. A gente sabe que é muito difícil tu chegar e falar isso pra uma pessoa mais velha, com um perfil totalmente diferente.

*Pamela: Ele é um programa que traz os tabus de todos os jeitos, e eu me identifico justamente por isso, que **eu quero me desconstruir**, não só a mim, mas a minha família, então a gente sabe que é um processo. [...] acho que as vezes a gente tem que buscar esse tipo de informação, porque se não a gente acaba se limitando.*

De outro lado, como a identificação é um processo complexo, que envolve inúmeros fatores, como por exemplo, o modo como o sujeito é representado (HALL, 2006), Juliane relata não se identificar com a abordagem do Amor & Sexo. Ela não se sente à vontade para conversar sobre assuntos que o programa aborda. Relata também não conseguir debater suas opiniões com pessoas de ideias “retrógradas”, enquanto que o programa faria o contrário disso.

Juliane: Eu acho que não muito, [...] eu não tenho essa desenvoltura e acho a coragem pra trazer esses assuntos, tanto que quando a gente tá por exemplo, em casa e acontece de ter um almoço, alguma coisa que tenha gente participando e surge esses assuntos e tenha gente ainda com a mentalidade bem retrógrada Eu prefiro levantar e sair do que ficar e discutir, eu não consigo debater, porque a cabeça [dessas pessoas] é tão fechada que eu vou falar e ainda vou sair como errada, sabe?! Então eu prefiro levantar e passar raiva num cantinho.

A família se mostra como um constituinte importante para a apropriação das entrevistadas sobre as temáticas debatidas no programa. Nesse sentido, Amor & Sexo se revela como uma via de acesso a debates sobre temáticas mais difíceis de serem tratadas.

Íris: Justamente por trazer essas figuras que não tem tanta voz nas mídias televisivas, isso te dá uma sensação boa, tu saber que é um pedacinho teu que vai tá entrando na casa das pessoas. É um programa que me faz sentir bem, [] tem uma diferença de eu, por exemplo, tentar falar pra minha família, mais conservadora e tal, de São Borja, e eles assistirem a Fernanda Lima, levam o que ela fala mais a sério. O programa me deixa satisfeita no sentido de falar pras pessoas o que eu quero falar com a carga de responsabilidade e o crédito que ela tem. [...] Em alguns programas mais fortes a gente fica até emocionado né?!

*Paula: Eu acho massa [legal] o jeito que eles falam sobre as coisas que às vezes é super tabu pra todo mundo, ela [Fernanda Lima] principalmente expõe de uma maneira que era muito simples sabe, e acho que isso ajudou a mudar a cabeça de muita gente, porque coisas assim, que não era normal a gente falar sobre, até tipo entre amigos era, mas **tipo eu conseguia conversar com a minha mãe sobre algumas coisas que até então eu não conseguia** porque não tinha alguém assim que falasse sobre, sabe.*

Pesquisadora: Tua mãe assistia junto?

*Paula: Sim, quando eu tava em São Vicente eu assistia e ela assistia comigo, a minha irmã também, e **era a oportunidade que eu tinha de falar sobre**, porque antes eu não tinha.*

Pelo relato das interlocutoras, é possível perceber como o programa (e a entrevista) leva a pensar sobre suas ações, se autoavaliarem, assim como refletir sobre sua condição de mulher na sociedade.

Luna: Eu sempre fui muito tímida, eu sempre falei ‘ah, eu não gosto do meu corpo’, eu sempre bati nessa tecla [...], até o meu noivo brigava comigo [...]. E quando surgiu esse programa, o Amor & Sexo, e agora a gente olhando esse programa é uma maneira assim, parece que a Fernanda Lima tá dizendo: ‘você tem que se gostar’, ‘você tem que se amar’, independente se tu é magra, se tu é gorda...

Alice: Sim, às vezes estamos com algum pensamento na cabeça sobre alguma coisa que a gente não sabe se vai ser legal e essas coisas [temáticas do programa] acho que nos inspiram, a soltar o pensamento, ou então fazer o que tu estava pensando em fazer.

Laura: Sempre me senti motivada, depois de alguns programas a gente sempre fica pensando né, sobre essa parte do machismo mesmo, sempre reflete o que a gente vê na sociedade, sabe?! E o racismo, essas coisas sabe, como parece que são coisas de antigamente, mas que ainda é muito forte sabe, então eu sempre refleti bastante. [...] Às vezes, de nós mesmo julgarmos outras mulheres⁵⁹, eu sempre tento me policiar pra não fazer isso, mas a gente acaba pegando e julgando mentalmente a outra pessoa, teve um programa se não me engano que falou disso e eu sempre penso nisso sabe, porque a gente fala 'nossa como é que pode pensar isso de outra mulher' e a gente se pega no próprio dia a dia, a gente faz muito isso.

O contexto se mostra crucial para as apropriações que as interlocutoras fazem das temáticas do programa (MORLEY, 2015), indicando que seus repertórios culturais e a conjuntura onde elas estão inseridas contribui para o processo de como elas incorporam essas mensagens em suas vidas.

Isadora: Eu até me interessei a olhar esse de retrocesso, porque eu assisti agora The Handmaid's Tale [série] e me marcou bastante [...] ocorre um golpe e aí entra uma facção religiosa quer diminuir a mulher. [...] Eu não sei se tu chegou a ver um vídeo em que um pastor falava que as mulheres só tinham que estudar até o ensino médio, e isso é uma coisa de agora [...] daí eu fico pensando 'ai meu Deus, imagina se aquilo acontecesse', mas muito das coisas que tem na série acontece e a gente não vê a gravidade. Ele [o episódio assistido] trouxe temas como o tema dos tabus, o ciúme [...] E isso são coisas que nos levam a pensar.

*Juliane: Será que meu pai teria o mesmo entendimento que eu tive? [...] Tu começar a abrir tua cabeça pra entender outras coisas, mas é aquela questão, **não é só o programa, é começar a entender, conviver e enxergar**, porque se tu assistiu o programa mas continua convivendo com pessoas retrógradas tu vai seguir com a mesma mentalidade. [...] A questão que a Fernanda Lima falar das mudanças, eu fiquei pensando quando eles comentaram como era, a questão dos negros, e eu fiquei refletindo quanto tempo vai demorar ainda pra gente aceitar a sociedade como ela ainda é hoje.*

*Pamela: Tinham coisas que causavam desconforto, porque são coisas que tu nunca parou pra pensar. A gente cresce, a nossa família, a nossa cultura, sempre é 'isso, isso e isso' e quando tu vê assim, **outras experiências outro lado**, outros lados na verdade né, porque são vários, mas eu acho que causa aquele desconforto bom, de tu 'nossa, eu nunca tinha pensado dessa maneira' e o quão importante é pensar.*

Por meio da assistência de episódios de Amor & Sexo, Joana comenta que se sentiu inspirada a agir. O relato de Joana mostra de que forma ela se apropria das mensagens midiáticas e como as incorpora no seu dia a dia adaptando-a ao contexto que ela vive (THOMPSON, 1998).

⁵⁹ Em algumas de suas falas, no capítulo 6, Laura acaba endossando um discurso machista ao falar das roupas que Fernanda Lima usa para trabalhar.

Joana: Agora que eu assisti [esse episódio] eu tenho mais vontade de participar de coisas sociais que eu posso ir pra rua e conhecer famílias e coisa [provavelmente se referindo às família de seu grupo de extensão], [...], eu tenho grupo de pesquisa e grupo de extensão, esse meu último de extensão que a gente vai conhecer as famílias e, enfim, mas eu queria participar mais, de não só ficar na universidade estudando e sim ir pra rua.

Amanda comenta que a assistência do programa lembrou sua fase na universidade, quando era “militante”. A entrevistada fala muito em militância, mas a compreende como algo individual. Em certo momento, diz: “prefiro militar à parte”, o que é algo contraditório em si mesmo. Amanda também reflete como está afastada de movimentos sociais:

Amanda: [o episódio assistido] Lembrou muito a minha ‘vibe’ [clima] 2016, quando eu era super militante, adorava militar, então acho que foi o período que eu mais evolui como pessoa, nesse sentido de sexualidade, de pluralidade.

Pesquisadora: Tu achas que não é mais ‘militante’?

Amanda: Com certeza eu ainda tenho esses pensamentos, [...], só que eu não sou mais tão militante quanto eu era antes. Eu vou em ato e tudo mais, só que é isso, eu posto também muito na internet, [...] [mas] a gente entra em contato com muita gente que é ligada em partido, a gente fica meio ‘hum, não é tudo isso que falam’ [...], dentro do próprio movimento tem umas questões bem difíceis assim, então eu prefiro militar à parte, vou no ato, converso, se tem que debater eu debato de boa.

Já Paula comenta sobre sua vida amorosa. Vê no casal Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert algo que ela gostaria em seus relacionamentos. A entrevistada compara o relacionamento do casal com sua vida. Mostrando como avalia suas experiências a partir das representações midiáticas (FREIRE FILHO, 2005).

Paula: Eu gosto e sempre gostei nos meus relacionamentos de conversar sobre tudo sabe, de ser um relacionamento que tu tá super à vontade pra falar qualquer coisa [...]. Eu gosto muito de falar sobre [relacionamento], [...] o que eu mais me identifico é isso sabe, de poder falar sobre as coisas abertamente assim. Ter mais liberdade de expressão nesse sentido, mais sexual. A liberdade que ela [Fernanda Lima] tem de poder falar sobre tudo no programa, eu acho que é uma coisa que ele [Rodrigo Hilbert] aceita muito bem – que é geralmente homem que não aceita muito bem assim, até com a experiência que eu tenho [...].

Ao incorporar as ideias do programa, Paula constrói uma compreensão que tem de si (THOMPSON, 1998). A interlocutora reflete sobre as opressões que ela passou/passa por ser mulher. Diz se sentir reprimida ao querer falar na presença de homens. Quando acabou a entrevista contou que acabava de sair de um relacionamento abusivo e conturbado.

Paula: É o principal assim, pode conseguir falar sobre as coisas que ela fala assim, sem ficar se cuidando, [...] é uma coisa de ti assim, tipo tu viveu, [...] eu acho que muitas vezes a gente deixa de falar porque tem essa pressão de homens geralmente sabe, que a gente acaba se privando de falar muita coisa porque tá na companhia de alguém sabe?! [...]. Eu tive a experiência de namoro que tudo que eu falava eu tinha que me cuidar, porque podia ser ofensivo, mas não tinha nada a ver com a pessoa sabe, tô falando de mim, de coisa que aconteceu comigo, da minha história,

mas acabava ofendendo, não era a intenção sabe e daí eu não acabava falando sobre mim, sobre a minha vida.

Quando questionada onde Paula costuma ouvir falar sobre o feminismo, relata uma experiência de assédio. Fez a denúncia, no entanto, sentiu medo e ainda se colocou em dúvida, se era ela que estava errada por estar usando um determinado vestido – uniforme do seu trabalho. Paula conta também, como isso fez ela buscar mais informações sobre o movimento feminista:

*Paula: Sobre esse registro [denúncia] que eu fiz, até hoje não aconteceu nada, não chamaram ele, e até hoje eu penso, será que eu deveria ter feito, porque envolve muita coisa, ele poderia ter me seguido sabe, e eu não tinha proteção nenhuma, mas eu fiz e não me arrependo. E nessa época eu tava procurando ler mais sobre [o feminismo], procurando informação, porque **várias vezes eu coloquei em dúvida, se a culpada não era eu, porque eu tava com um vestido, mas era um vestido do meu uniforme sabe?! Mas foi isso sabe, eu sempre li sobre, de vez em quando eu seguia uma página sobre, mas depois que aconteceu [esse episódio] eu acelerei isso [de procurar informações sobre o feminismo].***

Ao realizarem um panorama sobre estudos que tencionam feminismo e jornalismo, Escosteguy e Munir (2019) apontam que a pesquisa de Lieli Monteiro (2016) conclui que, ao analisar a cobertura do caso Roger Abdelmassih pelo jornal Folha de S. Paulo (2009-2015), “a imprensa prejudicou os avanços nas políticas públicas para o combate e enfrentamento da violência de gênero em geral [...]. Ao mesmo tempo, contribuiu para a manutenção da cultura do estupro” (2019, p. 12). É possível relacionar essa situação com os questionamentos de Paula sobre a possibilidade de estar errada e, por isso, ter sido assediada. Esse tipo de dúvida é recorrente em casos de assédio às mulheres. A sociedade e a mídia colaboram para a anuência com o assediador, abrandando seu julgamento, fazendo com que as mulheres se sintam culpadas por serem assediadas.

Ao ser instigada a falar sobre feminismo, Paula relata uma experiência que aconteceu em um outro ambiente de trabalho. Conta como se relaciona com o feminismo, principalmente, no seu dia a dia. Mostra, também, como a disparidade de gênero afeta a vida cotidiana das mulheres. Uma das reivindicações das feministas do CCCS, era o reconhecimento de que desigualdades de gênero estão situadas, principalmente, no cotidiano das mulheres:

*Paula: Eu acho que feminismo é, em geral, lutar por direitos iguais. Pra mim, é sabe, eu levo isso, só que eu sei que tem muito conflito em relação a isso. **Eu acho que eu deveria falar mais sobre isso com as pessoas, só que eu desisto muito, [...]** pra muitas pessoas feminismo é a mulher que é radical [...]. Só que às vezes são mulheres que são super independentes, têm vários direitos que elas não teriam hoje se não fosse o feminismo [...]. Se tu vai fazer um trabalho, mesmo que de um homem tem que receber igual. **Eu já vi muito isso nas empresas que eu trabalhei, que é***

muito desigual, até de capacidades psicológicas. Por exemplo, lá onde eu tô trabalhando agora é um ambiente muito legal de trabalhar, mas quando eu voltei pra lá, eu tava trabalhando na produção com os guris, e depois que eu fui pra criação de novo, e aí eu falei que se precisassem de ajuda pra ir colocar fachada era pra me chamar [...] eles riam de mim, mas isso acho que é uma coisa que eles nem notam, mas pra mim faz diferença.

Ao finalizar cada uma das entrevistas, as interlocutoras são convidadas a acrescentar algo a mais que não foi tratado pelas questões propostas. Juliane surpreende e faz uma fala reflexiva sobre seu dia a dia, em que ficam evidenciadas questões de preconceito, racismo e sobre suas condições financeiras. Além disso, Juliane mostra um repúdio à ideia de meritocracia. Ainda comenta que a entrevista contribuiu para que ela refletisse sobre seu papel social, uma questão importante para as pesquisas que se dedicam a ouvir as vozes femininas (ESCOSTEGUY, 2008).

*Juliane: Foi legal receber a tua proposta pra falar porque é algo que faz tu refletir.. Tu parar e assistir um negócio e entender um pouco mais do assunto, tu ter a liberdade de escolher sobre o que tu quer falar. Eu fiquei refletindo quanto tempo vai demorar ainda pra gente aceitar a sociedade como ela ainda é hoje. [...]. Eu trabalho numa empresa que é grande e eu não sei se eu tenho um colega negro, eu acho que deve ser uma equipe de 80 pessoas e eu não lembro de ter uma pessoa na equipe, então, até quando isso? [...]. E na minha época de faculdade se tinha alunos negros na minha sala era um, sabe?! [...]. O Brasil é o país que mais mata transexuais e gays e a gente não dá bola, tipo aconteceu aqui [em Santa Maria]. E a gente só pára pra pensar quando acontece aqui. Eu não tive nenhum professor negro na faculdade também. **É sair da tua bolha, pra pensar nas coisas, sabe?! [...]** Tinha uma moça negra, num mesmo ambiente de trabalho, e uma menina loira falou [...]: ‘fulana é negra e pinta os cabelos porque quer ser loira’ e daí ela veio querer falar que ela sofria racismo, ela loira, branca, mimada, formada em direito, em faculdade particular. [...]. **Sabe, o empoderamento, eu posso, eu faço ... ‘cala a boca sabe?!’***

As entrevistadas mostram que há uma apropriação/incorporação das temáticas debatidas em Amor & Sexo nas suas vidas. Ora o programa é uma via de abertura para debater assuntos com a família que antes não era possível, já que não encontravam brechas para debater temas como sexo, sexualidade e relacionamentos, temas que normalmente contém uma barreira cultural para seu tratamento. Ora as temáticas debatidas no programa, bem como a apresentadora e o relacionamento de Fernanda Lima com seu par servem para as interlocutoras refletirem sobre seu cotidiano e as desigualdades enfrentadas. Além disso, a partir das representações em circulação via o programa, as entrevistadas fazem uma avaliação de si e do seu entorno social.

Os questionamentos/assistência do programa se mostraram importantes para as entrevistadas refletirem sobre seu papel social (ESCOSTEGUY, 2008). Especialmente, Juliane agradece a oportunidade de participar da pesquisa, em que foi instigada a pensar sobre vários aspectos de sua vida que antes não havia pensado. Porém, de modo geral, mediante

provocação desta pesquisadora, todas interlocutoras acabaram como consequência – das questões provocadas a partir do programa, falando de si, dessa forma, o programa se mostra como um recurso para elas refletirem sobre suas próprias vidas.

A seguir, procuramos apresentar como se caracteriza o fenômeno pós-feminista e seus desdobramentos. Convém explicar essa “sensibilidade distinta” (GILL, 2007; 2016) que seria o pós-feminismo, para identificar como algumas características desse fenômeno se apresentam em Amor & Sexo e como as entrevistadas compreendem e se apropriam dessas questões.

5 O FENÔMENO PÓS-FEMINISTA E O PROGRAMA AMOR & SEXO

5.1 O FENÔMENO PÓS-FEMINISTA

Um marco para entender o fenômeno pós-feminista que começa em meados de 1990 é o livro *Backlash*, de Susan Faludi (1992). Nele, a autora faz uma crítica ao discurso da mídia, de que as mulheres teriam conquistado tanta igualdade com os homens que estariam perdendo a sua feminilidade. Para McRobbie (2006)⁶⁰, *Backlash* é uma resposta conservadora às conquistas do feminismo. Esse tipo de argumento, publicado no livro, encontra-se com uma série de outros debates que afirmavam que as mulheres estavam perdendo sua feminilidade por conta de suas profissões e ganhos feministas. Em cada caso de mulher de sucesso que era apresentado na mídia, havia uma forma de tratar aquilo como não sendo natural da mulher (WHELEHAN, 2014). Os escritos de Faludi (1992) contribuíram para pensar se o discurso pós-feminista poderia ser entendido como um anti-feminismo ou se seria uma correção ao feminismo da segunda onda⁶¹.

Para Gill (2007), mesmo após duas décadas de discussão sobre a noção de pós-feminismo, ainda, não se tem um consenso sobre ele. O fenômeno é utilizado de forma variada, ora para sinalizar uma ruptura epistemológica com o feminismo da segunda onda, ora como uma mudança histórica (para uma terceira onda) e, ainda, outras vezes como uma postura política regressiva, uma espécie de reação (GILL, 2016). Para Whelehan (2014), o pós-feminismo pode ser definido como uma negação/rejeição ou como uma atualização do feminismo. O problema dessa variedade (muitas vezes contraditórias) é a dificuldade de definir o que o constituiria. Por isso, Gill (2007; 2016) opta por definir o pós-feminismo como uma sensibilidade distinta, composta por inter-relações, como a mudança da objetificação para a subjetificação, a autovigilância, o monitoramento e a autodisciplina, bem como para o individualismo, a escolha e o empoderamento.

A cultura da mídia pós-feminista deve ser nosso objeto crítico de investigação já que essa cultura apresenta uma preocupação obsessiva com o corpo (GILL, 2007). Numa mudança de práticas representacionais, o que antes era uma preocupação social, passa a ser uma preocupação corpórea. O corpo (sexy, principalmente) passa a ser o ponto-chave das representações femininas na mídia. Como sinônimo de poder da mulher, exige constante monitoramento, vigilância e disciplina. Isso fica claro, por exemplo, na obsessão pelo corpo

⁶⁰ É importante ressaltar que todas as menções/citações de textos que estão publicados em inglês, foram traduzidas pela própria pesquisadora.

⁶¹ No capítulo 2 ESTUDOS CULTURAIS E A RUPTURA FEMINISTA problematizamos a cronologia do movimento feminista em ondas.

das celebridades, que caso engordem ou emagreçam, tornam-se notícia, sempre alvo de críticas ou elogios.

A forma de perceber o corpo muda. A nudez passa a ser algo digno de ser cultivado com propósitos morais. “Queríamos ter saúde ou longevidade para cumprir tarefas familiares, sociais, religiosas, sentimentais ou outras. Nunca, entretanto, havíamos imaginado que a forma corporal pudesse ser garantia de admiração moral” (COSTA, 2004, p. 192).

O corpo passa a representar a vida individual/emocional do indivíduo. Em muitos casos como mostra Gill (2007), o corpo nessa cultura é a janela para a vida interior. Para ilustrar a afirmação, a autora relembra o caso de rompimento dos relacionamentos de Nicole Kidman e Jennifer Aniston, atrizes norte-americanas, quando vistas pela primeira vez após a separação. Elas foram anunciadas na mídia como "triumfantes" ao aparecerem belas, enquanto os seus maridos, também famosos, não tiveram esse enquadre. A aparência é o retrato de superação e autoconfiança, nesse caso. Para Costa (2004, p. 204), a especificidade atual é que se passa a relacionar a vida psicológica-moral com a vida física.

Rosalind Gill (2017, p. 145) também assume esse entendimento.

Paradoxalmente, a aparência do corpo feminino tem se tornado mais central em vez de menos, com um policiamento perverso e tóxico do padrão de feminilidade, no qual as mulheres têm sido educadas em novas alfabetizações visuais nas quais até mesmo as mais minúsculas imperfeições são percebidas. Nós vemos isso claramente no modo como os corpos das celebridades femininas são policiados.

Gill (2007), ainda, comenta sobre a proliferação expressiva de discursos sobre sexo ou sexualidade na mídia. Nas revistas dirigidas à adolescentes e mulheres jovens, o discurso sobre sexo é construído como algo que requer constante atenção, auto-vigilância e trabalho emocional. Preparadas para serem sujeitos heterossexuais desejáveis, elas devem agradar sexualmente o parceiro homem, se proteger contra a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, cuidar de suas reputações e da autoestima dos homens. Os homens, por outro lado, são descritos como aqueles hedonistas, que só buscam o prazer que a garota pode proporcionar.

A mudança para entender a sensibilidade pós-feminista está no fato de que as mulheres não são mais diretamente objetificadas, mas apresentadas como ativas, desejando serem sujeitos sexuais (GILL, 2007). Como McRobbie (2006) relata, as jovens agora podem respirar aliviadas, como se está sugerindo, é novamente permitido olhar para o corpo das mulheres bonitas. Parece não haver mais exploração. O sujeito pós-feminista faz aquilo

porque quer e por sua própria escolha. Gill (2007) alerta que ser crítico dessa mudança não significa ser “anti-sexo” mas, sim, atentar para os perigos de tais representações, já que vivemos em uma cultura em que mulheres sofrem violência sexual constantemente. Além disso, geralmente quem é a “cara” dessas representações são mulheres heterossexuais, ricas, brancas, jovens, magras e com um determinado padrão de beleza.

Para Angela McRobbie (2006), o pós-feminismo se refere aos processos pelos quais os ganhos feministas dos anos 70 e 80 seriam enfraquecidos. O feminismo estaria datado e parece não ser mais necessário, já que esse fenômeno sugere que a liberdade e a livre escolha estão alcançadas. O pós-feminismo, nas ideias da autora, faz uso do feminismo, mas apenas para sugerir que a igualdade está alcançada e que essas reivindicações não são mais necessárias. Nesse sentido, estaria posicionado como um corretivo para o pensamento antiquado feminista (WHELEHAN, 2014).

A década de 1990, para McRobbie (2006), marca um momento estratégico de autocrítica da teoria feminista. As reivindicações representacionais da segunda onda foram questionadas pelas feministas pós-coloniais e por outras feministas como Judith Butler e Donna Haraway. Sob a influência das noções de poder de Foucault, as pesquisadoras deslocam seus interesses de estudos, antes centrado no estado, no patriarcado e na lei para eventos mais específicos, como o lugar de fala e seus discursos. O corpo e o sujeito passam a ser centrais aqui. Há um deslocamento da problemática do sentido coletivo, do “nós” para o indivíduo “eu”.

Essas novas preocupações do feminismo popular convocam as mulheres para *ser* e incorporam nas representações das identidades um encorajamento da figura feminina, apesar delas poderem ‘fracassar’ (MCROBBIE, 2006). Destas concepções surge a problemática do sucesso feminino. Isso tudo desvia as desigualdades de gênero para questões individuais e psicológicas, já que fica a critério da mulher ir atrás do que ela quer como se não houvesse barreiras estruturais na sociedade. O sujeito passa a acreditar que o sucesso depende somente de seus esforços. É uma cultura da culpabilização. Há um anseio por conquistar o sucesso, ao mesmo tempo, caso o indivíduo falhe, sente-se como impotente e até fisicamente doente, ao acreditar que o controle do eu moral e psicológico a partir da experiência corpórea é o sentido de seus ganhos ou fracassos (COSTA, 2004, p. 196).

As noções de escolha, de “ser você mesma” e “agradar a si mesmo” são centrais na sensibilidade pós-feminista (GILL, 2007). Agradar-se e usar a beleza para se sentir bem passam a ser o foco das discussões, enquanto pouca ou nenhuma atenção é dada às pressões sociais desse embelezamento. O que pode levar muitas mulheres a resolverem seus

“problemas”, por meio de procedimentos cirúrgicos. Enquanto a normalização das cirurgias plásticas, uso de cosméticos e photoshop crescem, há uma celebração da artificialidade e maior intolerância às “imperfeições” na aparência (WHELEHAN, 2014).

O foco na aparência da mulher é uma temática em alta na mídia. Geralmente esses conteúdos são valorizações para diminuir as mulheres – o mesmo não acontece em relação aos homens. Mesmo quando a aparência das mulheres é ostensivamente elogiada ou comemorada, esse tipo de conteúdo é sexista: continua sendo uma prática de poder de gênero. Na melhor das hipóteses, o sexismo é revertido ao invés de ser confrontado (GILL; TOMS, 2019).

Rosalind Gill e Shani Ograd (apud GILL, 2017, p. 149- 150) cunham o termo *culto à confiança*, ao observar como na mídia o problema da desigualdade de gênero tem sido reconfigurado em termos de confiança feminina. Para Gill (2017), o problema dessa autoconfiança imposta às mulheres é que desloca questões do motivo de existir essa subordinação feminina e de certo modo culpabiliza as mulheres desses problemas pela sua falta de confiança interna. “Essa é uma nova versão de uma dinâmica muito antiga na qual a igualdade de gênero é enquadrada em termos de culpar e consertar a mulher. O que torna, é claro, mais difícil ver os obstáculos e desafios que efetivamente confrontam as mulheres” (GILL, 2017, p. 149).

Para McRobbie (2006), esse entusiasmo pela confiança/sucesso da mulher está alocado na pretensão da mídia popular de aumentar a audiência feminina. Cabe ressaltar também que essas representações geralmente são arranjos pra mulheres brancas e de classes econômicas elevadas. Para Gill (2017), essa abordagem é recorrente na mídia *mainstream*, que enfoca questões restritas que “principalmente devido à desigualdade econômica - têm pouca relevância para muitas mulheres” (p. 144).

Desse modo, o feminismo, anteriormente tachado como inconveniente e tedioso, ganha nova roupagem. É cada vez mais ressignificado na mídia convencional como algo legal, leve e divertido (GILL, 2016). A autora ressalta a importância em discutirmos termos como feminismo, pós-feminismo no momento cultural e político que estamos vivendo em que, aparentemente, o feminismo deixou de ser ridicularizado para se tornar desejável e elegante. Porém, é prematuro ver isso como um indicativo que a mídia tenha se tornado feminista já que normalmente quem é a “cara” dessas visibilidades são mulheres brancas de classe média/alta, logo, são visibilidades desiguais (GILL, 2016).

É claro que colocar em pauta o feminismo é positivo de algum modo, principalmente, para desfazer o repúdio ao movimento. Mas precisamos atentar a maneira que isso é feito e quais os propósitos. A mídia tem colocado como pauta corriqueira a solicitação para que

famosos falem sobre o feminismo, criando conteúdos sobre a temática. Produtos estampados com “GLW POWER”, perfis/postagens no Instagram sobre aceitação do corpo/aparência são cada vez mais frequentes. Segundo Gill e Toms (2019), é preciso pensar nessa nova visibilidade como estruturada por complexidades e contradições. Ou seja, esse novo entusiasmo não substitui outras tendências, mas coexiste com elas. Outra questão a ser percebida é a quem esse “novo feminismo” atinge.

Para Gill (2017, p. 145), a mídia seleciona alguns aspectos do feminismo enquanto nega outros. Certas liberdades são concedidas a essas mulheres, desde que elas repudiem o feminismo enquanto um movimento político de transformação.

A mídia esteve profundamente envolvida com essa mudança, construindo novas figuras, tais como a mulher empoderada, sexualmente desejável, pós-feminista – embora essa figura tenha sido construída de modo que não confronte o patriarcado, a heteronormatividade ou o capitalismo (GILL, 2017, p. 145).

A tendência cultural de ênfase a um certo feminismo distorce e corrompe os discursos sobre empoderamento para que se tornem clichês, comoditizados, prejudiciais e incapacitantes (FAHS, apus GILL; TOMS, 2019). Whelehan (2014) afirma que, de fato, viver na cultura capitalista onde as narrativas sobre escolha e empoderamento oferecem caminhos para o prazer e diversão como chave para libertação das opressões, torna difícil ver a problemática que se situa nesse contexto. A mídia reproduz/perpetua valores da ordem dominante, sendo assim, é quase improvável que se apresentem formas de resistência ao patriarcado. A solução que o pós-feminismo encontra é oferecer uma solução leve, menos problemática e polêmica. Incentiva que as mulheres busquem por igualdade e poder por meio do seu senso individual. Enquanto há essa celebração das mulheres poderosas, que podem conquistar tudo, essas mensagens informam às mulheres que há um preço nisso, mas essa questão é revestida por escolhas pessoais, livres e racionais⁶² (WHELEHAN, 2014).

A mídia assume um papel de entusiasta da autoconfiança, do sucesso e do empoderamento feminino, enquanto ignora ou mesmo nega as lutas políticas do movimento. “Somos testemunhas de uma hiper-cultura da sexualidade comercial, cuja característica é o

⁶² Como exemplo de narrativa pós-feminista podemos citar o filme *Diário de Bridget Jones*, em que a protagonista aparentemente livre e independente para viver da forma que quer, passa a ter ansiedades: de ficar sozinha, não ter um marido para seu filho, se preocupa com seu peso e outros conflitos internos e pessoais (MCROBBIE, 2006).

repúdio de um feminismo, evocado apenas para ser sumariamente dispensado” (MCROBBIE, 2006). Nesse sentido, os meios de comunicação são espaços em que as representações são legitimadas, “a mídia se tornou a chave para definir os códigos de conduta sexual. É ela que lança julgamentos e estabelece as regras em jogo” (MCROBBIE, 2006).

Whelehan (2014) afirma que o pós-feminismo pode ser observado como uma tendência de discursos descrentes sobre os avanços feministas, ao posicionarem o feminismo com algum tipo de humor autodepreciativo para desqualificá-lo. Como consequência disso, esse indivíduo, apesar da suposta liberdade, algumas vezes pode ser convocado a permanecer em silêncio. Caso conteste corre o risco de ser visto como piada (MCROBBIE, 2006).

Há quietude e cumplicidade nas noções de *'ser cool'* nas diferentes gerações e, mais precisamente, uma relação não crítica com as representações sexuais dominantes produzidas comercialmente que acabam por evocar ativamente hostilidade com posições feministas do passado ao invés de endossar um novo regime de significações sexuais, baseado no consentimento, na igualdade, participação e prazer feminino (MCROBBIE, 2006).

Para Gill e Toms (2019), o pós-feminismo se refere a ênfase no individualismo, na escolha e na agência do sujeito. Há um desaparecimento ou um silenciamento sobre as questões de desigualdades estruturais e influência cultural. Há uma “desterritorialização” do poder patriarcal e uma “reterritorialização” (MCROBBIE, apud GILL; TOMS 2019) nos corpos das mulheres e na indústria da beleza.

Dessa forma vai se delineando o fenômeno pós-feminista, com premissas de que a mulher deve se empoderar e alcançar o sucesso pessoal. Caso fracasse, é culpa da própria mulher. A figura pós-feminista deve sair da condição submissa e assumir uma posição sexualmente ativa, que pratica sexo sem compromisso e não tem um parceiro fixo. E apesar de demonstrar que não se importa com essa situação - que também é uma premissa - como apresentam McRobbie (2006), Gill (2017) e Whelehan (2014), mais do que se importar, elas sofrem com isso. Por essa razão, precisamos analisar com cuidado essa posição que tem se mostrado na mídia atual, pois corremos o risco de banalizarmos as principais lutas feministas e valorizar outras que dizem muito mais ao sujeito individual, ao corpo e ao capitalismo, do que a um enfrentamento das estruturas patriarcais e a um movimento político de luta.

Estar atento as representações midiáticas femininas é uma forma de lutar contra as opressões que atingem as mulheres. É indiscutível o poder da mídia em legitimar e afetar o ambiente social. Utilizar figuras de mulheres brancas, ricas, heterossexuais e bem-sucedidas como exemplos de representações femininas poderosas que “chegaram lá”, é, também, uma

forma de invisibilizar outras mulheres - de classes, raça e sexualidades diferentes - ou ainda que continuam tendo como única opção ser donas de casa e cuidar da família. Além disso, esse discurso desvia o foco das principais lutas que as mulheres ainda precisam percorrer para alcançarem a igualdade.

A mídia, caracterizando-se como uma instituição, possui interesses particulares e é orientada pela ordem dominante patriarcal. É preciso então refletir sobre as estratégias utilizadas pela mídia como solução para a equidade de gênero, já que seu discurso é carregado de interesses capitalistas que visam a manutenção da sociedade nas ordens postas.

O foco no indivíduo, ao invés do coletivo, descaracteriza o movimento feminista, que sempre foi marcado por lutas do comum. O destaque à obsessão com o corpo e a aparência da mulher geram frustrações, conseqüentemente, retorna-se a antigos confrontos que buscavam culpabilizar a mulher ou ainda tentar corrigi-la. Como se o problema estivesse centrado no indivíduo e não em um problema estrutural da sociedade.

O programa Amor & Sexo, selecionado para assistência conjunta, pode ser entendido como um programa que possui manifestações pós-feministas/feministas⁶³. As temáticas apresentadas no programa – como veremos nas próximas seções - abarcam temas ao redor do corpo, de sexo/sexualidade, de empoderamento feminino, dos relacionamentos, da liberdade, dos direitos das mulheres. Como Fernanda Lima relata, o programa é feminino e feminista, entendemos então que seus principais temas são focados nas e para as mulheres, apesar de o programa também abordar às vezes temas masculinos.

Além disso, não podemos perder de vista a mediadora do programa. Fernanda Lima ocupa um lugar privilegiado na sociedade, já que é uma mulher branca, magra, heterossexual e que faz parte de uma classe social elevada. Fernanda Lima é um exemplo de figura feminina bem-sucedida (LÍGIA LANA, 2013). Nossa intenção não é descaracterizar o programa, mas sim mostrar como Amor & Sexo se apresenta e como suas temáticas são incorporadas na vida das mulheres entrevistadas. Antes de abordar o programa, é relevante identificar como o feminismo e o pós-feminismo tem se apresentado nas pesquisas da área da Comunicação no Brasil. Esse mapeamento é importante para compreendermos onde nossa pesquisa está situada e o modo como o pós-feminismo vem sendo discutido.

⁶³ Não temos o objetivo de analisar o programa Amor & Sexo em si. Ele foi selecionado em nossa pesquisa, pois o entendemos como um produto midiático capaz de instigar discussões sobre o feminismo e o pós-feminismo.

5.1.1 Feminismo e pós-feminismo na pesquisa em Comunicação

A problemática a ser investigada é o pós-feminismo. Apesar dele ser central, percebemos que as pesquisas que tratam de feminismo, também, podem ser relevantes. Entendemos que a busca pela palavra-chave “feminismo” nos revelaria, de modo similar, trabalhos que abordam “o pós-feminismo”, por isso, nossa investigação abrange as palavras-chave feminismo/pós-feminismo. Contudo, nosso foco está centrado no fenômeno pós-feminismo⁶⁴.

Nossa busca é realizada por meio do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Utilizaremos como recurso de busca as palavras-chave “feminismo” e “pós-feminismo” para as pesquisas em teses e dissertações.

Na pesquisa realizada no banco de dissertações e teses da CAPES⁶⁵, para o período que abarca entre 2001 a 2018, foram encontradas vinte teses para a busca por “feminismo” na área da comunicação. Posteriormente, procuramos detectar se esses mesmos trabalhos convocavam de algum modo o pós-feminismo. Desse conjunto, o cinema é privilegiado como objeto de estudo em quatro pesquisas (Martins, 2015; Leite, 2015; Dantas, 2015; Silva, 2016); o campo do jornalismo, seja a atuação das mulheres nessa área ou como a figura da mulher é representada no jornalismo impresso/digital é destaque em quatro teses (Feldmann, 2018; Veloso, 2013; Escobar, 2016; Fernandes, 2015); a revista é tida como objeto de estudo em dois trabalhos (Pisa, 2017; Lobo, 2015); o campo audiovisual com destaque para a telenovela é problematizado em um trabalho (Rocha, 2016). É importante destacar que a pesquisa de Lobo (2015), ao analisar os discursos de revistas femininas que abordam a relação entre a jornada de trabalho das mulheres e o lar, traz algumas reflexões sobre o pós-feminismo. A autora recorre ao fenômeno ao analisar como os discursos de abandono de emprego e retorno ao lar ora são tratados como retrocesso, ora como pós-feminismo, no sentido de “livre escolha conquistada” da mulher.

Ainda, dois trabalhos (Pfaeffle, 2001; Vieira, 2012) procuram analisar como o feminismo se desenvolve na era digital; a inserção da mulher na ciência é destaque em um trabalho (Araújo, 2002); uma pesquisa aborda o ativismo e a relação com o corpo da mulher (Bernardes, 2017); a arte contemporânea, o artesanato e a imagem são destaques na pesquisa de Bamonte (2004); a fotografia e as fotógrafas são tema da tese de Valle (2017); o amor feminino é o tema central de Lopes (2002); a linguagem e as leituras são foco em uma

⁶⁴ Também realizamos um levantamento de artigos que buscavam trazer o fenômeno pós-feminista em seus textos. Embora relevante, não é necessária sua exposição, já que tornaria o mapeamento extenso.

⁶⁵ Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/>. Acesso em: 28 mar. 2019

pesquisa (Alves, 2002). Por fim, o desastre de Fukushima e o eco-tecno-feminismo é a temática da tese de Suarez (2016), até então o único trabalho de autoria masculina das vinte teses encontradas que relacionam o(s) feminismo(s) com algum objeto da área da comunicação.

Em termos de dissertações, encontramos 59 trabalhos na área da comunicação que abordam o feminismo/pós-feminismo, abarcando o período de 2002 a 2018. Sete pesquisas (Lima, 2005; Silva, 2003; Costa, 2015; Pontes, 2015; Medeiros, 2015; Bohn, 2007; Cardoso, 2017) trazem a revista como objeto de suas análises. A maioria delas busca entender as representações do feminino nessa mídia, com exceção da pesquisa de Silva (2003) que estuda a temática homossexual masculina. Merece um olhar mais cuidadoso aqui a pesquisa de Costa (2015) já que foca no pós-feminismo em sua análise, por isso, a dissertação será recuperada mais adiante.

A relação da internet com feminismo seja em suas redes sociais, plataformas digitais, blogs coletivos ou fóruns de discussão, ganham destaque em quinze pesquisas (Coelho, 2018; Angonese, 2018; Rodrigues, 2016; Silva, 2017, Cunha, 2015; Tomazetti, 2015; Oliveira, 2014; Pereira, 2018, Santos, 2018; Zimberg, 2018; Lemos, 2009; Ferreira, 2017; Coruja, 2017; Castro, 2018; Braga, 2018). O trabalho de Coruja (2017), “Expressões do(s) feminismo(s): discussões do público com a *youtuber* Jout Jout ”, busca compreender que aspectos dos feminismos (usa no plural justamente por entender a multiplicidades de correntes que o caracterizam) são debatidos pela *youtuber* Julia Tolezano e ressignificados nos comentários dos vídeos nessa plataforma. A autora aciona “o pós-feminismo” para nos situar sobre qual feminismo se vem discutindo nos dias de hoje.

Seis trabalhos têm o cinema como objeto de suas análises (Bilinski, 2008; Favoretto, 2018; Gomes, 2015; Wanderley, 2006; Oliveira, 2018; Silva, 2017). A maioria deles procura analisar as representações da mulher no cinema, o trabalho de Favoretto (2017) e Silva (2017) serão detalhados posteriormente por abordarem questões sobre pós-feminismo. Ainda na categoria de audiovisual, cinco trabalhos (Meirelles, 2009; Silva, 2013; Messa, 2006; Luz, 2018; Silva, 2002) englobam a telenovela, o seriado ou comerciais televisivos como objetos de estudo. Retomaremos os trabalhos de Messa (2006) e Meirelles (2009) já que possuem afinidades com a perspectiva acionada no nosso trabalho.

Há uma dissertação (Dias, 2017) que busca analisar as representações femininas na música e na performance no mundo do carnaval carioca. Nesta, “o pós-feminismo” constitui uma subseção do trabalho, a autora mostra como esse fenômeno aparece nos movimentos sociais em rede e em certos momentos o pós-feminismo é tratado como “o feminismo atual”

(Dias, 2017, p. 46). O trabalho de Pinto (2018) busca entender a comunicação do corpo; a dissertação de Roxo (2018) traz o *Girl Power* como tema principal; a pesquisa de Lopes (2018) objetiva analisar as representações midiáticas das primeiras presidentas eleitas no Brasil, Chile e Argentina, a partir das contribuições de ativistas feministas sobre essas construções simbólicas. O objetivo desse último trabalho é analisar as possibilidades de resistência dessas mulheres na busca por emancipação e fim das desigualdades de gênero.

O aborto é central em dois trabalhos, um com relação aos discursos jornalísticos acerca do aborto e o outro como essa temática se apresentou nas eleições de 2010 no Recife (Silva, 2014; Lemos, 2014). Ainda, o jornalismo, seja como palco de disputas, como processo de trabalho, como objeto de estudo das transformações do movimento feminista ou como contribui na divulgação de mulheres integrantes dos movimentos sociais feministas, aparece respectivamente em quatro dissertações (Machado, 2018; Monteiro, 2016; Cardoso, 2004; Luz, 2014). A apropriação feminina do rádio ganha destaque nas pesquisas de Zanolli (2017) e Veloso (2005); a subcultura Riot Grrrl é tema da pesquisa de Gelain (2017); o pensamento científico e a crítica feminista à ciência é destaque no trabalho de Silberstein (2016).

Das 59 dissertações encontradas na área da comunicação que tencionam algum aspecto do(s) feminismo(s), apenas cinco são de autoria masculina (Bohn, 2007; Tomazetti, 2015; Oliveira, 2014; Gomes, 2015; Luz, 2018). Na busca online não conseguimos acessar 12 trabalhos completos desse total (Souza, 2016; Silveira, 2003; Dias, 2001; Kiraly, 1999; Callado, 1995; Santos, 2015; Souza, 2018; Mateus, 2018; Silva, 2017; Almeida, 2017, Luna, 2018; Batista, 2014). Ou seja, embora tenhamos encontrado seus títulos, não conseguimos consultar diretamente os respectivos textos.

Após a indicação de informações mais gerais, partimos para a exploração dos trabalhos que focam questões em torno ao pós-feminismo de forma mais expressiva. Iniciamos com as dissertações por ordem cronológica. O primeiro trabalho é de Márcia Rejane Postiglioni Messa (2006, PUCRS), “As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o Pós-feminismo”. Nele, a autora busca analisar o seriado *Sex and the City*, por meio das representações de mulher, feminilidade e masculinidade, e como as fãs, mulheres brasileiras, interpretam, reproduzem e/ou resistem a suas representações. A autora também busca observar até que ponto o programa reconfigurou, remodelou ou ainda reafirmou uma determinada identidade feminina. Para isso, Messa (2006) utiliza como metodologia o Circuito de Cultura de Richard Johnson (2004), para analisar a produção, o texto e a recepção da série. A autora segue as bases teóricas dos Estudos Culturais, via Stuart Hall, Angela McRobbie, Tomaz Tadeu da Silva, Douglas Kellner, Ana Carolina Escosteguy e Kathryn

Woodward. Aí incluídas autoras vinculadas aos Estudos Culturais Feministas. A partir da perspectiva de Angela McRobbie (2006), o pós-feminismo é convocado para explicar que, apesar de suas intenções propagarem um certo empoderamento da mulher, na verdade, representa uma resposta conservadora ao movimento feminista. O pós-feminismo propagaria, então, uma ideia de que os direitos entre homens e mulheres estão iguais, e, conseqüentemente, as lutas feministas estariam ultrapassadas e já não seriam mais necessárias.

Em “Prazer e resistência: a legitimação do melodrama nos contextos acadêmicos anglo-americano e brasileiro”, Clara Fernandes Meirelles (2009, UFRJ) busca analisar o modo como a trajetória das pesquisas sobre ficção seriada televisiva, telenovelas e *soap operas*, manifestam as lutas internas de um campo de estudo ainda em processo de legitimação acadêmica. A autora faz isso articulando principalmente os conceitos de prazer e resistência. Duas vertentes são privilegiadas em seu trabalho devido à importância para a reflexão de gênero: feminismo e as análises sobre a cultura popular. Novamente, a linha teórica do trabalho tem relação com os Estudos Culturais. Porém, aqui, essa corrente de estudos é repensada a partir das especificidades latino-americanas. A metodologia utilizada pela autora tem como base a análise crítica dos trabalhos acadêmicos sobre os temas que ela foca. O pós-feminismo em sua pesquisa aparece quando a autora realiza a análise sobre a pesquisa acadêmica brasileira. Meirelles (2009) afirma que o feminismo brasileiro parte de uma noção de combate social. Nesse sentido, a autora cita o pós-feminismo para dizer que o termo é utilizado de modos tão intensos quanto diferentes pela mídia e pela academia. Segundo ela, o conceito representa o discurso de descaso que as mulheres contemporâneas revelam em relação ao movimento feminista e suas conquistas – referente ao momento analisado pela autora. Contudo, é interessante a ressalva que ela faz de que, apesar da concepção ser amplamente criticada, o pós-feminismo tornou possível a análise de objetos de consumo tipicamente femininos, ou seja, a moda, a culinária e as narrativas melodramáticas, entre outras questões de interesse das mulheres que passam a ter mais valor. Portanto, é possível falar nesse aspecto sobre uma renovação do próprio movimento feminista.

Após estes dois trabalhos, é somente em 2015 que aparece a próxima dissertação que menciona o pós-feminismo. Trata-se do trabalho de Tatiane Leal Costa (2015, UFRJ), “A mulher poderosa: construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro”. A autora analisa as capas de revistas brasileiras que têm propagado a ideia de um estereótipo da “mulher poderosa” (termo que ela usa para se referir a essas representações). No seu entendimento, essas revistas se dedicam a expor uma ideia de superioridade feminina e um

discurso que convoca as mulheres a transformações individualistas. Esse estereótipo propagado nas revistas está relacionado a emergência de um novo tipo de feminismo, que tem como característica, principalmente, o individualismo e a ênfase no poder interior da mulher. Com isso, a autora pondera como os discursos midiáticos podem construir subjetividades ajustadas às ideias tradicionais de feminilidade ao mesmo tempo que atendem às demandas do produtivismo capitalista neoliberal. A metodologia utilizada é a análise das reportagens de capa de revistas, relacionadas à temática do que ela chama de “nova mulher”, via as categorias de beleza, emoções, feminismo, feminilidade e trabalho, nas quais articula o *corpus* ao referencial teórico. Pós-feminismo consta nas palavras-chave do trabalho. A autora comenta que, em 1980, o feminismo começa a ser questionado. Discussões sobre quais seriam os direitos que o movimento defende ou ainda quem integraria o feminismo começam a ser assuntos discutidos dentro do movimento. Sobre essas respostas, surgem novas construções, muitas vezes contraditórias, na qual a autora diz que pode ser identificado o que seria o pós-feminismo. Citando Genez & Brabon (2009), Costa (2015, p. 35) diz que “o termo emerge na interseção e hibridização de contextos culturais, acadêmicos e políticos: da mídia massiva e do jornalismo, das análises da teoria feminista, da teoria pós-moderna e da retórica neoliberal”. A autora também entende o conceito como marcado por múltiplas visões, por diferentes teóricos, porém, afirma que pós-feminismo se unifica no âmbito acadêmico e na vontade política de revisão do feminismo enquanto movimento e teoria. Enquanto algumas correntes demarcam seu fim, outras pretendem mantê-lo, porém demandam transformações e novas possibilidades de pensá-lo. Nesse sentido, a autora afirma que o pós-feminismo pode ser entendido tanto como um conceito teórico quanto um *buzzword*⁶⁶ jornalístico. A autora não esquece de salientar que é por meio dos produtos midiáticos que o pós-feminismo recebe um fôlego maior para se desenvolver.

Em “Ausentes, Vingativas, Irreverentes, Infantis: As personagens femininas na obra de Quentin Tarantino”, a dissertação de Carolina de Oliveira Silva (2017, Universidade Anhembi Morumbi) propõe uma discussão e análise das personagens femininas na obra do cineasta estadunidense Quentin Tarantino, a partir de um tipo de filme bastante utilizado pelo cineasta denominado *Exploitation*. Segundo a autora, a ideia é mostrar, por intermédio da análise textual e contextual, o que torna as personagens distintas e relevantes dentro do universo de cada filme. Para tal, a autora utiliza estudos de teorias pós-feministas, combinados com a análise das representações da figura feminina nos filmes. O referencial da

⁶⁶Jargão de algo que se torna ‘moda’ em determinado contexto ou período.

autora se centra em Eric Schaefer (1999), por seus estudos sobre narrativas fílmicas, Julia Kristeva (1982), Teresa de Lauretis (1987), Georges Duby e Michelle Perrot (1991), Camille Paglia (1996), Helen Hanson (2007) e Beatriz Preciado (2014). O pós-feminismo é convocado no segundo capítulo do trabalho quando a autora faz a análise das personagens femininas dos filmes. Citando Emma Wood (2007), a autora afirma que Tarantino não empodera as mulheres, mas sim as explora. Além disso, as personagens femininas são masculinizadas. Assim, a autora vê a necessidade de compreender alguns aspectos do fenômeno pós-feminista. Citando Janet McCabe e Kim Akass (2006), a autora afirma que a concepção propaga a ideia do fim das desigualdades entre os gêneros, assim como, contribui para individualizar e despolitizar as mulheres. Dessa forma, mesmo que essas personagens sejam de certa forma independentes e criadoras de suas próprias regras continuam sendo sexualizadas e compactuando com valores patriarcais.

E, por fim, no ano de 2018, destaca-se a dissertação de Julia Favoretto (UFRJ), “Que protagonismo é esse? Amor e Pós-feminismo nas comédias românticas brasileiras”. Aí a autora busca por meio da comédia romântica investigar indícios de uma possível padronização dos desejos femininos, refletidos nos cenários de “crise” dessas protagonistas e “felicidade” presentes nos filmes brasileiros de comédia romântica que a autora analisa. Apesar dessas produções fílmicas terem uma audiência majoritariamente feminina e as protagonistas serem mulheres, a autora problematiza o fato de que esses filmes não são produzidos, escritos ou editados por mulheres, por isso, ela questiona: que protagonismo é esse construído nas comédias românticas brasileiras? A metodologia utilizada pela autora é a análise textual do roteiro, das composições visuais e/ou sonoras dos filmes, das sinopses e matérias vinculadas à obra audiovisual investigada. O circuito da cultura, proposto por Stuart Hal (1997), é utilizado quando a autora foca nos eixos da produção, representação e identidade. Seu referencial teórico está embasado, principalmente, em autores vinculados aos Estudos Culturais e aos estudos cinematográficos e da crítica feminista. O pós-feminismo é convocado para explicar como esse fenômeno, em um ambiente neoliberal, aparece nas representações do protagonismo feminino nas comédias românticas brasileiras. A autora busca subsídios em Angela McRobbie (2006) e Judith Butler (2000) para explicar as condições que estruturam o surgimento do pós-feminismo. Nesse ambiente, as premissas feministas já haviam sido consolidadas, e assim passam a existir novos questionamentos sobre questões como prazer, escolha, independência, liberdades, amor, visibilidade e empoderamento. A autora, ao citar Genz e Baron (2009), avalia que o pós-feminismo surge no cruzamento entre os meios de comunicação massivos, a cultura de consumo, a política

neoliberal, as teorias pós-modernas e o próprio movimento feminista. Conclui, então, que as comédias românticas brasileiras seriam fruto de um estímulo, de caráter contraditório, por uma maior visibilidade feminina. O pós-feminismo, nesse sentido, ofereceria uma via para a mulher contemporânea empoderar-se, porém, o que ocorre é que nesse processo é conformado um modelo de heteronormatividade. A busca pela harmonia, sucesso profissional e feminilidade criariam as condições para se obter um grande amor, portanto, o amor também se torna uma conquista por mérito e não um ato espontâneo.

Em síntese, no âmbito da produção acadêmica no Brasil, em especial das teses, percebemos a escassez de trabalhos que trazem “o pós-feminismo”, apenas na pesquisa de Lobo (2015) o fenômeno aparece e está relacionado com a mídia revista. Nas dissertações, encontramos sete trabalhos que abordam “o pós-feminismo” sob algum aspecto. A primeira e a segunda dissertação encontradas são dos anos de 2006 (Messa) e 2009 (Meirelles). Em ambas, o audiovisual é privilegiado como objeto de estudo. Depois houve um salto para o ano de 2015 (Costa), 2017 (Dias; Silva; Coruja), 2018 (Favoretto). A distância menor de tempo entre essas últimas produções pode significar que o interesse pelo debate sobre “o pós-feminismo” está em ascensão. Destes sete trabalhos, todos relacionam fenômeno com alguma mídia: cinco dissertações privilegiam o audiovisual, seja no cinema, na televisão ou em plataforma digital na internet. Em um trabalho, a revista é o objeto de estudo e, em outro, a cultura urbana. Neste último, “o pós-feminismo” aparece relacionado aos movimentos sociais em rede.

Nosso esforço em construir um estado da arte detalhado sobre como o pós-feminismo têm se apresentado em trabalhos acadêmicos parte do objetivo de compreender como esse fenômeno - aparentemente recente, no Brasil, é abordado. Além disso, é por meio desse esforço que conseguimos detectar algumas tendências sobre esse enfoque de estudo. Dos trabalhos mapeados, a recepção – feminina, é problematizada apenas no trabalho de Messa (2006), ou seja, por mais que “o pós-feminismo” esteja em um momento de crescente debate, pouco se tem estudado sobre como as mulheres têm recebido ou se apropriado de produtos midiáticos que tencionam de certa forma, aspectos do pós-feminismo. Mais um indício que nos mostra a relevância de buscar entender como a telespectadora feminina se apropria de produtos midiáticos que estão associados ao tema.

5.2 O PROGRAMA AMOR & SEXO

Amor & Sexo, segundo o site Memória Globo (2018), está no ar desde agosto de 2009. Estreou com a proposta de abordar de maneira divertida e informal dois assuntos “polêmicos

e misteriosos” que seriam o amor e o sexo. É um programa de auditório semanal, apresentado por temporadas que tem desde seu início como apresentadora Fernanda Lima que, também, é atriz. O programa tem direção de Ricardo Waddington e roteiro de Rafael Draguad. Possui uma bancada fixa que sofre modificações a cada temporada; recebe convidados e dispõe de uma banda que costuma tocar músicas relacionadas com a pauta do dia.

Os temas dos programas⁶⁷ variam. Geralmente há um assunto maior que se desmembra ao longo do programa do dia. O programa é apresentado em quadros e reportagens, bem como dicas para o público - normalmente, com intermédio de Fernanda Lima que participa com os convidados que estão na bancada, anônimos ou, ainda, com a plateia. São temas relacionados ao sexo, sexualidade, corpo, autoestima, depilação, relacionamentos e outras temáticas que estariam no escopo de amor e de sexo. O programa também conta com Leo Jaime e sua banda, que tocam e cantam músicas relacionadas ao assunto da sexualidade (Memória Globo, 2018).

Segundo o próprio diretor, o programa tem objetivo de entreter e falar de sexualidade e relacionamento. Para ele, o programa só tem uma regra, que os convidados e a plateia falem abertamente das temáticas debatidas. O formato tem duração de 45 minutos em média e geralmente é exibido às 23h. Em outubro de 2018 estava na 11ª temporada.

Segundo o Memória Globo (2018), o programa tem a pretensão de falar com toda a família, sem restrição ao tema, usando uma linguagem clara e objetiva, porém deliciada e bem-humorada. De 2009 a 2011 contou com a consultoria de Carmita Abdo, psiquiatra, sexóloga e professora da Universidade de São Paulo, que ao lado de Fernanda Lima, respondia às dúvidas do/a telespectador/a que participava via telefone ou e-mail. Abaixo, detalhamos as temporadas de Amor & Sexo ao longo dos anos.

5.2.1 Temporadas de Amor & Sexo

Segundo informações do Memória Globo⁶⁸, a primeira temporada, em 2009, o quadro de destaque era o *Strip Quizz*. Um jogo em que os convidados respondiam às perguntas sobre sexo e relacionamento feitas por Fernanda Lima. Em seguida, a plateia julgava se eles estavam sendo sinceros levantando formas de corações verdes (sinceros) ou vermelhos (mentindo). Quando alguém levantava um coração vermelho a apresentadora pedia para explicar o porquê da desconfiança. A cada coração vermelho, o/a participante do jogo deveria

⁶⁷ Utilizaremos a denominação “programas”, pois é como Amor & Sexo se identifica.

⁶⁸ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditório-e-variedades/amor-sexo.htm> Acesso em: 10/07/2019.

tirar uma peça da roupa do/a boneco/a que o/a representa. Perdia a brincadeira a pessoa que ficava com menos roupas ou com trajes íntimos nessa dinâmica. Fernanda Lima definiu o quadro como “o verdadeiro nu artístico da televisão”. Outro quadro dessa temporada é o *Caindo na Pista* onde a apresentadora ia às ruas ajudar pessoas a arrumar um pretendente. Apesar das diversas tentativas, Fernanda Lima não conseguiu formar um casal que “engatou” um namoro. No último programa da primeira temporada, o programa abordou o tema do fetiche com bombeiros, salva-vidas e aeromoças. Fernanda Lima se vestiu a caráter para saber o porquê desses fetiches.

A segunda, a terceira e a quarta temporada acontecem em 2011. A segunda temporada surge com quadros novos. Um deles é o *Gaymer*, uma gincana em que três homens homossexuais disputavam um cruzeiro com um acompanhante. Os participantes disputavam três provas: pegar o telefone de uma garota na praia no menor tempo possível, uma corrida de salto alto e a troca de pneu de um carro no palco de Amor & Sexo - claramente atividades problemáticas, que estigmatizam e estereotipam homens gays. Outro quadro dessa temporada foi o *Ponto Q*, em que a apresentadora anunciava uma palavra relacionada ao tema da atração e perguntava às pessoas na rua o seu significado. No final, um especialista dava a definição correta. O quadro *Jogo de Cama* era um jogo de perguntas e respostas onde um convidado “testava” suas qualidades como “conquistador”. Um júri composto por famosos aprovava ou não essas respostas. Uma novidade dessa temporada foram reportagens em que Fernanda Lima foi para Nova York saber sobre assuntos referentes a sexo e sensualidade.

Na terceira temporada, Rodrigo Hilbert, marido de Fernanda Lima, estreia um quadro, o *Coisa de Macho*. O ator mostrava que “fazer depilação e escolher legumes no supermercado, por exemplo, também são ‘coisas de macho’”. Nessa temporada, a apresentadora fez uma matéria especial sobre abstinência sexual no esporte. Na quarta temporada, em 2011, Fernanda Lima vai ao Japão apresentar matérias sobre sexualidade e relacionamentos. Léo Jaime, participante também da banda do programa, vai às ruas do Brasil complementar as matérias que a apresentadora fazia no Japão, como uma forma de apresentar diferentes visões sobre os assuntos tratados. Ao final dessa edição os convidados receberam camisetas estampadas com um “não”, posicionando-se contra a intolerância sexual, ao preconceito e à homofobia.

Na quinta temporada, em 2012, Fernanda Lima fez várias reportagens em Angola e em Portugal. A ideia era mostrar como pessoas desses diferentes lugares lidavam com os temas relacionados ao amor e ao sexo. Novamente, Leo Jaime vai às ruas brasileiras questionando as pessoas com as mesmas questões que a apresentadora fazia nesses países. Ao final dessa

edição os convidados receberam uma camiseta com um “sim”, posicionando-se, dessa vez, em defesa da liberdade individual, da diversidade e ao respeito.

Na sexta temporada, ainda em 2012, o programa apresenta um novo formato, inspirado em programas clássicos de auditório, como o do Chacrinha. O programa fica mais temático e passa a lidar com etapas do relacionamento - noivado, casamento, separação e gravidez. Nessa temporada as pessoas anônimas começam a ter participação assídua. O cenário do programa também mudou. Um balé, formado apenas por homens, começa a integrar o programa. Nessa temporada, estão Flávia Alessandra, Otaviano Costa, José Loreto, Mariana Santos, Alexandre Nero e Cacau Protásio. Além desses, a psicanalista e terapeuta de casais Regina Navarro Lins e os jornalistas Xico Sá e Glória Maria. No último programa da temporada, o tema foi o fascínio dos brasileiros por “bumbuns”. No palco do programa foi realizado o concurso “Miss e Mister Forévis”, com a participação de seis homens e seis mulheres em trajes de praia. O júri votou nos “bumbuns” masculino e feminino de suas preferências. Fernanda Lima convidou Otaviano Costa para uma sessão de malhação, para que o ator experimentasse na pele o esforço feminino para manter o corpo em “forma”.

Na sétima temporada, em 2013, Fernanda Lima começa a fazer performances nas aberturas de cada episódio. Além de dançar, cantar e atuar, ela participou como redatora da temporada. A temporada gerou polêmica, quando dez pessoas nuas apareceram na atração⁶⁹. O episódio abordou a nudez. As temáticas dessa temporada foram em torno da TPM (tensão pré-menstrual), em que famosos participaram relatando suas experiências com isso; o romantismo; genitálias femininas e masculinas; traição; “solteirice” e erotismo. Outro tema que apareceu nessa temporada foi “o amor à moda antiga”.

Na oitava temporada, em 2014, o programa começa com um strip-tease de Fernanda Lima. Com o tema “sexo se separa do amor”, o episódio trouxe questões associadas ao sentir prazer sem culpa. O pai da apresentadora, Cleomar Lima, participa de um episódio no qual foi convidado para falar de sexo seguro e ensinar a colocar uma camisinha. Novamente, o romantismo é tema de um episódio e, de novo, o marido de Fernanda Lima participa do programa com essa temática (na temporada anterior tinha acontecido algo similar). Nessa temporada ainda ocorreram dois casamentos gays no palco e um, heterossexual. O papel de “macho” ganha destaque em mais um episódio. Um programa tratou de tabus e preconceitos em torno do machismo.

⁶⁹ Ao ser questionada sobre um episódio do programa que mais marcou, Luna (uma de nossas entrevistadas) destaca esse episódio.

A nona temporada, de 2016, é descrita como a última no Memória Globo. Porém, a última até então é a décima primeira temporada, de 2018. Feita a ressalva, a nona temporada ganha um cenário novo e luxuoso, com uma escadaria e um letreiro iluminado com o nome da atração. Os temas debatidos são a liberdade, o bom humor, a paixão, o prazer, o carnaval, a praia, a maternidade e a moda. No primeiro programa, três homens se caracterizam como *drag queens*. Em outro episódio, Rita Lee falou sobre amamentação e refletiu sobre os direitos das mulheres. No episódio que tinha como tema a moda, o casal de atores Otaviano Costa e Flávia Alessandra participaram de um jogo sobre suas roupas. Após isso, quatro duplas que nunca haviam se visto foram desafiadas a despir um ao outro no palco.

A novidade da décima temporada é a participação do humorista Eduardo Sterblitch. Em entrevista ao Gshow (2017)⁷⁰, Fernanda Lima conta que o programa tem ousadia e diversão, pois consegue tratar de assuntos que todos estão falando em uma linguagem acessível e amorosa, e que tem a pretensão de alcançar pessoas que talvez nunca tivessem contato com esses assuntos do programa. As novidades da décima primeira temporada, segundo o site F5 (2018)⁷¹, ficam por conta da estreia de Mylena Jardim, vencedora do programa *The Voice Brasil* que passa a integrar a banda da atração, e a chegada da filósofa Djamila Ribeiro. Os temas debatidos nessa temporada tratam de feminismo, masculinidade, gênero e corpo. Fernanda Lima comenta sobre as coreografias do programa, “muito potentes e longas, a cada dia fica mais difícil decorar”. E também reforça que o desafio do programa continua o mesmo. Contudo, o que muda nessa temporada é que os assuntos são mais elaborados e aprofundados, privilegiando o debate e as discussões. Sobre a continuação do programa *Amor & Sexo*, Fernanda Lima afirma não ter certeza se terá novas temporadas⁷². A última até o momento⁷³ é a de 2018.

5.2.2 Fernanda Lima

Fernanda Lima⁷⁴ é uma modelo, apresentadora, empresária e atriz brasileira. Com uma curta carreira como atriz, se consolida como apresentadora de televisão. Fernanda Lima inaugurou sua vida de modelo na capa da Revista *Capricho* em 1991. Em 1999, estreia como

⁷⁰ Disponível em: <http://gshow.globo.com/tv/noticia/2017/01/fernanda-lima-comenta-volta-de-amor-sexo-e-estreia-de-eduardo-sterblitch-na-bancada.html>. Acesso em: 16/07/2019.

⁷¹ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2018/10/com-fernanda-lima-amor-e-sexo-volta-para-10a-edicao-com-novidade-na-banda-e-na-bancada.shtml>. Acesso em 16/07/2019.

⁷² Disponível em: <https://portalovertube.com/entretenimento/fernanda-lima-revela-se-amor-sexo-volta-ao-ar-em-2019/>. Acesso em 10/07/2019.

⁷³ Janeiro de 2020

⁷⁴ Informações sobre Fernanda Lima – Disponível em: <https://fernandalima.com.br/biografia/> Acesso em 10/07/2019.

apresentadora na MTV Brasil, no programa *Mochilão MTV*, em que viajou por vários países. Após voltar dessas viagens, encantada com a Comunicação, foi cursar Jornalismo. Entre 1999 e 2000, esteve na Rede TV, onde apresentou o *TV Escolha* e o *Interligado*, um programa em que apresentava videoclipes ao vivo. Em 2000, retorna a MTV Brasil onde permanece até 2003, com o programa *Fica Comigo*, no qual jovens se conheciam para ter um relacionamento amoroso. Uma novidade para época é que esse programa trazia, também, casais homossexuais para se conhecerem. Após apresentar outros programas na MTV, Fernanda atuou em dois filmes, *Didi quer ser criança* e *A dona da História*, ambos de 2004.

Em 2005, substitui a apresentadora Angélica, durante a licença maternidade e assume o quadro *Video Game*, do programa *Video Show* da Rede Globo. No mesmo ano, atua na novela *Bang Bang*; em 2006, na novela *Pé na Jaca*, ambas da Globo. Ainda em 2006, Fernanda torna-se sócia do Maní, um restaurante consagrado em São Paulo que, em 2015, conquistou um posto entre os 50 melhores restaurantes do mundo, pela revista *The Restaurant Magazine*.

Em 2007, Fernanda Lima, apresenta o programa *Por toda minha vida*, onde fica no comando até 2011. Ganha um quadro no *Domingão do Faustão* e substitui novamente Angélica no *Video Show*, enquanto ela própria estava no início da gravidez de seus gêmeos.

Em 2009, Fernanda Lima estreia no programa *Amor & Sexo* que comanda até 2018. Em 2010, ela e o marido, Rodrigo Hilbert, são escolhidos pela CBF para representar o país nos eventos oficiais da Copa do Mundo; em 2013, o casal volta a apresentar o sorteio de grupos da Copa de 2014, com uma transmissão para 200 países. Nessa participação, Fernanda Lima gerou polêmica ao usar um vestido considerado “muito decotado” e “excessivamente sensual”. A transmissão no Irã foi proibida. Essa exposição fez Fernanda Lima ficar entre os 10 brasileiros da lista da BBC Brasil que mais se destacaram no noticiário internacional de 2013.

Em 2014, apresenta o *SuperStar*, programa musical ao vivo da Rede Globo. No final desse mesmo ano, Fernanda Lima foi eleita pelo voto popular como “Melhor apresentadora da Televisão Brasileira”, no prêmio Extra de Televisão. Em 2015, volta a apresentar o *SuperStar* e, em 2017, apresenta o *PopStar*. No final de 2017 se muda para os Estados Unidos com a família⁷⁵ e, em 2019, anuncia uma nova gravidez⁷⁶, no mesmo ano ganha o troféu “Melhor

⁷⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/fernanda-lima-fala-sobre-vida-nos-estados-unidos-pegovassoura-pano-faco-faxina-23131583> Acesso em: 10/07/2019.

⁷⁶ Disponível em: <https://diversao.r7.com/tv-e-entretenimento/fernanda-lima-anuncia-gravidez-do-terceiro-filho-gravidos-e-felizes-04042019>. Acesso em 10/07/2019.

Programa” da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) por Amor & Sexo⁷⁷. Ainda, em 2019, participa da Parada LGBT como madrinha da parada⁷⁸.

5.2.3 Amor & Sexo pelas entrevistadas

Muitas entrevistadas relatam que o “forte” do programa Amor & Sexo são as atrações, a leveza e as brincadeiras. As entrevistadas relatam que gostavam de assisti-lo, pois era um programa dinâmico e engraçado.

A questão do humor é uma pauta que apareceu com frequência nas respostas das entrevistadas, mesmo não sendo uma questão problematizada na entrevista. Isso coincide com as análises de Gill (2016) de que o feminismo na atualidade vem ganhando uma nova roupagem. É cada vez mais ressignificado pela mídia convencional como algo legal, leve e divertido. A autora ainda ressalta a importância em discutir termos como feminismo, pós-feminismo no momento cultural e político que estamos vivendo em que, aparentemente, “o feminismo deixou de ser uma identidade ridicularizada e repudiada entre as mulheres para se tornar desejável e elegante” (SCHARFF apud GILL, 2016). Em alguns momentos, observamos que as falas das entrevistadas vão nessa direção.

Alice: Eu costumava assistir ele [Amor & Sexo] porque eu achava divertido, bem diferente, descontraído, fala um monte de coisas que normalmente na TV ninguém fala, porque, ‘ai meu Deus’, é estranho, ou então, ‘ai, não pode falar na frente de todo mundo’.

Joana: Eu acho legal porque é uma forma mais solta assim, sabe, não é um ‘ah vamos conversar sobre como é formado uma vagina’ [...], mais brincadeira, então acho que acaba sendo muito mais tranquilo, até pras pessoas assistirem, sabe, acho que são coisas importantes e por ser de forma mais engraçada e divertida, acho que é mais tranquilo assim.

Isadora: Eu acho que foi bem legal pras pessoas refletirem até porque é um programa pra se divertir, mas ao mesmo tempo é uma reflexão [...] eu acho bem importante, porque pra algumas pessoas é a única maneira de saber disso é pela televisão né.

As interlocutoras relatam que como ele debate assuntos mais sérios, caso não tivesse o lado de humor e das brincadeiras, o programa se tornaria maçante, entediante e não atrairia tanto o público. “É praticamente impossível resistir ao impulso de transformar quase tudo em entretenimento, quando é entretenimento que todo mundo parece querer” (GABLER, apud FREIRE FILHO, 2003, p.35).

⁷⁷ Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/video-show/noticia/fernanda-lima-celebra-premio-de-melhor-programa-com-amor-e-sexo-veja-os-demaix-vencedores.ghtml>. Acesso em 10/07/2019.

⁷⁸ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2019/06/famosos-na-parada-gay-nao-vamos-parar-ate-que-a-mudanca-de-fato-aconteca-diz-fernanda-lima.shtml>. Acesso em 2019.

*Laura: [...] Seria diferente só ela tá ali falando a teoria sabe, assim chama mais atenção, prende a atenção e fica mais leve. Eu gosto também, porque traz o público, interage, ele fica mais interativo, **não fica maçante** sabe.*

*Joane: Eles tratam de assuntos que são importantes, [...], mas de uma forma de brincadeira. [...]. **Não fica entediante pra gente assistir** também, porque fica divertido.*

Amanda: Eu entendo, se não tivesse ia fugir um pouco do que é entretenimento, porque ia ficar muito só debate, só conversa, e a gente sabe que o público é muito ligado nisso de ter o entretenimento [...] pra não ficar uma coisa muito 'ai estou militando' então eu acho que combina muito com o programa.

Juliane: Geralmente quando ela [Fernanda Lima] faz as brincadeiras, era umas das partes que eram mais legais a serem vistas.

Luna: Ela [Fernanda Lima] consegue diferenciar os transexuais, os travestis, ela sabe diferenciar de uma maneira bem humorística, mas bem respeitosa.

Como visto com o estado da arte e com a discussão teórica, o feminismo passa a ser uma “tendência” na conjuntura contemporânea. No Brasil, sobretudo, o interesse pela temática do feminismo começa a se acentuar a partir de 2015. Também, a partir daí o programa Amor & Sexo começa a se tornar mais “político”, com debates mais sérios. Isso foi percebido na mudança de temáticas e posicionamentos ao longo das temporadas descritas.

Em 2018, a audiência do programa começa a cair⁷⁹. Esses fatos podem ser correlacionados. As entrevistadas relatam que assistiam ao programa por achá-lo leve, divertido; dizem que se não tivesse essas partes mais engraçadas, o programa se tornaria maçante e entediante, logo, quando ele se torna mais politizado e com mais debates sérios, a audiência tende a cair. No mesmo ano, o programa se envolveu na polêmica que pedia seu fim⁸⁰, como já descrito no início do trabalho.

Na subseção a seguir, buscamos compreender como as interlocutoras compreendem a relação do casal, Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert, já que o marido da apresentadora também é uma figura pública e faz diversas participações no programa Amor & Sexo. Além disso, a intenção de trazer o casal para debate parte de uma problematização com relação à feministas e suas vidas amorosas.

⁷⁹ Rejeição inédita de público derruba o ‘Amor & Sexo’ em todo o país Disponível em: <<http://www.ocnet.com.br/noticias/tv-teatro-e-musica/rejeicao-inedita-de-publico-derruba-039amor-amp-sexo039-em-todo-o-pais/>>. Acesso em: 13/01/2020.

⁸⁰ Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/boicotado-e-polemico-amor-sexo-tem-pior-temporada-da-historia-no-ibope--23777>. Acesso em 10/07/2019.

5.2.4 O casal Fernanda e Rodrigo

A questão de que mulheres feministas não querem ter um relacionamento amoroso e, também, de que o feminismo tem os homens como inimigos são algumas das suposições atribuídas as feministas que o movimento tenta desmistificar.

Fernanda Lima se declara feminista, é casada e tem filhos. A proposta de incluir problematizações sobre o casal tem como objetivo observar se essa questão iria ser ressaltada na fala das entrevistadas. Porém, apenas Laura discorre sobre essa questão. Quando instigada a responder sobre o que é feminismo para ela, relata que, além de ser igualdade entre homens e mulheres, não concorda com a argumentação que fazem para o feminismo: “Se diz ainda, né, que quando tu fala que é feminista é ‘ah, então tu não gosta de homem’”.

As interlocutoras deslocaram a hipótese inicial da temática para outro ponto. A questão sobre Rodrigo Hilbert/relacionamento do casal, se moveu para o foco do companheiro de Fernanda ter habilidades domésticas. As interlocutoras o descrevem como marido ideal, ressaltam a característica dele cozinhar e o descrevem como tipo de companheiro que gostariam de ter.

*Alice: Acho legal isso que ele tem um programa de **culinária**, acho isso bem diferente, **porque normalmente é a mulher que tem esses programas.***

Joana: Eles parecem dividir bastante tarefas assim e eu acho um bom casal, acho que assim que deveria ser. Eu quando tiver uma relação espero que seja assim também.

Apesar das interlocutoras considerarem Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert um casal com um padrão de beleza, continuam admirando o relacionamento do casal, principalmente pela desenvoltura e liberdade que eles têm de debater diversos temas e pelo fato de Rodrigo ter aptidões domésticas.

Joane: Eles são bem “padrãozão”, assim, mulher branca [...]. Eu acho eles um casal aberto, porque eles estão ali, né. Por exemplo, ela falando da vida íntima dela, acho eles bem abertos, bem dinâmicos, diferentes do padrão assim.

Pamela: (Suspiro) Ah, casal dos sonhos, né?! Acho que por causa da relação deles, de ele apoiar ela, e ela também apoiar ele, toda essa questão de ele ir pra cozinha, que ele tem vários programas sobre isso, né?! [...]. É um casal totalmente padrão também, loiro de olho azul, branco [...].

Amanda: Ah, o homem mais perfeito do Brasil segundo a crítica. [...] [Ele] tem aquele programa dele na cozinha, que ele caça os bichos e cozinha, daí todo mundo fica... os homens principalmente ‘Ah, Rodrigo Hilbert que homão’. [...] Como casal, eu acho os dois maravilhosos, nossa que casal lindo, os dois são muito bonitos, apesar de ser um casal muito padrão.

Juliane: Tipo ele é um exemplo de homem totalmente... eu não sei te explicar a palavra correta, mas por exemplo, meu namorado não ia sentar pra fazer um

crochê, ele é uma espécie, tipo que faz tudo, é o cara perfeito assim. [...] Os dois juntos formam um casal bonito, que os dois têm um padrão de beleza.

Apenas Isadora não o considera como par/homem ideal simplesmente pelo fato dele dividir tarefas domésticas, pois em sua casa, também divide as tarefas com o companheiro. Entretanto, Laura, apesar de também dividir as tarefas de casa com o companheiro continua considerando Rodrigo Hilbert como marido ideal:

Laura: Eu vejo muito meme⁸¹ dele assim que ele cozinha (risos), ele é meio assim, como se ele fosse o marido ideal né? [...]. Pela parte do companheirismo eu acredito que sim, eu me identifico, mas é talvez... é eu acho que me identifico mais sim, porque quem cozinha é meu namorado então (risos), eu não sei cozinhar.

Isadora: Eu acho que muitas pessoas às vezes se admiram porque ele cozinha, porque ele faz não sei o que, só que pra mim isso é uma coisa que deveria ser normal, não uma coisa diferente. Por exemplo, eu moro com meu noivo e tipo a gente divide tudo que a gente faz sabe, então, por exemplo, todas as tarefas, então, pra mim é uma coisa normal.

A característica de Rodrigo Hilbert ter habilidades domésticas é o fator principal para as entrevistadas o considerarem como um “par ideal”. Uma característica percebida por meio da observação em campo é que as entrevistadas riem quando citam as atividades domésticas que o marido de Fernanda Lima faz. Provavelmente esse fato cause um estranhamento nas entrevistadas pelas atividades domésticas sempre estarem relacionadas à vida das mulheres e não à rotina homens, logo, não seria “normal” ele cozinhar, por exemplo.

Após detalhar o programa e algumas questões relativas a ele, no capítulo que segue, apresentamos as apropriações que as entrevistadas fazem com relação a questões propostas na entrevista que tomaram o programa e seus temas como ponto de partida. Ou seja, a partir da assistência dos episódios selecionados, as entrevistadas são provocadas a refletirem sobre si mesmas⁸², as posições que ocupam e questões que dizem respeito ao (s) feminismo (s). Os agrupamentos temáticos apresentados a seguir surgiram a partir do que é mais evidente na fala das onze entrevistadas.

⁸¹ Expressão usada na internet para algo que se torna engraçado.

⁸² Algumas questões da entrevista tinham a intenção de fazer a entrevistada refletir sobre si. Entretanto, muitas reflexões foram provocadas por questões que não haviam relação direta com a entrevistada e sim com o programa, com a apresentadora ou algum outro aspecto.

6 APROPRIAÇÕES DEMARCADAS PELAS VOZES FEMININAS

A partir das transcrições das entrevistas realizadas, buscamos aqui destacar a saliência de um conjunto de temáticas. Os marcadores destacados neste capítulo são decorrentes das próprias falas das entrevistadas, ou seja, foram definidos após as entrevistas. Portanto, o próprio discurso das nossas entrevistadas colocou tais questões em evidência. É importante ressaltar que outros marcadores identitários apareceram na fala de algumas mulheres - como a sexualidade e a geração, por exemplo. Contudo, não foram enfocados aqui por se apresentarem de forma mais sutil, .

Entendemos que os agrupamentos estão correlacionados entre si, porém, a divisão também é produtiva já que exhibe o que cada uma das questões tem de mais significativo para nossa problematização.

6.1 INTERSECCIONALIDADES: QUESTÕES RACIAIS, DE CLASSE E OUTROS MARCADORES

Nesta seção, buscamos compreender de que forma as mulheres se apropriam de questões como raça, gênero, classe e outros marcadores sociais que elas próprias destacam. Marcadores como sexualidade e geração, manifestam-se de modo bastante atenuado, por isso, não há uma problematização maior sobre eles.

É importante enfatizar que não pretendemos hierarquizar os marcadores identitários ou criar essencializações. Entendemos que são múltiplas dimensões identitárias. Contudo, é igualmente importante atentar para como diferentes mulheres compreendem e se apropriam das questões debatidas no programa Amor & Sexo, relacionando-as com suas vidas.

Como já visto com a reflexão de bell hooks (2019), a maioria das mulheres negras percebem as representações midiáticas de forma diferente das mulheres brancas, acionando um “olhar opositor” (hooks, 2019). Isso porque para mulheres brancas, figuras de outras mulheres brancas na mídia são naturalizadas, enquanto mulheres negras questionam essa representação/ou a falta dela. Isso se mostra evidente na fala das interlocutoras. Ao serem questionadas sobre quem Fernanda Lima representa, questões raciais, de classe e de representação vem à tona, principalmente, nas falas de Íris, Joana e Pamela. Todas se autodeclaram negras – Íris e Pamela se autodefinem como “pretas”.

Íris: Ela [Fernanda Lima] enquanto mulher branca, de classe média alta, parece que ela não tenta nunca roubar o lugar dos outros, procura entender bem o lugar de fala das pessoas [...]. O que temos em comum eu e ela, somos mulheres! Aí tem

*outras coisas, **muitos outros fatores que nos diferenciam** e tal. [...]. Eu acho que ela é uma figura importante para a luta das mulheres, mas não que ela represente as mulheres [...]. Ela é uma mulher branca, heterossexual, de classe média alta e tal, **eu já me coloco no oposto dela**. Eu, enquanto mulher negra, de classe trabalhadora, a minha orientação sexual também me define.*

*Joana: eu acredito que sim, por ela falar desses temas, eu acho que ela defende muito essas pautas sobre as mulheres, enfim. Talvez não represente todas as mulheres, né?! Talvez **ela represente as mulheres brancas, e tudo mais, porque tem todo um outro contexto, né?!***

*Pamela: Bah... Eu acho que ela [Fernanda Lima] representa, não todas as mulheres, né, mas ela acaba representando um tipo de mulher, né, casada, filhos, famosa, branca, loira, modelo, então, eu acho que sim, que ela **representa uma parte de mulheres**, que tem esse padrão.*

Pesquisadora: Quem a Fernanda Lima não representa? Já que ela representa todas essas outras.

Pamela: Ah, mulheres negras, mulheres donas de casa, classe social mais baixa. Ela [Fernanda Lima] vai evoluindo e eu acho importante que ela se reconhece como uma mulher que é branca, que é loira, ela mesmo disse, né [no episódio que assistimos].

Questões representacionais também ficam evidentes na fala de Amanda. Embora se mostre indecisa com relação à sua cor de pele – no formulário se identifica como “parda”. Na entrevista diz não ter certeza se é parda ou negra, pois possui a pele mais clara. Amanda também reconhece que Fernanda Lima representa apenas um determinado tipo de mulher. Ao ser questionada sobre feminismo, destaca a questão racial:

*Amanda: A gente vai falar em mulheres né, mas tem diferença entre o feminismo branco e o feminismo negro, e **eu como filha de uma mulher branca e de um homem negro, eu realmente não sei onde me encaixar**. O feminismo que eu conheço, que eu tive acesso, eu acho que é o branco, mas eu acho que dentro do próprio movimento negro eu acho muito difícil de saber o que eu sou, dentro do movimento negro, porque existe colorismo, né. Eu sou muito mais bem vista, porque eu tenho a pele mais clara do que uma negra retinta, que é bem mais escura, então, eu nunca tive acesso ao movimento do feminismo negro, até porque das minhas amigas e as que eu conheço e das pessoas que eu tenho contato, a maioria são brancas. Eu sou mulher, parda – não sei, ah, eu acho muito complicado, é muito confuso. [...]. Acho que ela [Fernanda Lima] representa em parte isso da mulher falar temas que as pessoas às vezes acham horrível uma mulher falar [...] mas eu acho que **se a gente vai entrar numa questão racial, não, né**, e ela é uma mulher magra, alta, nos padrões europeus, então aí nesse caso não né. Ela é brasileira, mas não representa nem o que a gente considera de típica mulher brasileira, ela é mais assim a visão da mulher europeia.*

Pamela também revela posições sobre o feminismo atravessadas por questões raciais. Além disso, problematiza casos de assédio e demarca a importância da classe social. Pamela e Amanda comentam sobre casos de assédio sofridos ao saírem na rua de short, confirmando que “a cultura dominante sempre lê o corpo da mulher negra como um sinal de experiência sexual” (hooks, p. 285, 2019). Como já observado, o feminismo negro definiu a interseccionalidade como conceito fundamental para seu movimento, pois as mulheres negras

são afetadas por diversas opressões (SANTOS, 2016). O relato de Pamela e Amanda confirmam essas constatações:

Pamela: Pra mim, é uma luta que é diária e aí entram todas as questões do feminismo negro, do feminismo branco, até mesmo de classe, eu acho, mas eu acho que basicamente seria isso, a gente tá lutando todos os dias. A gente sair de casa no verão de shorts é uma luta, sabe?! Porque tem toda essa questão do corpo feminino também.

Amanda: [...]. Eu uso roupa curta e eu sei que... ah, é muito triste isso, a gente usa um short porque tá calor [...] dá dois passos e sabe que vai ter um cara sem noção que vai falar alguma coisa.

De fato, nem todas as mulheres experimentam misoginia e assédio da mesma maneira. Mulheres de cor, *queer* e trans, mulheres muçulmanas, mulheres imigrantes são desproporcionalmente alvejadas e sofrem assédio de maneiras diferentes das brancas, heterossexuais e outras mulheres de grupos culturais dominantes (GILL, 2019). As três entrevistadas, Paula, Pamela e Amanda, que relatam casos de assédio, autodeclararam-se “pretas”/“pardas”.

Questões raciais, de classe e sexualidade também aparecem quando as entrevistadas são indagadas sobre os participantes/convidados do programa Amor & Sexo. Essa questão, lançada na entrevista, também evoca questões de representatividade.

Íris: Tem de tudo que é tipo de pessoa [no programa] né?! É legal porque não é todo mundo igual. Tem cantor, ator, humorista, tem preto, tem branco, tem gay, tem lésbica, tem de tudo...

Amanda: Tem uma diversidade de convidados, tem os artistas, os estudiosos, os pesquisadores, tem bastante representatividade, tem mulheres negras, mulheres gordas.... Nesse [episódio que assistimos] têm o movimento estudantil, tem o movimento LGBT, tem o feminismo, as raças, das minorias, dos negros, dos pobres, não sei se eu vi alguém gordo ali, eu acho que não.

Joana: Acho legal trazer essas pessoas, cada um de um lugar, [...] se trouxerem todas as pessoas da mesma família, do mesmo lugar, da mesma cor e classe social, a visão vai ser muito parecida. Ele [o programa] defende a questão de direitos humanos, sobre respeito, espaço, sobre voz, e acho que ele também levanta a questão de classes sociais, que tem uma diferença entre uma menina rica e branca e uma menina negra e pobre, acho que eles levantam essa questão econômica e social, também.

Não podemos perder de vista que a única entrevistada negra que não acentua questões raciais em suas falas é Laura. Ela pertence a uma classe social mais elevada. bell hooks (2019) enfatiza que, embora mulheres negras construam um “olhar opositor”, não podemos entender essa diferença como uma postura essencialista, como se todas as mulheres negras, intrinsecamente, tomassem essa consciência. As mulheres possuem diferentes realidades. Isso

nos mostra como é importante considerar as intersecções como relacionadas umas às outras⁸³. Apesar de citar apenas superficialmente o racismo em sua entrevista, Laura se recorda do episódio em que Elza Soares aparece no programa Amor & Sexo, mostrando como a questão racial a afeta, de alguma forma:

Pesquisadora: Tu achas que a Fernanda Lima representa as mulheres?

Laura: Ela tenta, pelo menos nos programas que vi, abranger vários temas, então acho que sim, que ela representa. Ela deu voz em vários temas polêmicos hoje em dia, como a violência, machismo, até que foi aquela mulher cantar... eu até não lembro o nome.

Pesquisadora: Uma mulher que foi cantar?

Laura: sim, uma mulher negra, numa cadeira.

Pesquisadora: a Elza Soares?

Laura: Isso, acho que é, isso! Então, assim, ela debate esses temas sabe?! Acho que por isso, nesse sentido, não [...] que ela represente todas as mulheres, não que todas as mulheres sejam como ela, sabe, mas por ela abordar esses temas diferentes, então, sim.

Íris também recorda do programa do dia 26 de janeiro de 2017 (a entrevistada pesquisou em seu celular para saber o dia de veiculação do programa), em que Elza Soares e Karol Conka fazem uma performance artística conjunta. Íris enfatiza esse episódio como marcante para ela, principalmente, por apresentar mulheres negras em destaque. A interlocutora parece bem comovida com esse relato e mostra incorporar as questões que cita em seu cotidiano.

*Íris: Esse da Elza me marcou bastante, ele foi bem parecido com esse [que assistimos], com uma pegada feminista bem importante e porque no final ele deu um destaque pra a Elza Soares, enquanto mulher negra, sofrida e tudo que ela representa. E a Karol Conka também [...] Eu acho que enquanto elas sendo mulheres negras e **a importância que elas têm, na minha vida**, digamos assim, eu achei importante a mensagem que elas passaram. [...] E tentar mostrar e entender tudo que ela passou pra usar como uma espécie de inspiração pra que isso não se repita, né?! Então, eu achei legal essa pegada de mulheres negras, pretas, sofridas terem o seu momento de destaque ali, falando de uma coisa tão doída. Essa violência que ela sofreu, até aquele disco dela [da performance] é muito maravilhoso, mas é bem pesado. Eu me identifico porque são coisas que elas passaram. E pra que a minha geração e as que virão, de não passarem pela mesma coisa.*

⁸³Ao enfrentar questões de classes e raciais, fica evidente um paralelo entre Laura e as demais interlocutoras que se consideram negras/“pretas”/ “pardas”. Caso semelhante é retratado no episódio de “Um maluco no pedaço”, temporada 1, episódio 6: “Identidade trocada”. Dois atores negros (primos na série), discutem porque foram presos injustamente enquanto faziam uma viagem com um carro de luxo. Enquanto o primo adotivo – vindo de um lugar mais pobre, argumenta que foram presos por serem negros e estarem dirigindo um carro luxuoso, o outro primo - que sempre viveu na família abastada, acredita que a polícia apenas estava cumprindo o seu dever e que não foi um caso de racismo. O episódio termina com o primo rico refletindo sobre o que seu primo lhe falou, confirmando a teoria de bell hooks (2019), de que a conscientização sobre suas representações não leva a politização automática. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/DiantedoObvio/videos/379131379273021/>>. Acesso em: 13/01/2020.

Isadora⁸⁴ também manifesta alguns marcadores sociais em suas falas. Mas trata brevemente deles:

Isadora: Eu acho que ele defende a igualdade, não só de gênero, mas também a parte com os homossexuais e racial também. Igualdade geral, né?! Ele critica a intolerância, todas as intolerâncias, né, o machismo, a xenofobia, o racismo.

Já Juliane⁸⁵, esboça um foco maior às questões do corpo e aparência de Fernanda Lima. Também, problematiza as questões de representação da apresentadora, confirmando a tese de Hall (2006), de que a identificação não é automática, mas sim, um processo complexo onde inúmeros fatores passam a ser relevantes para o processo.

Pesquisadora: Tu achas que a Fernanda Lima representa as mulheres?
*Juliane: Talvez todas não... [...]. Às vezes a gente não têm voz pra falar alguma coisa e ela tá ali representando essa questão, mas eu acho que questão de identidade não, talvez represente no discurso mas não como figura. [...]. Por exemplo, **eu me identifico com outra pessoa e não com ela, até porque ela é aquele padrão de beleza perfeito, ela é magra, alta, branca...** aí tá, até que ponto ela me representa?! Ela acaba trazendo diversidade e identificação, porque apesar de ela ser apresentadora padrão, talvez eu me identifique com o cantor, me identifique com algum convidado.*

A interlocutora ainda traz algumas questões de sexualidade, embora aponte também para problematizações em relação à cor da pele.

Juliane: [O programa] É uma forma de tu refletir. [...]. E da mesma forma é a questão de cor, gênero, enfim... a gente vive às vezes em uma bolha fechada na gente que quando tu vê alguma coisa diferente tu tende a te impactar [...] não que tu vai mudar de hoje pra amanhã, mas é algo que tu vai construindo sabe?! Eu sou heterossexual, mas o que ela [Fernanda Lima] nos mostrou hoje foi um beijo gay em rede nacional, então, eu acho que é uma crítica ao que a gente constrói no nosso dia a dia do padrão.

Joane⁸⁶ comenta sobre a orientação sexual e relata que, apesar de Fernanda Lima ser um tipo de mulher “padrão” porque é branca e diferente de todas as outras mulheres, assume um lugar importante. De qualquer forma, percebemos uma visão crítica da interlocutora com relação à “mulher universal” quando interrogada sobre a representação da apresentadora. Indo em direção ao que Sandra Harding (2019) comenta sobre esse conceito ser questionando ao nos depararmos com as experiências de diferentes mulheres.

Joane: não... não é que ela não represente, mas é a questão de padrões também, é uma mulher branca, hetero [heterossexual], é diferente de todas, várias mulheres que tem aí, mas acho que é um local importante pra ela estar, mas não que ela represente todas as mulheres. [...] Eles [o casal Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert]

⁸⁴ Autodeclara-se branca.

⁸⁵ Autodeclara-se branca.

⁸⁶ Autodeclara-se branca.

são bem “padrãozão”, assim, mulher branca, mas eu acho que é um lugar bem importante pra eles estarem discutindo essa temática de tabus, né...

Paula⁸⁷ ressalta a diversidade de pessoas que o programa incorpora. Enfatiza principalmente a questão geracional e de classe social e, apesar de citar brevemente essas questões, acredita que esses marcadores não influenciam o modo como as pessoas interpretam as mensagens, que depende mais de se a pessoa tem uma “cabeça fechada ou aberta”:

Paula: Eu acho bem legal os convidados, bem diversificada as idades, quando chamam alguém da plateia também, nunca é sempre alguém jovem, ou sempre alguém mais velho, eu acho que ele consegue abranger todos os públicos. Eu acho que ele fala pra – não que mude de idade ou classe social, mas acho que ele não atinge quem tem mente mais fechada, é mais direcionado pra quem tem cabeça mais aberta, ou pra quem se permite se colocar em dúvida.

A questão que mais instigou as convidadas a problematizarem os marcadores sociais foi a pergunta sobre quem Fernanda Lima representa. A partir dessa problematização, as entrevistadas buscaram refletir sobre o papel da apresentadora Fernanda Lima frente a um programa que debate temas tão caros às mulheres.

Íris, Pamela, Joana e Amanda⁸⁸, principalmente, demarcaram, de imediato, a cor de pele de Fernanda Lima e seu papel social enquanto figura branca na TV. Todas se autodeclararam como negras/ “pretas” ou “pardas”. É relevante também destacar que ao citar os marcadores identitários, Íris, Pamela e Amanda refletem sobre essas marcas em suas experiências e esses marcadores afetam suas próprias vidas.

Apenas Luna e Alice, ambas se autodefiniram como brancas, não trataram dessas questões nessa perspectiva e acreditam que Fernanda Lima representa as mulheres. As demais entrevistadas questionaram a questão da representatividade de Fernanda Lima, porém por outras vias. Contudo, todas as entrevistadas consideram importante o papel que a apresentadora tem na televisão, por abordar temas relevantes, principalmente, para as mulheres.

Apesar de todas entrevistadas considerarem relevante o papel desempenhado pela apresentadora, as interlocutoras que se autodeclararam negras/“pretas” e “pardas” questionam a representatividade de Fernanda Lima em relação à cor de pele e classe social. As entrevistadas que se autodeclararam brancas possuem um posicionamento diferente e demarcam outras questões. Apesar de algumas citarem a especificidade de Fernanda ser branca, pouco se aprofundam na temática, já que ser branca, como salienta Brah (2006) é um significante de dominância para grupos brancos.

⁸⁷ Autodeclara-se “parda”.

⁸⁸ Íris e Pamela autodeclararam-se “pretas”; Joana autodeclara-se negra e Amanda autodeclara-se “parda”.

A diversidade de convidados é algo em destaque na fala das entrevistadas. Novamente, referindo-se à questão da representatividade. O argumento é que Fernanda Lima pode não representar todas as mulheres, mas ao levar para o programa pessoas negras, de diferentes sexualidades e classes, acaba acolhendo a diversidade, tornando o programa Amor & Sexo mais abrangente.

6.2 A CENTRALIDADE DO CONTEXTO: AMBIENTE UNIVERSITÁRIO E ONLINE

O ambiente universitário ou a passagem por ele é uma das pautas mais marcantes que nossas interlocutoras destacam nas entrevistas, juntamente com o ambiente digital/online.

A questão que mais instiga as entrevistadas a falarem do contexto universitário foi aquela que indagou sobre onde escutam falar sobre feminismo. As entrevistadas descrevem como a entrada na universidade lhes proporcionou autoconhecimento, como tal inserção se transformou em um marco em suas vidas e, paulatinamente, contribuiu para mudarem algumas de suas perspectivas.

É importante ressaltar que elas não têm contato com o(s) feminismo(s) no componente curricular, ofertado como disciplina/curso regular, mas sim em espontânea circulação no ambiente da universidade. Isto é, entre amigas, colegas ou em rodas de conversa e palestras organizadas pelo curso ou pela instituição.

Laura (residente multiprofissional), Joana (estudante), Pamela (graduada) e Amanda (graduada) discorrem sobre o ambiente universitário ao serem questionadas sobre onde escutam falar do/sobre feminismo. O meio digital/online também recebe menção, sobretudo, depois que concluem sua formação.

Laura: Ultimamente eu escutei bastante na faculdade, onde eu tive mais contato com isso, em programas também assim [como o Amor & Sexo], mas acho que o maior contato foi na universidade, em conversas com amigas ou em conversas, em debates, quando acontecem algumas rodas [de conversa] abertas.

Joana: Na universidade e no meu dia a dia normalmente, porque como eu sou um pouco ligada assim, o meu grupo de amigas [da universidade também], a gente conversa bastante, mas onde eu consigo ouvir bastante sobre com outras pessoas que não seja eu, é na universidade. Em outros espaços é bem difícil. Na internet assim é onde eu consigo acompanhar, no Youtube, tem bastante youtuber que fala.

*Pamela: Acho que foi na faculdade [...] **existe um eu, antes da faculdade e depois da faculdade**, e eu não digo a faculdade, o curso, mas sim o ambiente universitário. Começou ali [na Universidade] e redes sociais hoje, Instagram, Facebook, acho que muito mais Instagram e Youtube.*

Amanda: Na internet, com certeza. Antes, no caso, ano passado, era na universidade, com certeza. Mas agora, mais na internet e nos meus grupos de amizade, mas de me informar, com certeza a internet.

Pesquisadora: Onde na universidade tu ouvia?

Amanda: Na universidade, no próprio programa de rádio que eu participava. [...] Mas dentro da sala de aula, eu acho que muito raro, só se a gente levasse um exemplo de um trabalho, ou o professor levasse algum exemplo que tivesse a ver com o tema. [...]. E em eventos também eu ouvia falar.

Além do ambiente universitário, o ambiente online também é destaque na fala das entrevistadas. Percebe-se que, após o término da graduação, os contatos com o feminismo se mantêm via o meio digital/online. Essa troca de ideias existente no ambiente universitário acontece também nos ambientes online, por isso, nossas entrevistadas relatam manter o contato com o feminismo através das redes sociais.

Para Isadora (doutoranda), Joane (graduada) e Paula (graduada), as redes sociais são os principais canais de acesso a assuntos relacionados ao feminismo. Para Costa (2018, p. 46), o feminismo em rede possui características próprias, é um lugar onde as diferentes experiências das mulheres são expostas e trocadas. Os relatos pessoais têm se revelado como relatos de afetação e instigado a mobilizações.

Isadora: Ah, eu acho que nas redes sociais, na série que eu olhei, que daí eu já sigo no Instagram sobre a série, e daí o pessoal fala muito [comenta], porque a série fala muito do feminismo, [...] eu acho bem importante, eu fico bem triste quando mulheres falam mal do feminismo, daí tipo 'ah', eu fico com muita raiva (risos).

Joane: Acho que principalmente na internet, por exemplo no Facebook tem umas páginas que eu curto, ou blogs, que pelo Facebook a gente acaba indo pra esses lugares, aí a partir disso a gente vê. Eu procuro livros, filmes, principalmente na Netflix.

Paula: hoje eu sigo bastante páginas [na internet], no Instagram, sobre bastante coisas que fala disso.

Juliane ainda comenta que é mais fácil se inserir e discutir sobre feminismo em grupos fechados online, com pessoas que entendem sobre o que é o movimento do que com pessoas que discordam das ideias do feminismo. Enfatiza as redes sociais como lugar de troca para as mulheres e ainda relata como a ideia de feminismo ainda é muito distorcida na sociedade.

*Juliane: Eu acho que hoje muito mais em redes sociais e às vezes quando eu converso com algumas amigas, mas ainda, para o nível de convivência que eu tenho é pouco. É muito mais a gente parar pra ler um texto na internet, em **alguma rede social ou em um grupo [em redes sociais] que é formado só por mulheres e tá ali dentro e ali ouvir, do que ouvir do lado de fora**, porque o feminismo ainda é visto como uma coisa tão negativa, que eu acho que as pessoas ainda veem o feminismo como aquele... não como um movimento de empoderamento, sabe?! Mas como um movimento só pra mostrar que eu também posso e não porque eu posso. Então eu acho que é mais fácil tu enxergar e discutir o que é feminismo quando tu tá com pessoas que entendem do assunto, só que geralmente é muito mais em redes sociais do que ao vivo.*

Íris (estudante) ao ser questionada sobre sua independência, avalia sobre como sua inserção no ambiente universitário contribuiu para debater assuntos que o programa Amor & Sexo lança, principalmente, com sua mãe. Acredita que esse debate contribuiu para suas respectivas independências:

Íris: Hoje, por eu estar na universidade e ter contato com essas coisas mais acadêmicas eu consigo também trazer pra ela [sua mãe] esse lado. A gente tem essa troca, eu trago pra ela esses debates mais sérios. Algumas coisas que ela também não entendia ainda muito bem – por ter sido criada em São Borja. Apesar de tudo, algumas coisas ela não entendia muito bem. Agora ela tá mais aberta.

O contexto em que as interlocutoras estão localizadas interfere no modo como elas se apropriam das ideias do Amor & Sexo. Não apenas a inserção delas no ambiente universitário, mas também o deslocamento do interior para um centro maior – como Santa Maria⁸⁹, mostra-se importante. Ou seja, a partir da inserção delas no contexto universitário/em uma cidade maior, os temas debatidos no programa passam a fazer sentido em suas vidas. Isso revela como a apropriação não ocorre de forma automática. As condições contextuais são extremamente relevantes nos processos de apropriação de conteúdos em circulação na mídia.

A chave da questão é o contexto. Claramente, nenhuma tecnologia tem impactos diretos - pois temos que começar com a questão de como as pessoas (diferencialmente) vem sua relevância, e suas respostas, evidentemente, serão guiadas por seu repertório cultural existente; a outra questão é, então, como elas (diversamente) ignoram ou mobilizam essas tecnologias (MORLEY, p. 2015, p. 21-22).

Segundo Silverstone (p. 129 – 130, 2005 apud RONSINI) os indivíduos e o social estão ligados de diversas maneiras. Situados institucionalmente, os sujeitos, em suas relações com a mídia, se transformam com o espaço social, mas também, os espaços sociais são transformados. As interlocutoras mostram como o contexto e a apropriação que fazem dos temas estão interligados. As mesmas temáticas que, anteriormente ao convívio no ambiente universitário, não despertavam interesse, passam a ser relevantes. As entrevistadas ainda mostram como suas inserções nesse novo contexto, contribuiu para reflexões sobre si e sobre os outros.

Joana: Desde que eu entrei na universidade eu pesquiso bastante sobre o feminismo, sobre mulheres. Antes de eu vir pra Santa Maria, eu lembro bastante de um [episódio] que mostrou o corpo, tipo acho que as pessoas tavam nuas praticamente e como eu comecei a me desconstruir quando eu vim pra Santa Maria, aquilo pra mim foi muito chocante [...] E aí a partir de quando eu vim pra cá eu vi

⁸⁹ Santa Maria é localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul. A cidade possui cerca de 277.309 (2016) habitantes, com grande fluxo de pessoas graças às instituições educacionais.

que não era tudo isso... Quando assistia ele [o programa], eu assistia e pronto, não me provocava reflexão, hoje em dia comigo na universidade, acho que isso abre muito a cabeça da gente. [...] Antes, pra mim, não tinha importância falar sobre esses temas. E eu não sentia falta deles, também. [...] Eu reflito sobre tudo agora, e consigo pensar nos outros bastante, [...] A minha situação é diferente dos outros, que eu não posso comparar a minha dificuldade com a dificuldade dos outros. [...] Quando tu te permites falar sobre o tema, tu já começa a aceitar ele melhor.

Amanda: No colégio eu não tinha a mentalidade que eu tenho agora. Então, eu assistia e eu achava ok, mas eu acho que depois que eu entrei na universidade muita coisa mudou. Foi uma mudança gritante. Então, eu acho que o que mais me mudou foi a universidade e não o programa. [...] Só de tu entrar na faculdade tu tem acesso a muita coisa que não tinha no colégio, então eu acho que fica muito essa coisa do antes e depois, do que eu era e o que eu me tornei... quando começou [o episódio que assistimos], eu pensei 'meu Deus do céu, isso era muito eu antigamente.

Nessa mesma lógica, Juliane comenta que ao sair da cidade onde morava e ingressar na faculdade começou a enxergar com mais naturalidade as questões “tabus” que Amor & Sexo aborda. Para Pamela, a entrada na universidade expandiu seu conhecimento sobre diversas questões. Quando assistia ao programa, não chegava a refletir sobre as temáticas; após a entrada no ambiente universitário, começou a ter acesso sobre assuntos que não ouvia nem no colégio, nem com os pais.

Pamela: Quando eu assistia, eu não tava nem na faculdade, depois, claro, tu entra na faculdade... ainda mais na Comunicação, que tu tem um aprofundamento maior, mas naquela época [antes de entrar na faculdade], acho que tudo era novo, porque, por exemplo, meus pais nunca sentaram comigo e conversaram sobre sexo, eu nunca tive isso, a gente não aprende no colégio, a gente aprende sobre biologia... [Eu] ter tipo a oportunidade e o privilégio de ter feito faculdade, uma universidade federal, e viver nesse ambiente, eu acho que me tornou bastante independente, também. Não só o conhecimento técnico, mas de vivência e convivência com outras pessoas.

Juliane: Eu sempre morei numa cidade que era um 'ovo', muito pequena, e quando começou a aparecer casais gays, era um escândalo. Daí, depois conviver na faculdade era mais aberto, era mais normal, mais natural e ela [a Fernanda Lima] consegue trazer essas questões pro programa, tu volta a enxergar com naturalidade, tu vê que é normal.

Ao se descrever, Íris vai além, reflete sobre seu lugar de mulher no espaço que ocupa (universidade) e sua responsabilidade em debater sobre a(s) voz(es) feminina(s) em seu curso, um ambiente dominado por homens. A fala de Íris evidencia que, além dela ter se transformado com o ambiente, o ambiente também se transformou.

Íris: O ambiente define muito, pensamentos que eu tinha na época, eu me orgulho de hoje não ter. [...]. E eu acho importante eu ter a capacidade de instigar outras pessoas, outras mulheres a chegarem onde elas quiserem chegar, assim como eu quero. O meu curso, de Engenharia Elétrica, é um ambiente bastante pesado para as meninas, e eu tentei fazer isso durante a graduação e eu acredito que consegui demonstrar pra outras meninas que nós temos nossa voz lá dentro. E eu fiquei bem

feliz de ver outras meninas tendo essas discussões dentro do Centro de Tecnologia, que não se via. Eu levava essas discussões pra lá e era uma espécie de gerar um briga. Lá acontece muito dessa polarização política [partidos de direita e esquerda] e acontece de meninas negarem o feminismo lá dentro, só que negam quando chegam. [...] Quando eu cheguei lá [no Centro de Tecnologia] não tinha nenhum debate disso, agora o Centro mesmo tá se importando e buscando debater essas questões lá dentro.

Por fim, cabe uma ênfase à importância do ambiente universitário, pois além das interlocutoras estarem inseridas nesse meio, ou já terem passado por ele, foi uma pauta enfática e espontânea de nossas entrevistadas. Isto é, em nenhum momento da entrevista foram solicitadas a falar sobre a universidade.

A questão sobre onde elas mais escutam falar do feminismo foi incluída após as três primeiras entrevistas⁹⁰, de Luna, Alice e Íris, por isso, essa pergunta não estava entre os questionamentos feitos à elas. Mesmo não sendo indagada sobre onde escuta falar do feminismo, Íris enfatiza o ambiente universitário ao se descrever, mostrando como o ambiente faz “parte” de quem ela é. Alice e Luna não destacam o ambiente universitário. Paula (graduada), Isadora (pós-graduanda) e Joane (graduada) enfatizam o ambiente online, *Netflix*⁹¹ e livros como canais de acesso ao feminismo. Enquanto as demais entrevistadas, enfatizam o contexto universitário.

Para Ferreira (2015), a relação entre feminismo, tecnologia e internet possui um potencial transformador, uma vez que as apropriações tanto das tecnologias, quanto de seus conteúdos acontecem horizontalmente, ou seja, de forma mais dinâmica e menos hierárquica. Dessa forma, as interlocutoras se sentem à vontade para procurarem/ trocarem informações no ambiente online. As falas de Juliane enfatizam essa viés.

É possível perceber que o ambiente universitário é um contexto fundamental onde determinadas apropriações são efetivadas. Mostrando-se como um ambiente propício para discussões referentes ao feminismo. Na seção abaixo, observamos como as entrevistadas movimentam-se e posicionam-se em relação ao (s) feminismo (s).

6.3 FEMINISMO(S) EM PAUTA

Nesta seção, o objetivo é abordar como as questões relativas ao(s) feminismo(s) se manifestam na vida das mulheres entrevistadas. Algumas questões são provocadas pela assistência do programa Amor & Sexo; outras, por se recordarem de experiências

⁹⁰ A estratégia metodológica qualitativa permite esse tipo de flexibilidade na pesquisa.

⁹¹ Provedora global de filmes e séries de televisão via streaming.

vivenciadas; e, ainda, novas reflexões se constituem sobre o próprio papel da mulher na sociedade.

Buscamos compreender como as mulheres entrevistadas se apropriam de questões referentes ao feminismo/pós-feminismo em suas vidas. Ou seja, mesmo que suas falas não referendem diretamente o movimento feminista, são questões originadas pelo fenômeno pós-feminismo/feminismo. Os discursos das interlocutoras variam: ora partem para questões mais individuais, falando apenas de si, de questões referentes ao corpo, empoderamento e aceitação, ora revelam uma reclamação por igualdade entre homens e mulheres, uma das primeiras reivindicações do movimento feminista.

Porém, somente Paula, de todas as entrevistadas, fala de uma luta política coletiva entre as mulheres⁹². Quando questionada sobre onde mais costuma ouvir falar sobre feminismo, Paula relata uma experiência de assédio e como isso a fez buscar uma mobilização coletiva para o combate ao assédio feminino e fortalecer o movimento de mulheres. No entanto, revela que as desavenças e conflitos existentes dentro do grupo de mulheres, enfraqueceram a ideia.

*Paula: [Depois do assédio] Eu tava com muita vontade de fazer alguma coisa pra ajudar as pessoas que passavam pela mesma coisa que eu, [...] eu comecei a conversar com ela [uma amiga] sobre isso, e ela disse que ia me apresentar uma menina, que elas se reúnem... [...] eu queria fazer um grupo de mulheres aqui em Santa Maria, **tava bem desesperada na verdade, pra ter uma proteção**, ‘ah tipo, eu tô em tal lugar, tem alguém me seguindo e tô com medo’, **ter pra onde recorrer...** Mas é difícil, sabe, ainda tem muita competição feminina, tem muita coisa, mas eu acho que a gente tem que se apoiar. [...]. E nessa época eu tava procurando ler mais sobre [feminismo], procurando informação.*

A seguir, organizamos em dois tópicos principais, o modo como as mulheres entrevistadas se relacionam com o(s) feminismo(s). Em um primeiro momento, os relatos acerca do corpo, aceitação, empoderamento e poder de escolha, mostram-se configurar como premissas do fenômeno pós-feminista. Em um segundo momento, os discursos reivindicam igualdade entre mulheres e homens. Também, indicam mobilizações e contradições.

⁹² Também, Luna fala de “unidas venceremos”, mas como isso não existisse, logo fica apenas como um bordão.

6.3.1 Questões individuais e ênfase no corpo

Nesta subseção, apresentamos como as questões individuais revelam-se de forma significativa na fala das interlocutoras. A pauta do corpo⁹³, também, é expressiva no discurso das entrevistadas.

O corpo feminino, para Gill (2007), passa a ser cada vez mais central, ao invés de assumir menor importância. A mudança dessa perspectiva acontece de forma sutil via o fenômeno pós-feminista. De uma objetificação direta, as mulheres passam a serem vistas como sujeitos ativos, desejando mostrar seus corpos. Agora “são livres” para isso. O problema está em que as mulheres ainda são vistas como objetos sexuais, por grande parte da mídia e pela sociedade, também⁹⁴. Os casos de feminicídio/violência contra a mulher ainda são muito expressivos.

As interlocutoras atribuem um peso significativo ao corpo em seus discursos, ora atribuem ao corpo uma equivalência de ser mulher e de liberdade, ora relacionam corpo com o feminismo. Também é possível perceber um certo tipo de policiamento em relação a especificidades do corpo feminino. A forte ênfase atribuída ao corpo pode ser problemática. À medida que as interlocutoras espelham no corpo feminino o que as mulheres *são* (Gill, 2007), banalizando problematizações mais relevantes da luta feminina e conferindo ao corpo uma vigilância constante.

*Joana: Eu acho que o diferencial é mostrar o corpo, é não ter medo do que o público vai achar, vai lá e faz, porque querendo ou não tem gente que gosta e assiste. [...], eu acho que esse é o diferencial, mostrar o corpo, serem livres assim pra falar o que quiserem, pra falar palavrão e isso aí! (risos). [...]. Tem um padrão de mulher né?! A mulher tem que ser magra, ter bastante bunda, ter bastante peito, unha feita, cabelo arrumadinho [...] e quando a mulher não se encaixa nesse padrão ela se sente deslocada, se sente feia e acaba não se aceitando, **então no momento que ela aceita o corpo dela, que ela não tá no padrão mas mesmo assim ela é bonita do jeito que ela é**, então acho que é pra isso que eles trazem esses temas, aí dá pra relacionar o feminismo com essa coisa estética nesse sentido.*

Pesquisadora: Tu achas que a mulher é um tema recorrente no programa?

Paula: sim, eu acho que todos os programas que eu vi falava de alguma parte do corpo da mulher, de padrão, ou alguma parte específica, como o silicone [programa que vimos], ou de como a mulher é tratada, ou de luta da mulher.

Luna: A Fernanda Lima parece que faz com que nós mulheres nos sintamos bem com nosso próprio corpo, que a gente se valorize mais, que a gente se ame, que a gente seja livre, que a gente se aceite como somos. [...] Eu fiquei surpresa um ano em que o programa foi aberto e todos estavam nus, não sei se tu te lembra?! Até aquele apresentador que é o marido da Flávia Alessandra. Achei legal porque foi a

⁹³ Essa é uma das limitações teóricas da pesquisa. Apesar de trazermos algumas autoras/autores que problematizam o corpo, não conseguimos abranger de forma teórica o tema. Essa pauta não constava na entrevista, mas surgiu do campo.

⁹⁴ Das onze mulheres entrevistadas, três relatam terem passado por casos de assédio, simplesmente por usarem roupas que mostrem um pouco de seus corpos.

primeira vez que um programa de TV teve essa proposta, foi uma maneira para eles falarem que o nosso corpo é livre, que somos livres e podemos fazer o que bem entender com o nosso corpo, é nosso.

Feminismo, para as entrevistadas, é elas próprias se reconhecerem/se entenderem como “donas de si” e terem liberdade de escolha. Uma das críticas ao fenômeno pós-feminista é atribuir as escolhas, o sucesso e o reconhecimento à capacidade e ao esforço unicamente da mulher, amenizando o papel das estruturas maiores - como o patriarcado, o que muitas vezes é o grande empecilho para essas conquistas. Além disso, esse tipo de discurso sobre empoderamento pode se tornar tão clichê a ponto de ser incapacitante (FAHS, apud GILL; TOMS, 2019).

*Pamela: [Pausa prolongada] Eu acho que o feminismo é uma luta pra gente se reconhecer e se **entender como mulheres donas de si** e que a gente também pode fazer as coisas sabe. Tipo, não é a gente querer estar acima do homem, como sempre acabam interpretando, mas eu acho que é a luta da gente querer estar no mesmo lugar, que a gente pode estar no mesmo lugar, [...], ou até acima mesmo, porque têm mulheres que, sem dúvida que se destacam, assim como tem homens que se destacam.*

Alice mostra uma compreensão do que acredita ser uma mulher empoderada. Como vimos com Whelehan (2014), as narrativas sobre escolhas e empoderamento oferecem uma via simples para a libertação da dominação, dessa forma, torna-se difícil ver os conflitos situados nesse contexto com relação a outras realidades. Nesse sentido, Alice mostra uma visão otimista com relação a liberdade e escolhas.

*Alice: A Fernanda Lima, acho ela empoderada, que fala o que ela quer, tem um programa só dela. Me identifico com eles [Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert] sim, ainda mais agora, nos dias atuais que teve esse movimento **libertador pra todo mundo**. [...] [Feminismo] É o espaço da mulher na sociedade, é igualdade com os homens e o empoderamento feminino, poder falar o que tu quiser, poder fazer o que tu quiser, usar a roupa que tu quiser.*

Nessa direção, as entrevistadas também atribuem à mulher, o compromisso dela se aceitar para conquistar êxito. Esses discursos vão ao encontro do que Gill (2017) relata sobre conferir toda a responsabilidade às mulheres como uma forma de culpabilizá-las e consertá-las, ao invés de buscar uma transformação maior - da sociedade:

*Joana: acho que feminismo, primeiramente é se enxergar como alguém ‘eu sou mulher, sou alguém, tenho lugar aqui e com direitos’ [bate afirmativamente no sofá com as mãos], aí a partir disso tu construir o que tu acredita sobre o feminismo, mas acho que é isso, tu primeiro ter lugar, ter voz e tu ter um espaço, tu ter um espaço pra ti, eu acho que isso assim é uma primeira coisa pra começar um feminismo, **tu primeiro tem que te aceitar pra depois os outros te aceitarem né?! E eu acho que isso é o principal assim. [...]. Tu entender as tuas questões, tu contigo e tu com o mundo, e sei lá, rever padrões que muitas vezes tu tá seguindo que não são coisas tuas, [...], e tentar mudar padrões que são muito antigo que não segue***

mais hoje. É ver a nossa importância no mundo, porque que a gente é importante, porque que a gente faz diferença, porque a gente nunca viu a nossa real importância.

*Luna: É uma temática bem prazerosa [a do programa] porque ainda, infelizmente e atualmente, o que está acontecendo muito, é que nós mulheres temos aquela batalha 'ah, fulana é mais bonita que eu', 'sicrana é mais gostosa que eu', a gente não pode apenas se deter a olhar o outro, **a gente tem que olhar a si mesmo, e tem que se aceitar.***

Ao se descrever, Isadora reforça um tipo de discurso associado às questões de mérito. Enfatiza o fato de ela ter conquistado “coisas” e, por isso, não “aceitaria” ser inferiorizada por ser mulher. Uma questão problemática, já que nenhuma mulher aceita ser submissa. Se isso ocorre, é porque a mulher não tem escolha.

Isadora: Essa questão da mulher ser diminuída e etc., eu acho que eu nunca ia aceitar, então eu quero meu espaço porque eu conquistei ele, então, eu não quero que tirem de mim (risos), eu acho que sim, eu sou bem decidida. Eu sempre corri atrás das coisas que eu quis sabe?! Então, eu não quero que me inferiorizem porque eu sou mulher.

O feminismo para Amanda não precisa mais ser explicado. Para ela, todo mundo já sabe do que se trata. Uma das avaliações com relação ao pós-feminismo é que ele sugere que as mulheres já conquistaram tanto, que não precisaria mais se debater sobre o movimento. Mesmo assim, a interlocutora acredita que ainda há desigualdade de gênero.

*Amanda: Ah eu acho que é a igualdade, ou o a equidade – que o pessoal fala, de gênero. **Eu acho que explicar o conceito de feminismo tá muito batido né, todo mundo sabe**, mas eu acho que é a gente ter as mesmas oportunidades, é a gente ter o mesmo valor e ter o mesmo respeito que os homens. Apesar da gente estar super evoluídas, não, super evoluídas não, mas já ter evoluído, ter ganhado certo espaço. Mas em direção a evolução tem muita coisa ainda, o salário, que a mulher ganha menos que o homem a gente já sabe disso.*

A moderação/comedimento é uma característica enfatizada no discurso de Luna. Para ela, o feminismo pode existir, desde que ele “não gere muitas discussões”. Para o pós-feminismo, o movimento feminista precisa ser leve e divertido. Indo nesta direção, Luna revela que Fernanda Lima consegue representar “bem” o feminismo, pois faz isso de uma forma que não gera confrontos:

*Luna: Ela [Fernanda Lima] é já uma representação, **ela consegue lidar muito com o feminismo** e da melhor forma possível, porque ela trata o feminismo com mais alegria, sabe? Ela luta, mas com mais alegria, eu não sei nem te explicar, é uma forma assim, que **não gera muitas discussões**, muitos debates, muitas brigas.*

Luna considera a ênfase à mulher importante nos dias atuais e problematiza a posição da mulher na sociedade. Para ela, feminismo é uma luta pelo reconhecimento, mas também questiona as mulheres que são “feministas demais” ou que estão “lutando muito”. Luna revela

um certo repúdio e preconceito com relação ao feminismo. Parece relacioná-lo ao status de “feminismo radical”. A interlocutora também comenta que algumas mulheres estão intimidando os homens por estarem numa posição de poder:

Luna: Vamos lembrar do passado, a mulher não era vista, hoje em dia já as coisas mudaram, graças a Deus, as mulheres hoje estão até adquirindo mais... até no emprego, tão adquirindo mais postura, e isso tá até intimidando alguns homens, né?!

*Luna: [Feminismo] É tu lutar pelas coisas, lutar pelo direito de tu falar o que realmente pensa, sem ser criticada, como machista, que muitas vezes ‘ah aquela ali tá sendo machista’, ‘ah aquela ali tá sendo feminista demais’. Não pode haver mais isso, sabe?! Eu não curto isso, aliás, **eu nem sei se eu sou totalmente feminista**, por exemplo. Feminismo é uma luta das mulheres serem reconhecidas, eu penso assim, não sei se eu tô pensando errado, mas eu diria assim, que elas estão lutado muito, mas de uma forma meio brusca até. Por exemplo, teve uma vez que muitas feministas saíram fazer protesto em São Paulo contra o Bolsonaro, mas só que elas começaram a ficar nuas e fazer baderna e isso para mim já não é mais feminismo. **Querem lutar, lutem! Mas não precisa fazer baderna, não precisa se ridicularizar**, eu diria. Eu concordo até com os protestos, mas tem que manejar um pouco, hoje em dia até o Brasil tá escasso disso, eu lutaria, se me chamassem um dia assim ‘vamos lutar, nós mulheres’ todas unidas venceremos e sempre vencemos.*

Em determinados momentos, as interlocutoras associam as questões relacionadas ao feminismo como algo mais individual, apesar de reconhecerem que ainda existem desigualdades de gênero.

Aproximam a problemática de si e não de um movimento coletivo de luta feminina; o sujeito “nós” é substituído pelo “eu”, o que pode enfraquecer o movimento feminista, já que ao invés de uma mobilização coletiva, o foco fica no entorno de uma transformação individual. Nesse sentido, nenhuma interlocutora reconhece o peso que as estruturas patriarcais têm nas disparidades entre homens e mulheres. O patriarcado, por exemplo, em nenhum momento é sequer citado. Nem mesmo problematizam questões relativas ao poder do sistema do patriarcado, mesmo que indiretamente. Como comenta Gill (2017, p. 145), a mídia, ao apresentar figuras empoderadas e de sucesso, não confronta o patriarcado, a heteronormatividade ou o capitalismo. Se limita a apresentar apenas uma via fácil e acessível que se alinha ao mero sucesso de mulheres.

6.3.2 Ações e contradições

Ao serem questionados sobre questões referentes ao feminismo, temáticas tangenciadas no programa/com relação à Fernanda Lima/Rodrigo Hilbert, as interlocutoras questionam algumas questões, refletem sobre a posição da mulher na sociedade, sobre como o movimento feminista se apresenta para elas e o que elas fazem com isso. Porém, em alguns momentos, suas falas também expressam contradição.

As entrevistadas relatam como se relacionam com o feminismo em suas vidas e em suas convivências. Comentam, ainda, que buscam conscientizar a família com relação ao feminismo para torná-las pessoas melhores. Destaca-se também, como a marca geracional é acentuada no discurso das interlocutoras. Amanda, por exemplo, faz questão de reeducar o irmão – mais novo, enquanto entende a incapacidade de transformar o pai – de outra geração.

Amanda: [...] Eu acho que a gente tem que conscientizar, têm gente que fala ‘ah o feminismo precisa excluir os homens’, mas a gente precisa educar e reeducar o homem. [...]. Meu irmão mais novo ‘ai, dá um trabalho’, ele tem 20 anos, volta e meia eu falo, causo discussão lá em casa [...], o meu pai, eu entendo, porque é outra geração, tem outro pensamento [...]. Mas o meu irmão eu luto todos os dias pra tornar ele um homem melhor, um homem que entenda as coisas, mas ele tá bem ok agora, eu ensinei bastante pra ele e minha mãe também, é meu exemplo, todo o dia eu ensino coisa pra ela, então a minha mãe é feminista, graças a mim, ela diz isso. Eu sempre ensino, ‘mãe, isso é errado’, identidade de gênero eu já ensinei pra ela, eu sempre vou tentando dar toque feminista na vida das pessoas, porque nem todo mundo tem o acesso que a gente tem.

Íris se mostra inconformada que existam mulheres que ainda neguem o feminismo. O relato de Íris, de que mulheres negam o feminismo por falta de informação, entra em concordância com o que ocorreu no final da década de 1970. Nesse período, feministas acadêmicas - especialmente socialistas e europeias, ao reconhecerem que as imagens de mulheres que dominavam na mídia eram subordinadas e opressivas às diversas mulheres - e grupos feministas começaram a interromper concursos de beleza, etiquetar anúncios ofensivos às mulheres em lugares públicos e jogar tinta vermelha em anúncios de pornografia. Isso tudo engajou mulheres em atos públicos para conscientizar as pessoas sobre as representações sexistas de figuras femininas. Essas ações fizeram com que essas mulheres fossem vistas como “amargas” e incapazes de competir em termos de sucesso e atratividade com aquelas mulheres que estavam representadas na mídia. Esse status de feministas radicais se mantém ainda nos dias atuais (WHELEHAN, 2014). Esse pode ser o motivo pelo qual Luna nega o feminismo, pois essas mulheres, segunda ela, estariam “lutando demais” e “se ridicularizando”.

Íris tem cuidado ao formular sua resposta sobre o que é feminismo e parece um pouco confusa. Sua mãe aparece no momento em que ela está respondendo à questão. Então, Íris a questiona e sua mãe responde: “é ser mulher! ”. Ela comenta que era exatamente isso que estava tentando explicar ali e acaba por concluir que seria uma interligação com ser mulher:

Íris: Não que seja um requisito, mas é como um autoconhecimento. Uma mistura de pré-requisitos, é tu enquanto mulher ter que – não é ‘ter que’, eu não quero ser tão impositiva assim também. Mas não faz sentido pra mim, ser mulher e negar o feminismo. É um termo [feminismo] que tá sendo usado pejorativamente, manipulado, pra provocar disputa e luta entre mulheres, e é justamente o que o

feminismo combate né?! Então, eu acho que não é cabível tu ser mulher nos dias de hoje, usufruir do que outras mulheres feministas conquistaram pra nós, negando essa luta tão importante. Então eu acho que quem nega o feminismo é muito mais por falta de conhecimento do que por ter consciência do que tá fazendo... ‘O que é feminismo pra ti mãe?’

Laura critica um certo “feminismo ao extremo” das mulheres que depreciam os homens. A interlocutora é a única entrevistada que enfatiza a questão do feminismo com relacionamentos. Ainda, relata que existem diferenças entre homens e mulheres, e que por isso, feminismo não seria uma busca por uma igualdade total. Um desafio ao feminismo contemporâneo diz respeito ao modo de reconhecer as diferenças entre mulheres e homens, sem cair no determinismo biológico que naturalizaria as desigualdades pelas diferenças de gênero (HARDING, 2019, p. 25). O feminismo não desconsidera as diferenças entre homens e mulheres, mas busca “conhecer as implicações dessa configuração corpórea diversa sobre as relações sociais e a vida intelectual” (Idem).

*Laura: (Suspiro) acho que é esse empoderamento da mulher, não é assim a mulher se colocar totalmente em igualdade com os homens, porque **a gente tem as nossas diferenças, mas essas diferenças não podem ser simplesmente pelo fato de ser homem ou mulher sabe?! Eu acho que as mulheres vêm crescendo hoje em dia, no mercado de trabalho, nessa luta assim, mas o feminismo pra mim não é aquela coisa **contra o homem** sabe, algumas ainda levam o **feminismo ao extremo** né, que colocam o homem lá embaixo, eu acho que não, eu acho que o feminismo é essa parte de igualdade mesmo, de luta com os direitos que a gente tem. É se diz ainda né, que quando tu fala que é feminista é ‘ah então tu não gosta de homem’.***

Entretanto, ao citar características do relacionamento de Rodrigo Hilbert e Fernanda Lima, Laura difunde uma ideia machista. Relata que Rodrigo Hilbert “deve ter bastante confiança” em Fernanda Lima por ela usar roupas mais sensuais. Segundo Saffioti (1988), “a lógica que preside à operação das relações de gênero é dialética, ou seja, contraditória (apud SAFFIOTI, 1992, p. 193). O machismo é tão fortemente enraizado nas relações sociais, que as mulheres muitas vezes acabam reforçando essas ideias. Nesse sentido, “as relações de gênero, evidentemente, refletem concepções de gênero internalizadas por homens e mulheres. Eis porque o machismo não constitui privilégio de homens, sendo a maioria das mulheres também suas portadoras” (SAFFIOTI, 1992, p. 193). Abaixo, o relato da entrevistada.

*Laura: Companheirismo, e confiança acho, **até porque pra ela trabalhar assim né, as roupas que ela usa no programa**, esse tipo de coisa, claro que são dois atores também, já estão acostumados com isso, mas esse tipo de coisa **tem que ter bastante confiança**.*

Juliane comenta que, apesar de muitas mulheres se considerarem feministas, continuam reproduzindo práticas machistas. Além disso, problematiza a suposta liberdade que

as mulheres possuem. Juliane parece alinhada às críticas feitas ao fenômeno pós-feminista, em que supostamente as mulheres teriam alcançado liberdade total.

*Juliane: [Feminismo] Pra mim, tá muito mais querer a mesma coisa que um homem. Eu acho que o movimento [feminista] é importante pra gente como um todo, não é só pra eu ter um emprego melhor, ou pra eu conseguir os mesmos direitos que outra pessoa vai ter, só que eu queria que além de eu entender a pessoa mais velha que eu também conseguisse entender com os mesmos olhos sabe, porque querendo ou não o mundo ainda é muito fechado pra essas coisas. Tipo não é aquela questão da igualdade, porque tipo assim: apesar de a gente ser mulher, a gente **'ah, eu sou feminista, mas eu ainda tenho mais confiança em ir em um médico homem do que em uma médica mulher'**, tipo eu tô doente, eu tenho mais confiança que um homem me atenda do que uma mulher por achar que ela vai poder menos. [...]. Que nem eu falei, **a gente tem a nossa liberdade**, a gente entende que a gente pode, **mas a gente pode até onde sabe?!***

Paula, por outro lado, questiona determinadas questões de igualdade de gêneros sobre algumas dinâmicas que aparecem no episódio assistido e percebe diferenças entre o programa que viu – que foi de 2012 e dos programas mais atuais. Ao mesmo tempo, reconhece que a diferença no tratamento do corpo feminismo e masculino se deve ao fato histórico do machismo.

*Paula: Algumas coisas que me fizeram pensar, claro que tem toda uma questão histórica de machismo e tal, mas eu **achei estranho assim, na mulher não pode tocar [nos peitos], mas na hora de descobrir se o homem tinha [silicone] podia abraçar, podia tocar, podia fazer qualquer coisa sabe. Essas coisas eu fico pensando sabe, eu acho bem bom, mas algumas coisas poderiam ser mudadas. [...]. Se não pode tocar [nos peitos das mulheres], não pode tocar no homem também. Nesses últimos [programas] como eu te falei, parece que tinha mais uma liberdade, claro, que ali mostrou peitos e tal, mas isso também na hora que mostrou os peitos, ela [Fernanda Lima] falou [pro diretor] pode isso?! Os últimos já não perguntavam, mostrava, ficavam pelados, mas eu acho legal essa participação do público, porque tu vê que é uma coisa assim, eu acho, pelo menos, que era uma coisa assim muito natural, que não era ensaiado, pra mim parecia ser muito espontâneo.***

Quando questionada sobre o programa assistido, Alice, apesar de comentar sobre as mulheres terem vergonha de falar sobre sexo/masturbação feminina/genitália feminina - temas abordados no programa, também parece constrangida ao responder. Não usa esses termos ao se referir a eles. Joana, que escolheu o mesmo programa, também relata que o considera importante por tratar de assuntos que muitas mulheres têm vergonha de falar. Luna, principalmente, reconhece em Fernanda Lima uma mulher capaz de instigar a autoestima nas mulheres. O programa, nesse sentido, possui temas transgressoras e importantes para as mulheres. Já que, para as entrevistadas, essas pautas legitimam os assuntos que para elas – e para outras mulheres são considerados como tabus e vergonhosos” para serem expostos abertamente. Joana, por exemplo, considera que falar sobre assuntos sexuais específicos

femininos, pode ajudar as mulheres a sentirem mais coragem para tratar de questões que sempre foram reprimidas para elas.

*Joana: Essa questão de orgasmo e ‘ah’ vagina, e essas coisas, é tipo um tabu e todo mundo têm vergonha de falar essas palavras, e é o único programa [o Amor & Sexo] que aborda, então eu achei bem importante falar. Tem muitas mulheres que têm vergonha de falar que se masturbam ou algumas coisas e eu acho que isso tá sendo desconstruído né?! [...] eu acho que pela questão do empoderamento também, **pra dar mais coragem pras mulheres** fazerem essas coisas e tudo mais.*

Alice: Achei bem bom e importante, tanto para as mulheres quanto para os homens, porque muitas vezes as mulheres tem vergonha de falar... e tal, e os homens, para mostrar para eles que existem limites, né?! (Alice).

Pesquisadora: Tu estás te referindo a vergonha de falar da genitália feminina e assédio sexual? [Assuntos tratados no episódio que assistimos juntas].

Alice: sim, isso!

Luna: Eu conheci a Fernanda Lima através desse programa, porque nas novelas eu não gostava tanto, assim que ela criou o programa eu passei a me interessar mais, porque além dela fazer um programa sobre amor e sexo, parece que ela busca fazer com que nós mulheres tenhamos autoestima.

Ao serem questionadas sobre os ataques que Fernanda Lima sofreu, Joane comenta que “até demorou pra isso acontecer”, já que o programa é um espaço onde se fala abertamente de assuntos polêmicos. Já Laura relata que os ataques à apresentadora decorrem da existência de machismo na sociedade. Porém, ela mesma continua reforçando o machismo, já que atribui a causa dos ataques ao fato da apresentadora usar roupas sensuais e falar abertamente de vários assuntos.

*Laura: Eu acredito que aconteceu isso porque o machismo ainda é muito forte na nossa sociedade e por mais que as novas gerações tenham mudado isso... por exemplo, eu não cozinho, quem cozinha é meu namorado, e as próprias mulheres ficam assim ‘ah mas tu não cozinha’ e são da nossa idade! Então é muito forte isso, é como se tu só por ser mulher tivesses que cozinhar, **é muito forte isso ainda e por ela ser mulher e por ela se expor tanto**, acaba afetando, tem gente que não gosta. [...]. Ou até às vezes dela usar roupa sensual e dela fala disso sabe, eles juntam muito as coisas, como se porque ela tá com aquela roupa, eles pudessem falar, tipo **ela tá com roupa curta então pode xingar ela...** sei lá, acho que tem muito a ver com isso.*

Joane: Eu acho que até demorou pra acontecer, né, porque é um lugar de fala bem aberto, e eu acho que ela fez o certo de denunciar [O Eduardo Costa] porque por mais que seja um programa aberto pra falar sobre tudo, não é um local de ataque e essas coisas que ele fez, eu acho que tudo bem ser um programa aberto, mas tudo tem seus limites.

Por fim, é possível afirmar que as mulheres entrevistadas se apropriam do feminismo de formas diferentes e fluidas. Algumas interlocutoras relatam como o feminismo mudou suas vidas, ampliando seus conhecimentos sobre o mundo e sobre si. Íris e Amanda, especificamente, relatam como após se conscientizarem sobre o feminismo levaram esse conhecimento às suas mães – ou a outras pessoas.

A desigualdade de gênero é debate recorrente na fala das entrevistadas. Estar no mesmo lugar e ter os mesmos direitos que os homens estão entre as reivindicações de nossas interlocutoras. Entretanto, em alguns momentos, elas expressam certas contradições em relação ao movimento, mostrando certo repúdio às ideias do feminismo ou ainda reforçando princípios machistas.

Questões individuais são recorrentes nos seus discursos. Muitas consideram que feminismo é a mulher se reconhecer como tal, se aceitar, se amar e se autoconhecer/auto reconhecer. O que gera uma responsabilidade em torno da figura da mulher e não da sociedade. Outra pauta acentuada que apareceu recorrentemente nas entrevistas, tratou sobre o corpo. O corpo estaria ligado à confiança e à liberdade da mulher, o que pode ser problemático, já que desloca questões mais importantes relativas à luta das mulheres no enfrentamento de problemas. Além disso, a aparência passa a ser sinônimo de sucesso ou fracasso. Dessa forma, o corpo da mulher passa a ser cada vez mais policiado e vigiado. Nessa perspectiva há uma lacuna entre a luta política do movimento feminista e as questões centradas no indivíduo. Reiteramos que Paula é a única que enfatiza questões da luta coletiva das mulheres.

É importante enfatizar que a pauta do corpo feminino pode ser extremamente relevante para a luta feminista, entendendo o corpo como político. Porém, o discurso das interlocutoras em relação ao corpo e às questões individuais é problemático, justamente, por não focar nas questões mais relevantes, como a violência ao corpo feminino, por exemplo.

O próprio movimento feminista é problematizado por nossas interlocutoras. Ora ele necessitaria explicar mais a sua causa, ora ele já está “muito batido”, legitimado e conhecido, ou ainda é mal compreendido, já que algumas abordam questões sobre um “feminismo radical”. O feminismo, em geral, se apresenta como algo importante e necessário para todas as entrevistadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomei como ponto de partida a percepção sobre um certo tipo de “feminismo em alta”, tanto na mídia, quanto no espaço social. A partir disso, busquei analisar as apropriações de diferentes mulheres sobre questões relativas à essas questões. Para alcançar essa compreensão, percorri o caminho que nos guiou a este ponto de chegada.

Nesse trajeto, passei pela escolha de *Amor & Sexo*, pela relevância na TV brasileira, por se direcionar às mulheres e por se autodefinir – em especial, pela posição assumida da apresentadora, como feminista. Para análise das apropriações das mulheres, optei por métodos e técnicas qualitativas que pudessem nos oferecer flexibilidade na atividade empírica.

A pesquisa foi fundamentada nos Estudos Culturais e na trajetória de pesquisadoras feministas, algumas delas associadas ao CCCS. Além disso, busquei compreender as especificidades da epistemologia feminista, como meio de produção alternativa de conhecimento que se opõe à “ciência neutra”.

Por essa razão, entendo que as entrevistadas são mais apropriadamente interlocutoras. Durante o campo, não apenas “coletei dados” junto a elas, mas vivenciei e estive implicada no processo de contatá-las, ouvi-las e, claro, de organizar, sistematizar a produção deste relatório. Nesse sentido, compreender a epistemologia feminista me ajudou a entender que não sou neutra nesse processo – como supõe a “ciência neutra”. Eu, como mulher pesquisadora e todas as marcas identitárias que carrego comigo, interferem e modificam o modo de construir conhecimento.

Ciente de tudo isso, foi necessário incorporar a *interseccionalidade* como ferramenta teórico-metodológica. Para além de apresentar o termo, foi indispensável incorporar mulheres com diferentes marcas identitárias na pesquisa.

Após ter construído as bases para o trabalho, busquei entender os processos que envolvem a apropriação midiática e como atuam na construção das identidades/subjetividades das mulheres.

Para compreender a apropriação de temáticas de *Amor & Sexo*, foi necessário ampliar o entendimento sobre o fenômeno pós-feminista, detalhar o produto midiático e a trajetória da apresentadora do programa, Fernanda Lima. Através disso, foi possível identificar manifestações desse fenômeno em *Amor & Sexo*. Apesar da análise do programa não ser o foco da pesquisa, foi necessário compreender suas dinâmicas para instigar a conversa com as interlocutoras.

Por meio da assistência conjunta e os questionamentos desta pesquisadora, as interlocutoras foram motivadas a refletir sobre os seus contextos, suas próprias vidas e seus entornos sociais. A partir disso, foram instigadas a falar sobre o papel social da mulher, machismo, preconceito, representatividade, liberdade, aceitação, empoderamento, igualdade de gênero, relacionamentos e assédio. As interlocutoras ainda refletiram sobre suas experiências enquanto mulheres, relatando e reconhecendo casos de assédio, de opressão, de preconceito e machismo.

Foi possível compreender a apropriação de diferentes mulheres sobre temáticas debatidas em Amor & Sexo. O programa selecionado serviu como um mediador de temas e uma potente via de acesso à assuntos relativos à suas vidas.

O interesse das telespectadoras por Amor & Sexo está centrado nele se apresentar como um recurso para debates sobre assuntos que dizem respeito às sexualidades e tabus. Temáticas que dificilmente elas teriam acesso e legitimidade para tratar por outra via. Enfim, o programa, mediante a voz de sua apresentadora, legitima temas, torna-os públicos, permitindo sua vocalização – principalmente, em ambientes privados.

Por outro lado, Amor & Sexo se mostrou como mais uma via para as interlocutoras se apropriarem de questões relativas ao (s) feminismo (s). Portanto, junto com o programa, o contexto vivido e/ou online e os marcadores sociais que cada uma carrega consigo manifestaram-se como fundamentais para a construção das subjetividades/identidades das mulheres entrevistadas.

Ao tencionar o conceito de interseccionalidade em nossa pesquisa, conseguimos atentar para as seguintes questões: as mulheres de cores de pele e classes diferentes se apropriam das mensagens de formas contrastantes quando a questão em pauta é representatividade/identidade/subjetividade, porém, de forma semelhante quando a pauta é feminismo. Isto é, a posição de classe e a questão racial não evidenciam distinções quanto às questões relativas ao feminismo, mas sim, quando a pauta é representacional, sobretudo, no que diz respeito às diferentes cores de pele.

As interlocutoras negras/ “pretas” ou “pardas”, apesar de considerar importante o papel desempenhado pela apresentadora, Fernanda Lima na TV, questionam sua representatividade demarcando a cor da pele, a classe e a posição social que ela ocupa. Logo, reconhecem especificidades na figura da apresentadora: ela é branca, da elite, heterossexual, características que lhe atribuem uma determinada condição de ser mulher.

Em nossa pesquisa, a classe também se mostrou um marcador capaz de modificar a apropriação das mulheres. Autodeclarada negra, nossa interlocutora de maior poder aquisitivo

não questiona de forma enfática a questão racial, embora aponte de forma indireta como a questão a afeta.

As interlocutoras que se autodeclaram brancas, apesar de não demarcar amplamente a cor de pele de Fernanda Lima, enfatizam outros marcadores identitários, como a geração, o padrão de corpo/beleza e a aparência da apresentadora. Portanto, algumas interlocutoras – que se autodeclaram brancas, em certos momentos demarcam a cor da pele de Fernanda Lima, no entanto, pouco exploram esse viés. Já que elas vivem em condições diferentes, com experiências que não são atravessadas pela discriminação e pelo racismo, por exemplo.

O contexto universitário se revelou como essencial para compreensão/apropriação das entrevistadas sobre assuntos relativos às questões do feminismo. As interlocutoras relatam que a partir do ingresso nesse ambiente passam a se enxergar como mulheres feministas. Nesse sentido, a inserção no contexto universitário é um marco em suas vidas, constituindo-se em definidor da forma de perceber vários aspectos relativos às suas experiências. É possível ainda apontar que, não apenas o ambiente universitário é relevante, mas também o deslocamento do interior para um centro maior, como Santa Maria (RS), mostrou-se fundamental para suas apropriações. O ambiente online também se revelou um mediador importante para manter o vínculo com o feminismo na vida dessas mulheres.

O que fica evidente é que a efervescência feminista dos últimos anos pode ser positiva, em alguns aspectos, e ambivalente, em outros. Inserir a pauta do feminismo na mídia, em publicações online ou em produtos mercantis, pode aumentar a consciência das mulheres sobre seu lugar na sociedade e desconstruir o repúdio, lastrado em décadas de representações maniqueístas e preconceituosas, em torno do movimento feminista. Entretanto, essa visibilidade pode ser problemática. Para nossas interlocutoras, o feminismo se apresenta como um movimento mais voltado para um sentido de transformação individual – delas como mulheres, do que de uma transformação em nível estrutural, problematizando o patriarcado ou o capitalismo, por exemplo. Embora algumas interlocutoras busquem levar o conhecimento sobre o feminismo para sua família e amigos/colegas, de qualquer forma, essas transformações se mantêm restritas ao âmbito de sua vida cotidiana. Obviamente, isso é significativo.

O problema está em deslocar a ênfase das barreiras estruturais e focar nas transformações individuais, o que obstaculiza a luta das mulheres pela igualdade de gênero em um nível mais abrangente e basilar. Dessa forma, Amor & Sexo as interpela mais em nível pessoal do que provocando algum impacto que gere uma ação no espaço social e público.

As estruturas como a mídia, o capitalismo e o patriarcado convertem os ideais feministas em novas convenções que, muitas vezes, além de não incentivar à ação (GILL, 2019), podem ser nocivos. A obsessão pelo corpo/aparência, a busca pelo sucesso pessoal/profissional/ e de autoestima pelo esforço unicamente da mulher, pode gerar frustrações. As desigualdades para as mulheres e *entre* as mulheres são extremamente acentuadas em questões de violência, direitos, salários, acessos à saúde e educação. Além das questões de gênero, essas narrativas de sucesso e liberdade de escolha são simplificações do feminismo, que, normalmente, continuam perpetuando desigualdades e reproduzindo padrões estéticos e de comportamento.

Nossa intenção na pesquisa não foi apontar ou classificar as interlocutoras como “puramente” feministas ou pós-feministas. A intenção do trabalho foi mostrar como as entrevistadas se apropriam de temas relevantes para as próprias mulheres. Além disso, é importante apontar que as ideias do pós-feminismo não substituem o feminismo, mas coexistem, o que foi possível identificar em diversos relatos das interlocutoras. Apesar de seus relatos indicarem posições relativas às ideias do pós-feminismo, também carregam consigo valores de luta pela igualdade de gênero.

Por fim, é importante marcar as limitações de nossa pesquisa. Apesar de trazermos alguns aspectos teóricos sobre o corpo, consideramos que não foi suficientemente problematizado. Porém, é necessário ressaltar que essa problemática adquiriu tal relevância a partir das vozes das mulheres entrevistadas. Em relação à questão geracional, mesmo tendo justificado sua desconsideração, tal aspecto, juntamente, com questões sobre sexualidade foram problematizações, também, destacadas e vocalizadas pelas entrevistadas. Logo, podem ser aspectos a investigar em um novo desenvolvimento deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo, Pólen, 2019.
- BARBERO, Jesús-Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- _____, Jesús-Martín. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século**. In: MORAES, Denis de. (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BEAUD, S. e WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BENTO, M; SILVA, M.; SILVA JR, H. (orgs.). **Políticas públicas de promoção da igualdade racial**. São Paulo: CEERT, 2010.
- BOSI, Eclea. **Cultura de massa e cultura popular: Leituras de operárias**. Petrópolis, Vozes, 2007 [1972].
- BOURDIEU, Pierre and WACQUANT, Loïc. **An invitation to reflexive sociology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- BRAH, Avtar. **Cartographies of Diaspora: Contesting identities**. London and New York: Routledge, 1996.
- _____, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos pagu** (26), janeiro-junho de 2006.
- BRUNSDON, Charlotte. **A thief in the night: Stories of feminism in the 1970's at CCCS**. In MORLEY, David & CHEN, Kuan-Hsing (eds.) *Stuart Hall - Critical dialogues in cultural studies*. London/New York: Routledge, p. 276-286, 1996.
- _____, Charlotte. **'It is well known that by nature women are inclined to be rather personal'**. In CCCS Selected Working Papers - Volume 2. Editorial Selection, 2007.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estrategias para entrar y salir de la modernidade**. México: Grijalbo, 1990.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) **Pensamento feminista brasileiro – Formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Cristiane. Rede. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Explosão feminista: arte, cultura política e universidade**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro, Gramond, 2004.

DÍAZ, I. G. **Mujeres que ‘interrumpen’ procesos: las primeras antologias feministas en los Estudios Culturales**. Estudos Feministas, 2009, 17 (2), p. 417-443.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **A contribuição do olhar feminista**. Intexto: UFRGS, 1998. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/3367/3951>>. Acesso em 19/11/2018.

_____, Ana Carolina D. **Comunicação e gênero** [recurso eletrônico]: a aventura da pesquisa / (Org.) – Porto. Alegre : EDIPUCRS, 2008. 173 p.

_____, Ana Carolina D. **Stuart Hall e feminismo: revisitado relações**. MATRIZES. V.10 - Nº 3 set/dez. 2016. São Paulo – Brasil, p. 61-76.

_____, Ana Carolina D. **Mídia e questões de gênero no Brasil: pesquisa, categorias e feminismos**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, Gêneros e Sexualidades do XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2019.

_____, Ana Carolina D.; MUNIR, Simone Dahleh. **Jornalismo e Feminismo: do que tratam as teses e dissertações em Comunicação do período de 2001 a 2018?** ÂNCORA, Ano 6 vol.6 N.2 | Jul./Dez. João Pessoa, 2019.

FECHINE, Yvana. **Gêneros Televisuais: a dinâmica dos formatos**. Ciências, Humanidades e Letras. Universidade Católica de Pernambuco. Ano 5. Nº 1 janeiro-junho. 2001.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. **cadernos pagu**(44), janeiro-junho de 2015:199-228.

FIGARO, Roseli, BRIGNOL, Dutra Liliane (Org.). **Trabalho do pesquisador: os desafios da empiria em estudos de recepção**. Curitiba: Appris, 2017.

FRASER, Nancy. **O feminismo, o capitalismo e astúcia da história**. Mediações, v.14, n.2, p.11-33, 2009.b

FREIRE FILHO, João. A Sociedade do Espetáculo revisitada. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre: v. 10, n. 22, 2003.

_____, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 28, 2005.

_____, João. Como ser uma “Adolescente Liberada” no terceiro milênio. In **Reinvenções da Resistência Juvenil – os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad X, P. 111-162, 2007.

GENZ, Stéphanie; BRABON, Benjamin A. **Postfeminism: cultural texts and theories**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2009.

GILL, Rosalind. **Postfeminist Media Culture: Elements of a Sensibility**. European journal of cultural studies, 2007, 10 (2). pp. 147-166.

_____, Rosalind. **Post-postfeminism? New feminist visibilities in postfeminist times**. Feminist Media Studies, 2016, 16(4), pp. 610-630.

_____, Rosalind. “**Não queremos só mais bolo, queremos toda a padaria!**”. Entrevista: Matrizes. Reino Unido, 2017.

_____, R. S.; TOMS, K. Trending now: feminism, sexism, misogyny and postfeminism in British journalism. **Journalism, Gender and Power**. Londres: Routledge, 2019.

HALL, Stuart. **Cultural Identity and Diaspora**. In: RUTHERFORD, Jonathan (Org.). Identity: Community, Culture, Difference. London: Lawrence & Wishart, 1990. p. 222-237.

_____, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. 1997.

_____, S. Os estudos culturais e seu legado tórico. In: SOVIK, Liv (org.) **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Stuart Hall. Belo Horizonte: UFMG, 2003

_____, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In SILVA, Tomáz Tadeu Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Vozes, 2000.

_____, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HAWKESWORHT, Mary. **A semiótica de um enterro prematuro: o feminismo em uma era pós-feminista**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 12(3): 272, setembro-dezembro/2006.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1 Junho 2014.

hooks, bell. O olhar opositor: mulheres negras espectadoras. In hooks, b. **Olhares negros – raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, São Paulo. EDUSC, 2001.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos Cebrap**, 2010. v86: 93-103. [Em francês, “Dynamique et consubstantialité des rapports sociaux”. In: Dorlin, E. (org.). Sexe, race, classe: pour une épistémologie de la domination. Paris, puf, Actuel Marx Confrontations, 2009, pp. 111-125.].

LANA, Lígia. A mulher bem-sucedida e a participação da internet na construção de celebridades femininas. **Intercom**. Manaus – AM. 2013

LEAL, Tatiane. **A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia**. Rio de Janeiro, 2019.

LIBARDI, Guilherme. Panorama dos estudos sobre interseccionalidade no Brasil (2008-2018): notas gerais e especificidades dos objetos empíricos comunicacionais. Trabalho apresentado ao GT Comunicação, Gêneros e Sexualidades, **XXVIII Compós**, 2019, Porto Alegre.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação– INTERCOM**. São Paulo, vol. XVI, n.2, 1993.

_____, Maria Immacolata Vassallo de. **Algumas reflexões metodológicas sobre a recepção televisiva transmídia**. Revista GEMInIs. 2014.

MCROBBIE, Angela. **Post-feminism and popular culture: Bridget Jones and the new gender regime**. In: CURRAN, James; MORLEY, David. Media and Cultural Theory. London/New York: Routledge, 2006, p. 59-69.

Memoria Globo Disponível em:
<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/amor-sexo/fotos-e-videos.htm>. Acesso em: 31/10/2018.

MORLEY, David. Televisão, tecnologia e cultura: uma abordagem contextualizada. **PARÁGRAFO**. JAN./JUN. V. 1, N. 3, 2015.

NASCIMENTO, Fernanda. **Estudos culturais e estudos descoloniais: diálogos e rupturas na construção de uma pesquisa de recepção**. Novos Olhares - Vol.7 N.1, 2018.

NERI, Marcelo. **A Nova Classe Média**. Rio de Janeiro, Centro de Políticas Sociais/FGV Editora, 2008.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. La condición comunicacional contemporânea. Desafíos latinoamericanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red. In: JACKS,

Nilda (Coord.). **Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro**. Quito: CIESPAL, 2011. p. 377-408.

ORTIZ, Renato. **Identidades culturais no contexto da globalização**. São Paulo: Comunicação & Educação, 2000.

O GLOBO. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/djamila-ribeiro-estreia-na-bancada-de-amor-sexo-diz-que-preciso-ser-didatica-na-tv-23153005>>. Acesso dia 28/03/2018

PINHEIRO, Luana Simões. **Os dilemas da construção do sujeito no feminismo da pós-modernidade**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. - Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) **Pensamento feminista brasileiro – Formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RONSINI, Veneza Mayora; SILVA, Renata Córdova da . Apropriações da cultura (sem classe) da mídia. **INTERCOM** (São Paulo), v. 31, p. 55-74, 2008.

_____, Veneza Mayora. Telenovelas e a questão da feminilidade de classe. **Matrizes** (Online), v. 10, p. 45-60, 2016.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. DOSSIÊ MULHERES NEGRAS experiências, vivências e ativismos. Os estudos feministas e o racismo epistêmico. **GÊNERO**, Niterói, v.16, n.2, p. 7-32, 2016.

SALATA, André Ricardo. Quem é Classe Média no Brasil? Um Estudo sobre Identidades de Classe. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 58, no 1, 2015

SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric; MORLEY, David. Tecnologías de la información y de la comunicación y la economía moral de la familia. In: SILVERSTONE, Roger; HIRSCH, Eric (Eds.). **Los efectos de la nueva comunicación**. El consumo de la moderna tecnología em El hogar y em La familia. Barcelona: Bosch, 1996. p. 39-57.

SKEGGS, Beverley. **Formation of class and gender**. SAGE Publications, 2002.

THOMPSON, E.P. **A Formação Operária da Classe Inglesa 1: a árvore da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Vozes, Rio de Janeiro, 1998.

UOL- Folha de S. Paulo: **Globo mostra coragem ao tomar posição em programas como ‘Amor & Sexo’**. Disponível em <<https://telepadi.folha.uol.com.br/globo-mostra-ousadia-aotomar-posicao-em-programas-como-amor-sexo/>>. Acesso em: 08/11/2018.

WHELEHAN, Imelda. **Representing Women in Popular Culture**. The SAGE Handbook of Feminist Theory. 2014, pp. 232-250.

REFERÊNCIAS DO ESTADO DA ARTE

ALMEIDA, Amanda Queiroz de. **#Girlswithtattoos: o corpo como território social'** Mestrado em Comunicação e Linguagens. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2017.

ALVES, Soraya Ferreira. **A escritura semiótico-diagramática de Virginia Woolf: interfaces comunicativas.** Doutorado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

ANGONESE, Marjolie. **Pornocultura e feminismo: as SuicideGirls ao vivo no Facebook.** Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ARAÚJO, Betania Maciel de. **Mulher e Ciência: Questões e problemas da inserção feminina na pesquisa científica identificados pela "agenda setting" de dois periódicos científicos internacionais.** Doutorado em Comunicação social. Universidade Metodista de São Paulo, 2002.

ARIAS, Karina Fanny Fernandez. **Mulher Negra na Política: Imagem veiculada na imprensa.** Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BALESTIERI, Camille Roberta. **Tecnologia (d)e gênero: vetores interseccionais para a análise das feminilidades brasileiras.** Mestrado em Comunicação. Universidade federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

BAMONTE, Joedy Luciana Barros Martins. **Legado - gestações da arte contemporânea: leituras de imagens e contextualizações do "feminismo" na cultura e na criação plástica.** Doutorado em Ciências da Comunicação universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BATISTA, Beatriz Beraldo. **Por saias e causas justas: Feminismo, comunicação e consumo na Marcha das Vadias São Paulo.** Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo. Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2014.

BERNARDES, Marcia. **Toda nudez será castigada? Sentidos construídos a partir do uso do corpo nu da mulher em performances ativistas.** Doutorado em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2017.

BILINSKI, Deise. **Eternamente Pagú, Leila Diniz, Olga e Zuzu Angel: a mulher como protagonista.** Mestrado em Comunicação e Linguagens. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008.

BOHN, Edgard. **A revista Capricho: imaginário, ficção e realidade.** Mestrado em Comunicação. Universidade Paulista, São Paulo, 2007.

BRAGA, Leila Pereira. **Questão de justiça: paridade participativa no enquadramento midiático do movimento feminista.** Mestrado em Comunicação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

CARDOSO, Viviane Garbelini. **Minha roupa não é um convite”: uma análise da construção do discurso feminista da revista Elle Brasil**. Mestrado em Comunicação. Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2017.

CARDOSO, Elizabeth da Penha. **Imprensa feminista pós-1974**. Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CASTRO, Luciana Gouvea Hage de. **Gênero e o impeachment de Dilma Rouseff: uma análise de páginas de Facebook Feministas e de mulheres ativistas na Amazônia**. Mestrado em Comunicação, Cultura. Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

CUNHA, Maria Aparecida Ladeira da. **Nas ruas e nas redes: ativismo e ecologia da comunicação na Marcha Mundial das Mulheres**. Mestrado em Comunicação. Universidade Paulista, São Paulo, 2015.

COELHO, Ana Paula Pereira. **Do sujeito ao ciborgue: ciberfeminismo e teoria feminista para o século XXI Narrativas de ativismo feminista em rede no Twitter**. Mestrado em Comunicação e Territorialidades. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

CORJUA, Paula. **Expressões do(s) feminismo(s) : discussões do público com a youtuber Jout Jout**. Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

COSTA, Tatiane Leal. **A mulher poderosa: construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro**. Mestrado em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CRUZ, Agnes Sofia Guimaraes. **Dados e narrativas sobre a violência contra mulheres negras: uma análise da cobertura noticiosa da Folha de São Paulo e do conteúdo produzido pelo Portal Geledés**. Mestrado em Comunicação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bauru, 2018.

DANTAS, Daiany Ferreira. **Corpos Visíveis: matéria e performance no cinema de mulheres**. Doutorado em Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

DIAS, Flavia Thais Sobrinho Souza. **Feminismos nas fanfarras de rua carioca: os estudos de caso do bloco Mulheres Rodadas e da brass band Damas de Ferro**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

DIAS, Iara de Jesus. **Mulheres jornalistas**. Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ESCOBAR, Giane Vargas. **“Para encher os olhos”: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do clube treze de maio de santa maria no jornal A Razão (1960-1980)**, Doutorado em Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

FAVORETTO, Julia. **Que protagonismo é esse? Amor e Pós-feminismo nas comédias românticas brasileiras**. Mestrado em Comunicação e Cultura – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO, 2018.

FELDMANN, Anna Flavia. **Feminismo em pauta: um estudo sobre mulheres e jornalismo alternativo**. Doutorado em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, 2018.

FERREIRA, Juliana Cristina da Silva. **Em busca da autonomia da mulher: análise do contrato de comunicação da Marcha das Vadias**. Mestrado em Comunicação e Semiótica Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

FERNANDES, Danubia de Andrade. **Mulher, mulata e migrante: modalidades representativas de uma tripla alteridade em jornais da Europa**. Doutorado em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

GALDINO, Ana Elisa Ferreira. **Música pop e sentidos políticos: usos e apropriações das performances de Beyoncé por mulheres ouvintes**. Mestrado em Comunicação. Universidade Paulista, São Paulo, 2018.

GELAIN, Gabriela Cleveston. **“RELEITURAS, TRANSIÇÕES E DISSIDÊNCIAS DA SUBCULTURA RIOT GRRRL NO BRASIL”**. Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

GOMES, Marco Aurelio Paiva. **Uma visão sobre as transgressões da heteronormatividade no cinema contemporâneo**. Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

Kiraly, Elaine Cristina. **Middlemarch: Um Estudo da Condição Feminina Inglesa no Século XIX**. Mestrado em Comunicação e Letras. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1999.

LEITE, Fernanda Capibaribe. **Narrativas de gênero, cenários em trânsito: pelo dever feminista em audiovisuais contemporâneos**. Doutorado em Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

LEMOS, Lis Carolinne. **Não é pela vida das mulheres: o aborto nas eleições de 2010 recife**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

LEMOS, Marina Gazire. **Ciberfeminismo: novos discursos do feminino em redes eletrônicas**. Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LIMA, Luísa Guimarães. **Quem é Você Mulher: construção e representação do feminino em revista**. Mestrado em Comunicação. Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

LOBO, Carolina Cerqueira. **Lugar de mulher: uma cartografia da construção discursiva da liberdade nas revistas femininas**. Doutorado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

LOPES, Maria Madalena de Freitas. **Como as mulheres amam - uma leitura semiótica-psicanalítica do amor feminino**. Doutorado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

LOPES, Paula Cunha. **“Mídia, poder e gênero: a crítica feminista latino-americana a partir das representações das presidentas Dilma Rouseff, Michelle Bachelet e Cristina Kirchner”**. Mestrado em Comunicação Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

LUNA, Amanda Matos de. **Assim que nasce uma criança, nasce uma mãe**. Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura. Universidade da Amazônia, Belém, 2018.

LUZ, Paulo Junior Melo da. **Alice no país da cocaína: a recepção das personagens latinas narcotraficantes da série Queen Of the South**. Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

LUZ, Suelyn Cristina Carneiro da. **A participação das mulheres nos movimentos agroecológico e feminista e a contribuição do jornal Brasil de Fato**. Mestrado em Comunicação. Universidade Est.Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2014.

MACHADO, Viviane Ramos. **O jornalismo como palco de disputas discursivas: o movimento feminista no jornal a gazeta do espírito santo (1986-2016)**. Mestrado em Comunicação e Territorialidades. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

MARTINS, Carla Ludmila Maia. **Sob o risco do Gênero: Clausuras, rasuras e afetos de um cinema com mulheres**. Doutorado em Comunicação social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MATEUS, Suzana Maria de Sousa. **Narrativas do feminino nas performances de Beyoncé**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

MEDEIROS, Camila Maria Torres. **Jovens e Divas: construção do feminino na mídia contemporânea**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MEIRELLES, Clara Fernandes. **Prazer e resistência: a legitimação do melodrama nos contextos acadêmicos anglo-americano e brasileiro**. Mestrado em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MESSA, Márcia Rejane Postiglioni. **As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o Pós-feminismo**. Mestrado em Comunicação Social– Fac. De Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

MONTEIRO, Lieli Karine Vieira Loures Malard. **Estupro na imprensa: o processo de trabalho de jornalistas e profissionais de direito na cobertura do caso Roger Abdelmassih pelo jornal Folha de S.Paulo (2009-2015), na perspectiva de estudos de jornalismo, da legislação e das práticas do Poder Judiciário**. Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Marianna Costa. **Mulher Maravilha: corpo e figurino nas representações visuais da personagem na série de televisão e no filme**. Mestrado em Comunicação e Linguagens. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2018.

OLIVEIRA, Rodrigo Oliveira de. **Garotas que jogam videogame: expressões de identidade e interações sobre cultura gamer no facebook**. Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

PEREIRA, Jessica Oliveira. **“Meu corpo, minhas regras”? Feminismos e os sentidos do corpo em rede digital**. Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

PINTO, Amanda Marques. **Corpo em ruínas, uma análise das ações performativas de Paula Garcia**. Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

PISA, Licia Frezza. **Androginia como identidade contemporânea: a construção do ethos em revistas nacionais**. Doutorado em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

PFAEFFLE, Amalia Eugenia Fischer. **Mídia e cartografias feministas: estratégias comunicativas e micropolíticas**. Tese de Doutorado em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2001.

PONTES, Debora Fajardo. **Como as revistas femininas brasileiras identificam as representações da sexualidade feminina – um estudo de caso sobre as revistas Lola, Nova e Marie Claire**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

ROCHA, Larissa Leda Fonseca. **Má! Maravilhosa!: Lindas, louras e poderosas, o embelezamento da vilania na telenovela brasileira**. Doutorado em Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RODRIGUES, Lais Modelli. **Blogs coletivos feministas: um estudo sobre o feminismo brasileiro na era das redes sociais na internet**. Mestrado em Comunicação. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bauru. 2016.

ROXO, Lais Coutinho. **GirlPower: a representação do feminino nos quadrinhos**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

SANTOS, Erica Ramos Sarmet dos. **“ SIN PORNO NO HAY POSPORNO ” : Corpo, Excesso e Ambivalência na América Latina**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

SANTOS, Janaina Aline. **‘O que o feminismo tem a ver com o dia da mulher?’: ressignificações do discurso sobre movimentos feministas por meio da interatividade em comentários de notícias no site de rede social facebook**. Mestrado em Comunicação e Linguagens. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2018.

SARMENTO, Raysa. **Das sufragistas às ativistas 2.0: Feminismo, mídia e política no Brasil (1921-2016)**. Tese de Doutorado, Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

SEBASTIÃO, Ana Angelica. **Memória, Imaginário e Poder: práticas comunicativas e de ressignificação das organizações de mulheres negras**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SIFUENTES, Lírian. **“TODO MUNDO FALA MAL, MAS TODO MUNDO VÊ”:** ESTUDO COMPARATIVO DO CONSUMO DE TELENOVELA POR MULHERES DE DIFERENTES CLASSES. Tese em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SILBERSTEIN, Emilia Silveira. **Reflexões sobre o pensamento científico: um diálogo entre as críticas feministas à ciência e a semiótica de C. S. Peirce**. Mestrado em Comunicação. Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SILVA, Ana Beatriz Rangel Pessanha da. **Comunicação e Gênero: as narrativas dos movimentos feministas contemporâneos**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Barbara Tuanni Veloso da. **Parir, verbo político: - tensões discursivas sobre o parto**. Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura. Universidade da Amazônia, Belém, 2017.

SILVA, Carolina Rodrigues Freitas e. **COMO ESTES E NÃO OUTROS EM SEU LUGAR? Um olhar parcial sobre as condições de existência de discursos jornalísticos acerca do aborto**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SILVA, Carolina de Oliveira. **Ausentes, Vingativas, Irreverentes, Infantis: As personagens femininas na obra de Quentin Tarantino**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2017.

SILVA, Conceicao de Maria Ferreira da. **Mulheres negras e (in)visibilidade: imaginários sobre a intersecção de raça e gênero no cinema brasileiro (1999-2009)**. Doutorado em Comunicação. Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SILVA, Denise Teresinha da. **"Mulher e publicidade: um estudo da produção e da recepção da identidade da mulher-mãe na mídia televisiva"**. Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2002.

SILVA, Ellis Regina Araújo da. **Transgressão e felicidade: uma abordagem da temática homossexual a partir das cartas dos leitores enviadas à revista G Magazine**. Mestrado em Comunicação. Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

SILVA, Regina Cardoso da. **Violência contra a mulher, políticas públicas e telenovela - intersecções possíveis: o caso Fina Estampa**. Mestrado em Comunicação e Cultura. Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2013.

SILVEIRA, Dionísio Pedro da. **Adélia Prado: a matriz**. Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SOUZA, Elisete Josefa de. **VULVAS ORGÂNICAS: A autoformação da militância feminista nas redes sociais**. Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2016.

SOUZA, Rafaela Martins de. **Exploda minha cidade teorias feministas e o cinema de Chantal Akerman**. Mestrado em Comunicação. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

SUAREZ, Pablo de Soto. **Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno: vivendo con el problema en Fukushima**. Doutorado em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. **Movimentos sociais em rede e a construção de identidades: A Marcha das Vadias - SM e a experiência do feminismo em redes de comunicação**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

VALLE, Isabella Chianca Bessa Ribeiro do. **Mulheres fotógrafas: resistências, enfrentamentos e as redes de (in)visibilidade no contexto do Recife**. Doutorado em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

VELOSO, Ana Maria da Conceição. **O Fenômeno Rádio Mulher: comunicação e gênero nas ondas do rádio**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

_____, Ana Maria da Conceição. **Gênero, Poder e Resistência: As mulheres nas indústrias culturais em 11 países**. Doutorado em Comunicação Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

VIEIRA, Vera de Fatima. **Comunicação e feminismo: as possibilidades da era digital**. Doutorado em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, 2012.

ZANOLLI, Bruna. **Espectros feministas: contribuições para pensar o espectro radiofônico**. 26/05/2017 94 f. Mestrado em Comunicação. Universidade federal do rio de janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ZIMBERG, GABRIELA. **O antifeminismo: mapeamento dos discursos antagonistas do movimento feminista na internet**. Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

WANDERLEY, Natalia Lopes. **O que porra é cinema de mulher? A mostra cinema de mulher e o desvelar do machismo no audiovisual pernambucano**. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS**Entrevista Semiaberta**

1. Nome: Real (e nome fictício que ela gostaria de usar para identifica-la na entrevista)
2. Frequência que assiste ao programa:
3. Já assistiu a programas com temáticas parecidas do Amor & Sexo? Lembra de algum?
4. O que achou do programa que acabamos de assistir? O que achou das temáticas que ele buscou abordar?
5. O que acha da Fernanda Lima? E do Rodrigo Hilbert? Como tu acha que é o relacionamento deles? Cite algumas características do casal.
6. Se identifica com eles?
7. Se identifica com o programa? Explica o motivo.
8. Lembra de um episódio em específico que te marcou do programa? Qual era o tema? Porque te chamou atenção?
9. Lembra dos ataques que o programa e a própria apresentadora sofreram ano passado (2018) pós eleição? (Relembrar caso ela não lembre) O que tu achaste disso?
10. Acha que a Fernanda Lima representa as mulheres? Porquê?
11. O que acha dos convidados do programa?
12. O que acha dos quadros do programa? Por exemplo, desse programa que assistimos?
13. O que achas do formato dele? O modo que ele interage com o auditório e os convidados? E com o público de casa? (Fernanda Lima pedindo para o público de casa usar # e interagir sobre os temas do programa).
14. Se sente inspirada com o programa? Se sente motivada a fazer algo quando assiste ele? A pensar algo diferente?
15. Viu algo de novo no programa? Algo que ainda não tinha ouvido falar sobre ou visto?
16. Onde tu escuta falar sobre/do feminismo?
17. O que é feminismo para ti?
18. O programa mudou tua visão sobre algo? Se sim, sobre o quê?
19. Quais são as bandeiras que o programa levanta? Tente listar pelo menos duas posições que

tu acreditas que ele defende e duas que ele critica.

20. Esse programa é diferente de outros que costuma assistir na TV? Se sim, qual o diferencial desse programa com relação a outros? Se não acha ele diferente, porquê?
21. Tu achas que o programa se dirige a um público específico? Porquê?
22. A mulher é um tema recorrente do programa? Porquê?
23. “A qual classe você acha que você pertence? E “ entre a lista de opções (classe alta, classe média alta, classe média, classe média baixa, classe trabalhadora, classe baixa/pobre e nenhuma classe), a qual classe você acha que pertence? ”
24. Se sente uma mulher independente? Se sim, o que te torna independente?
25. Como tu te descreve?
26. Algum aspecto ou comentário que tu queiras destacar?

APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

1. Nome:
2. Idade:
3. Cor da pele:
4. Religião:
5. Estado civil:
6. Possui filhos? Se sim, quantos?
7. Escolaridade: (Se for de graduação ou pós-graduação, especificar o curso):

- Escola Pública Escola Particular
 Universidade Pública Universidade Particular

8. Já fez algum curso de línguas? Se sim, qual (quais)?
9. Já fez algum curso profissionalizante? Se sim, qual (quais)?

Nas sete perguntas abaixo considerar esse fator: Se for estudante e morar em outra cidade especificar em cada residência.

10. Mora com quantas pessoas?
11. Mora em qual bairro?
12. Casa alugada, própria, emprestada ou financiada?
13. Quantos quartos possuem na sua casa?
14. Quantos aparelhos de TV possui na sua casa?
15. Possui computadores? Se sim, quantos?
16. Possui carro/moto?
17. Profissão/Ocupação:
18. Se for estudante, faz algum estágio remunerado ou recebe alguma bolsa? Qual o valor? (Especificar ser for estágio ou bolsa).
19. Trabalha atualmente? Se sim, onde?
20. Somando a sua renda (se possui) com a renda das pessoas que moram com você (ou ajudam no sustento da sua casa), quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

- (A) Nenhuma renda.
- (B) Até 1 salário mínimo (até R\$ R\$ 954,00).
- (C) De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ R\$ 954,00 até R\$ 1.908,00).
- (D) De 2 a 3 salários mínimos (de R\$ 1908,00 até R\$ 2.862,00).
- (E) De 3 a 4 salários mínimos (de R\$ 2.862,00 até R\$ 3.816,00).
- (F) De 4 a 6 salários mínimos (de R\$ 3.816,00 até R\$ R\$ 5.724,00).
- (G) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.724,00 até 8.586,00).
- (H) Mais de 10 salários mínimos (mais de R\$ 9.540).

21. Profissão de quem é responsável (ou contribui) pelo sustento da família, especificar a relação de parentesco contigo.
22. O que gosta de fazer no seu tempo livre/lazer? Cite pelo duas atividades e dois lugares que gosta de frequentar nesses momentos.
23. Quantas horas costuma ficar olhando TV por dia?
24. O que costuma assistir na TV? Cite pelo menos duas programações ou atrações.
25. Costuma assistir TV mais acompanhada ou sozinha? Se acompanhada, com quem?
26. O que costuma fazer enquanto assiste TV?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, em uma pesquisa. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora.

Título do projeto: “ Feminismo(s) Midiático(s): Apropriações de mulheres a partir de temáticas do programa televisivo Amor & Sexo”.

Pesquisadora: Simone Munir Dahleh

Telefone para contato: (55) 984426126

Orientadora: Ana Carolina Escosteguy

O objetivo desta pesquisa é identificar quais tipos de apropriação sobre o programa Amor & Sexo da rede globo é feito por mulheres. A sua participação na pesquisa consiste em entrevistas, a serem gravadas em áudio, e assistência do programa selecionado junto com a pesquisadora, ambas serão realizadas pela própria pesquisadora. Os procedimentos aplicados por esta pesquisa não oferecem risco a sua integridade moral, física, mental ou efeitos colaterais. As informações obtidas através da coleta de dados serão utilizadas para o desenvolvimento da dissertação da pesquisadora e possíveis desdobramentos da mesma, como artigos e papers. Caso não queira mais fazer parte da pesquisa, favor entrar em contato pelo telefone acima citado. Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa. Você poderá retirar o seu consentimento a qualquer momento.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa. Você poderá retirar o seu consentimento a qualquer momento.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____ RG _____
 _____ CPF _____, abaixo

assinado, concordo em participar do estudo como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, bem como os benefícios decorrentes da minha participação. Foi me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Local: _____ Data ____/____/____

 Assinatura da
 entrevistada